

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
HISTÓRIA**

ADRIANA KATIA DA SILVA

**SÃO BENEDITO PADROEIRO DE ACREÚNA: HISTÓRIA E TRADIÇÃO
CULTURAL**

**GOIÂNIA
2019**

ADRIANA KATIA DA SILVA

**SÃO BENEDITO PADROEIRO DE ACREÚNA: HISTÓRIA E TRADIÇÃO
CULTURAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), para a obtenção do título de Mestre em História sob a orientação da Professora Orientadora, Profa. Dra. Sibeli Aparecida Viana.

Linha de Pesquisa: Patrimônio Cultural e Territorialidade

**GOIÂNIA
2019**

S586s Silva, Adriana Katia da
São Benedito padroeiro de Acreúna : história e tradição
cultural / Adriana Katia da Silva.-- 2019.
128 f.: il.

Texto em português, com resumo em inglês
Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade
Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores
e Humanidades, Goiânia, 2019

Inclui referências: f. 108-114

1. Benedito - Santo, 1525-1589. 2. Santos cristãos
protetores - Acreúna (GO). 3. Acreúna (GO) - História.
4. Festas religiosas - Acreúna (GO). 5. Identidade.
6. Memória. 7. Tradição (Teologia). I.Viana, Sibeli
A - (Sibeli Aparecida). II.Pontifícia Universidade
Católica de Goiás - Programa de Pós-Graduação em História
- 2019. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 908(817.3)(043)
272-562(043)

SÃO BENEDITO PADROEIRO DE ACREÚNA: HISTÓRIA E TRADIÇÃO CULTURAL

Dissertação aprovada em 24 de junho de 2019, no curso de Mestrado em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Sibel Aparecida Viana
PUC Goiás / Presidente



Profa. Dra. Thaís Alves Marinho
PUC Goiás / Examinadora Interna



Prof. Dr. Diogo Menezes Costa
UFPA / Examinador Externo

Profa. Dra. Camila Azevedo de Moraes Wichers
UFG / Suplente

Prof. Dr. Julio Cezar Rubin de Rubin
PUC Goiás / Suplente

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus não só pelo dom da vida, mas também pela coragem que ele me deu de lutar e seguir em busca dos meus sonhos. Mesmo quando já não havia forças e esperanças em meu coração, ele com sua mão me guiou e me mostrou que nada é impossível para quem Nele crê, pois ele é o Deus do impossível. Obrigada Senhor, por ter me dado sabedoria e ideias para escrever esta Dissertação, bem como por enriquecer minha vida com amigos que me proporcionam um grande intercâmbio de vivências e aprendizagens.

Ao me deparar com o trabalho de Dissertação, imaginei uma longa jornada, esperando que não fosse percorrer a caminhada sozinha. Portanto, as pessoas envolvidas as quais fizeram parte desta trajetória, quero deixar registrado meu reconhecimento e gratidão.

Agradeço à minha grande e querida família, ao meu esposo Eurípedes e minha filha Anna Clara que sempre incentivou o meu desenvolvimento acadêmico, me apoiando em todos os momentos. Aos meus pais, pelo apoio cotidiano, pelo incentivo e pelo amor incondicional. Obrigada pelos incentivos que me fazem sentir prazer em estudar. Tenho muito orgulho de todos vocês por celebrarem cada conquista e me acompanharem sempre. Vocês são minha inspiração, minha essência e meu porto seguro!

À minha Orientadora Dra Sibeli Aparecida Viana, exemplo de professora, de uma generosidade sem igual. Obrigada por me mostrar o quanto de humanidade, leveza e alegria ainda cabem no espaço acadêmico! Obrigado por apostar no meu trabalho e me oportunizar construir conhecimento. Agradeço imensamente de coração, por ter me aceitado como orientanda, a qual sempre acolheu minhas dúvidas, buscando orientar-me da maneira mais amável possível, com imensa disponibilidade e compromisso, atenção e paciência, por todas as contribuições feitas a este trabalho, que diante das minhas dificuldades, soube me compreender orientar e valorizar a minha pesquisa com tanta competência! Grata pelo seu apoio! Saiba que aprendi muito com você, e tenha a certeza que a amizade que foi construída, vou carregar para a vida toda. Obrigada pelo respeito, pelo afeto gratuito e pelos incentivos que, foram também minha segurança. Obrigada por ter acreditado em mim!

“A cultura de um povo é o seu maior patrimônio. Preservá-la é resgatar a história, perpetuar valores, é permitir que as novas gerações não vivam sob as trevas do anonimato”. Nildo Lage

LISTA DE ABREVIATURAS E/OU SIGLAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

PU – Plano de Urbanização.

CODEPLAN – Companhia de Planejamento do Distrito Federal.

IEPHA-MG – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais

RN – Rio Grande do Norte

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

CNBB – Conferência Nacional de Bispos do Brasil

DNER – Departamento Nacional de Estradas e Rodagem

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Imagem do Beato Antônio de Categeró da Matriz de São Pedro, em Salvador na Bahia, possui aproximadamente 317 anos.....	28
Figura 02 – Imagem de São Benedito.....	32
Figura 03 – História de memórias subterrâneas nos sertões de Goiás em 1930.....	44
Figura 04 – Congada de Catalão.....	45
Figura 05 – Irmandade atuais da Santíssima Pirenópolis, Goiás.....	46
Figura 06 – Barraco de palha construído para orações em 1963.....	47
Figura 07 – A esquerda foto de 1966 início da construção da Paróquia e a direita a Atual Paróquia de São Benedito.....	48
Figura 08 – Residência e loja do Sr. Carmo Gramulha, em 1964.....	52
Figura 09 – Loja a União, de Manuel Madureira, a primeira loja de comércio de Acreúna.....	53
Figura 10 – Publicação do Diário Oficial sobre criação do município de Acreúna.....	54
Figura 11 – Benedicto Arystogogo 1934.....	58
Figura 12 – Benedicto Arystogogo e sua esposa Ana Nastre.....	60
Figura 13 – Primeiro mapa do loteamento de Acreúna, 1962.....	61
Figura 14 – Planta da Cidade de Acreúna.....	63
Figura 15 – Vista aérea cidade de Acreúna.....	64
Figura 16 – À esquerda, foto da escola em 1960 a direita foto atual 2019.....	68
Figura 17 – Folia dos Santos Reis no Município de Acreúna, ano 2017.....	72
Figura 18 – Festa homenagem a Nossa Senhora Aparecida.....	73
Figura 19 – Festa homenagem à São Benedito.....	74
Figura 20 – Festa Junina.....	75
Figura 21 – Paróquia São Benedito.....	79
Figura 22 – Convite da Festa do padroeiro São Benedito Cidade de Acreúna.....	82
Figura 23 – Carro ornamentado para a procissão de São Benedito.....	84
Figura 24 – Fiéis carregando o andor de São Benedito até o altar da Paróquia....	84
Figura 25 – Carro ornamentado para a procissão de São Benedito.....	85

Figura 26 – Procissão de São Benedito.....	85
Figura 27 – Articulação dos elementos religiosos, culturais, históricos.....	98

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 01 – População de Acreúna, residente por religião.....	69
--	----

SUMÁRIO

RESUMO	12
ABSTRACT	13
INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA NO BRASIL E EM GOIÁS	24
1.1 São Benedito, o padroeiro de Acreúna.....	31
1.2 Práticas religiosas e identidade cultural.....	35
1.3 As primeiras manifestações religiosas em Acreúna - do Cruzeiro à construção da Paróquia.....	46
CAPÍTULO 2 – A HISTÓRIA DE ACREÚNA	50
2.1 A fundação da cidade.....	57
2.2 O contexto sociopolítico e econômico de Acreúna.....	65
2.3 A população.....	68
2.4 As festas tradicionais.....	70
CAPÍTULO 3 – A FESTA DO SANTO PADROEIRO	78
CAPÍTULO 4 – A FESTA, O SANTO E A CIDADE	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS	107
RELAÇÃO DE ENTREVISTADOS/AS	114
QUESTIONÁRIO DA PESQUISA	116

RESUMO

Esta dissertação está inserida na linha de pesquisa Patrimônio Cultural e Territorialidade do Programa de Mestrado em História da PUC Goiás e tem como objetivo discutir as tradições e manifestações de religiosidade popular da festa de São Benedito como padroeiro da cidade de Acreúna, localizada na região sudoeste do estado de Goiás. A pesquisa parte do princípio de que os espaços escolhidos e/ou apropriados pelas sociedades humanas possuem uma significação cultural que os torna singular, definidor de identidade e que leva ao sentimento de pertencimento ao lugar. Esse envolvimento é fortalecido pelas práticas tradicionais relacionadas a preparação e realização da festa do padroeiro que têm ressonância no cotidiano da comunidade durante o ano. A problemática que estimula a pesquisa segue em dois eixos; discute os elementos que agenciaram a escolha de São Benedito como padroeiro de Acreúna, tomando por base a história e a tradição cultural do município; e busca a compreensão dos elementos que permeiam a articulação da Festa, do Santo e da Cidade, entendendo a Festa ao padroeiro São Benedito enquanto uma manifestação tradicional da Igreja Católica com aspectos de religiosidade popular; e a Cidade com seus moradores, enquanto agentes sociais ativos que no passado e presente legitimam tais eventos. Para isso, optou-se por uma pesquisa bibliográfica, documental e entrevista com moradores da cidade, selecionados de acordo com suas faixas etárias e agrupados em três grupos. O estudo está baseado nos pressupostos de Geertz (1989), Rosendahl (2008), Tuan (1983) e Pollak (1989), no que se refere à cultura e sua relação com as tradições culturais, as memórias e identidades, os lugares e aspectos da religiosidade popular. Os resultados alcançados demonstram que a tomada de decisão acerca da escolha de São Benedito como padroeiro está constituída por um mosaico de elementos que transcendem a questão religiosa, outros elementos teriam motivado, como questões pessoais, políticas e culturais. Espera-se que a análise dos dados amplie as discussões já existentes sobre o tema e revele ainda outros aspectos importantes, relacionados à história e à religião.

Palavras-chave: Acreúna. Festa de São Benedito. Identidade. Memória. Tradição Cultural.

ABSTRACT

This dissertation is part of the Cultural Heritage and Territoriality research line of the Master's Program in History of PUC Goiás and aims to discuss the traditions and manifestations of popular religiosity of the feast of St. Benedict as patron of the city of Acreúna, located in the southwest region of state of Goiás. The research assumes that the spaces chosen and / or appropriated by human societies have a cultural meaning that makes them unique, that defines identity and leads to the feeling of belonging to the place. This involvement is strengthened by the traditional practices related to the preparation and realization of the patron's feast that resonate in the daily life of the community during the year. The problem that stimulates the research follows in two axes; discusses the elements that led to the choice of Saint Benedict as Patron of Acreúna, based on the history and cultural tradition of the municipality; and seeks the understanding of the elements that permeate the articulation of the Feast, the Saint and the City, understanding the Feast to the patron Saint Benedict as a traditional manifestation of the Catholic Church with aspects of popular religiosity; and the City with its residents, as active social agents that in the past and present legitimize such events. For this, a bibliographical research, documentary and interview with residents of the city, selected according to their age groups and grouped in three groups was chosen. The study is based on the assumptions of Geertz (1989), Rosendahl (2008), Tuan (1983) and Pollak (1989), regarding culture and its relation to cultural traditions, memories and identities, places and aspects of popular religiosity. The results show that the decision on the choice of St. Benedict as patron is constituted by a mosaic of elements that transcend the religious question, other elements would have motivated as personal, political and cultural questions. It is hoped that the data analysis will broaden existing discussions on the topic and reveal other important aspects related to history and religion.

Keywords: Acreúna. Feast of Saint Benedict. Identity. Memory. Cultural Tradition.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar os aspectos históricos e culturais que teriam fundamentado a escolha de São Benedito como santo padroeiro da cidade de Acreúna, localizada na região sudoeste do estado de Goiás; assim como entender a religiosidade popular presente nessa cidade e vivenciada durante a festa de São Benedito, Santo considerado protetor dos negros e dos cozinheiros.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016), os municípios brasileiros têm em sua cultura religiosa e na sua história um santo padroeiro. No entanto, é comum os habitantes terem consciência acerca dos critérios envolvidos na escolha de seus santos padroeiros, seja esses motivos religiosos ou políticos. Esse é o caso, da maior parte da população de Acreúna.

Como a maioria das cidades do Brasil, Acreúna se formou sob os auspícios da religião católica. Trata-se de uma cidade nova, sua emancipação ocorreu em 14 de maio de 1976, através da Lei Estadual nº 8.086 e foi sancionada como o 223º como Município do Estado de Goiás, pelo Presidente da República (em exercício) General Adalberto Pereira dos Santos. Em 1º de janeiro de 1977 ocorreu a posse do primeiro prefeito municipal eleito, Sr. José Gomes Filho.

A cidade de Acreúna está localizada na região sudoeste do Estado, às margens da rodovia BR-060. Conforme dados estatísticos do último censo do IBGE (2010), o quantitativo populacional residente no município é de cerca de 20.279 pessoas. Nesse censo também está registrado que cerca de 12.019 habitantes são católicos apostólicos romanos, o que corresponde a 59% da população; 5.661 pessoas são evangélicas, sendo 28% da população e 373 pessoas declararam serem espíritas, nesse caso 2% do total amostrado. Além disso, cabe destacar que 7% dos Acreunenses não seguem nenhuma religião, outra parte, compreendendo 4%, frequentam de forma não sistemática um templo protestante. Observa-se que dentre as várias vertentes religiosas existentes na cidade, a religião católica é maioria, embora a religião evangélica tenha se destacado nos últimos anos; e não há registro de religião afrodescendente.

O município compreende uma área de 120 quilômetros quadrados e tem sua economia pautada no comércio e indústria de pequeno, médio e grande porte, predominando a pecuária e a agricultura, com plantações de milho, soja, cana-de-

açúcar e pequenas hortaliças, sendo que a população no geral pode ser considerada de baixa renda ou oriunda da classe média.

As festas religiosas registradas na cidade de Acreúna são: Festa de São Benedito no mês de abril, Festa de Nossa Senhora Aparecida, realizada em outubro e Festa da Bíblia, realizada pela Igreja Evangélica Assembleia de Deus Missão, no mês de dezembro. Observa-se, portanto, que em Acreúna há uma interação entre católicos, e outras religiões expressas na participação destes em festa vinculada à outra religião.

O fato de não existir muitas fontes bibliográficas e documentais acerca da fundação e das características originais de Acreúna, justifica dentre outros aspectos, a relevância do presente trabalho. Nesse sentido, essa pesquisa busca realizar uma análise crítica acerca dos elementos envolvidos na escolha do Santo padroeiro de Acreúna. Para isso, foi realizada uma investigação dos dados históricos e, sobretudo, investigado sobre a possibilidade da influência do poder político nas decisões religiosas e nas tradições culturais da cidade.

A pesquisa buscou, igualmente, compreender o surgimento da tradição da festa religiosa de devoção a São Benedito na referida cidade, a sua estrutura e seu processo de desenvolvimento e transformações ocorridas ao longo do tempo, tendo em vista que as tradições culturais são dinâmicas. Esse conjunto de dados subsidiaram as reflexões sobre o significado das tradições culturais e religiosas na construção da identidade e memória dos habitantes de Acreúna.

Nesses festejos, que ocorrem também em outras cidades do Estado, como Catalão, Caiapônia, Iporá e cidade de Goiás, diversos momentos marcam o ponto de fé dos devotos, como as novenas e procissões, tendo a Igreja como o espaço de fé e devoção, assim como momentos de coletividade onde aspectos de sociabilidade entre os fiéis se intensificam.

A festa religiosa de devoção à São Benedito em Acreúna tornou-se com o tempo um evento importante de celebração coletiva entre fiéis e com a participação das pessoas oriundas de diversas cidades adjacentes, ampliando assim, o número de participantes desse evento.

Esse evento religioso tem sido realizado de maneira tradicional, constituído não somente pela sua dimensão sagrada, mas também pela profana, que vem ganhando ao longo do tempo maior dimensão, com a instalação de atrativos, como

barracas de bebidas, apresentação de grupos de música, barracas de leilões e vendas de produtos diversos.

Em relação a data da referida Festa no município, faz-se necessário ressaltar que no Brasil comemora-se o dia de São Benedito em 4 de abril, entretanto, em Acreúna, a comemoração da Festa de São Benedito é realizada na última semana desse mesmo mês. Na organização da Festa os membros dirigentes integram diversos segmentos da cidade, como comerciantes, o poder público, pessoas da comunidade urbana e rural, escolas públicas e particulares, incluindo, inclusive, algumas pessoas de outras religiões.

Essa integração de pessoas e instituições em torno da Festa de São Benedito em Acreúna, pode ser pensada a partir das concepções de Eliade (2010), que expressa o vínculo quase que “natural” das sociedades humanas com a dimensão sagrada:

É difícil imaginar de que modo o espírito humano poderia funcionar sem a convicção de que existe no mundo alguma coisa de irreduzível real: e é impossível imaginar como a consciência poderia aparecer sem conferir significado aos impulsos e às experiências do homem. A consciência de um mundo real e significativo está intimamente ligada à descoberta do sagrado. Isto é, o fluxo caótico e perigoso das coisas, seus aparecimentos e desaparecimentos fortuitos e vazios de sentido (ELIADE, 2010, p.13).

Nesse sentido, as religiões estruturam essa dimensão sagrada de formas diversificadas, possuem regras específicas e um conjunto de símbolos ligados a rituais e cerimônias estruturadas para a representação do sagrado. Nas comunidades onde os fiéis participam efetivamente dos rituais, essa participação representa não somente uma manifestação de fé, mas também de um legado cultural.

Considera-se que a expressão cultural e religiosa é também um importante ponto de reflexão acerca da construção e concepção de condutas sociais e de fortalecimento do sentimento de cidadania. Santos (2005) corrobora com essa proposição quando ressalta que:

As festas constituem um dos principais momentos do catolicismo popular. É difícil imaginar o cotidiano de uma pequena cidade brasileira sem as agitações das novenas, santas missões, acompanhamentos e procissões. Essas são algumas expressões de religiosidade que acabam por se tornar um grande instrumento para se compreender a sociedade na qual estão inseridas (SANTOS, 2005, p. 98).

A presente pesquisa tratou da religiosidade como um elemento presente entre os indivíduos em todas as épocas e, num sentido mais amplo, fazendo mesmo parte da própria humanidade. A religião possibilita que os indivíduos possam se aproximar do divino por meio de atos de fé, de crenças e de devoção ao sagrado.

Para toda e qualquer ideia teísta de Deus, sobretudo para a cristã, é essencial que ela defina divindade com clareza, caracterizando-a com atributos como espírito, razão, vontade, intenção, boa vontade, onipotência, unidade de essência, consciência e similares, e que ela, portanto seja pensada como correspondendo ao aspecto pessoal-racional, como o ser humano o percebe em si próprio de forma limitada e inibida. No divino, todos esses atributos são pensados como sendo “absolutos”, ou seja, como “perfeitos” (OTTO, 2007, p. 34).

Ao longo dos tempos, os indivíduos constroem significados para entender fenômenos sobrenaturais, seres superiores aos humanos e à própria natureza. Acreditavam que algumas divindades podiam alterar o ciclo natural da vida, impor leis e regras para a humanidade. Para o cristão o significado de divindade está na Santíssima Trindade (o Pai, o Filho e o Espírito Santo) e, por meio da compreensão da fé, o ser humano transcende seu posicionamento a serviço de Deus, vivenciando práticas comuns de crenças correspondentes do universo histórico e cultural.

As religiões além dos dogmas da fé também se fundamentam em fundamentos filosóficos e em ensinamentos éticos. Já pela perspectiva antropológica, a religião consiste em:

Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal áurea de atualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 1989, p.104).

Uma das metáforas preferidas para Geertz (1989) para alcançar uma “antropologia interpretativa” é a da leitura da sociedade como um texto.

Para o autor acima citado, essa estratégia é também conhecida como “Antropologia Hermenêutica”, uma vez que esta vertente é recente para as sociedades e se configuram como análogas à textos, que devem ser lidos e interpretados. A antropologia interpretativa busca de igual forma verificar a leitura e interpretação de uma determinada sociedade, estruturada de modo a apresentar uma hierarquização

de significados, procurando assim, realizar uma descrição aprofundada do objeto a ser estudado.

Para Crawford (2005) as diversas religiões privilegiam uma ou outra forma de lugares sagrados. Assim, a maioria delas têm espaços onde se realizam seus cultos; eles podem ser representados por acidentes geográficos (rio, monte, lago, gruta, entre outros), assim como construções, monumentos e outros locais considerados privilegiados para a experiência do sagrado, do transcendente. Esses lugares são também destinos de peregrinação e de festividades. Sobre essa questão Rosendahl (2008) acrescenta:

Tenta-se refletir de modo mais geral sobre o conceito de lugar no sentido de pertencimento numa tentativa de esclarecer melhor as maneiras como são construídas as identidades de lugares e as identidades de pessoas, como indivíduos e como membros de grupos, levando em conta que há uma relação recíproca entre essas identidades (ROSENDAHL, 2008, p. 79).

Nos lugares envoltos em aspectos religiosos e de expressão cultural a narrativa historiográfica é construída a partir de análise criteriosa das fontes bibliográficas, pelo registro de memórias religiosas, assim como busca “lugares de memórias”, como definidos por Nora (1993).

A Festa de São Benedito na cidade de Acreúna tem sua representatividade no campo religioso católico como tradição desde a sua fundação, em meados de 1960, quando os primeiros habitantes de Acreúna concomitante a implantação dos espaços residenciais, definiram os lugares de referência religiosa, construindo uma palhoça de pau-a-pique, simbolizando uma capela e erguera um Cruzeiro, representando a fé católica. Sobre a criação desses espaços sagrados é oportuno trazer Rosendahl (2008):

O espaço sagrado possui uma relação íntima com o grupo religioso que o frequenta. As imagens espaciais desempenham um papel importante na memória coletiva, porque cada aspecto, cada detalhe desse lugar possui um sentido que só é inteligível para os membros do grupo a noção de espaço sagrado, vinculado à perspectiva que corresponde a determinados aspectos de fé (ROSENDAHL, 2008, p. 34).

As festividades a São Benedito enquanto um evento coletivo e tradicional unifica e fortalece os devotos enquanto grupo social e religioso. Tais religiosos aproveitam também os momentos religiosos (novenas e missas) para protagonizarem

as manifestações em atos de agradecimento às graças alcançadas com a intermediação de São Benedito.

As lembranças dos devotos enraízam-se em situações vivenciadas pelos atos da fé, propagando-se ao longo do tempo, e permitindo aos religiosos compartilhar as graças alcançadas com seus descendentes por meio da memória coletiva.

Segundo Pollak (1989, p. 201), "(...) a priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa".

Segundo o autor, a Memória, portanto, não figura nos tempos atuais como uma metáfora de um "espaço inerte" onde se guardam lembranças, necessitando ser primeiramente entendida como "território", vívido, politizado e simbólico, nos quais seus autores lidam de maneira criativa e dinâmica com as próprias lembranças.

Haja visto que Halbwachs, nos anos 20-30, "já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações e mudanças constantes" (POLLAK, 1989, p. 201).

Assim, pode-se entender a memória como acontecimentos vividos individualmente ou em grupos, herdados ou construídos coletivamente por pessoas ou personagens e transmitidas ao longo dos tempos. A memória também se faz presente na imaterialidade dos templos religiosos, nos costumes de um povo, como também pode-se considerá-la quando trata-se os pioneiros presentes nesses lugares, considerados os "guardiões" da memória.

A memória, assim como o lugar de memória, está intimamente ligada à construção da identidade de uma pessoa, de grupo social ou mesmo de uma sociedade. Ela mantém a identidade viva e a fortalece constantemente ao interagir o passado e o presente possibilitando o fluxo de transmissão de conhecimentos, comportamentos e experiências.

Enfim, a memória pode igualmente ser considerada como um dos alicerces da tradição cultural e, por isso, ela é fundamental para se tratar a questão do patrimônio cultural. Considera-se que a noção de patrimônio cultural não se limita ao sentido de herança presente somente no passado, refere-se também, a elementos culturais tradicionais que tem um papel importante no presente, resultam de experiências e memórias que ativam as atuais ações coletivas ou individuais.

Para qualquer sociedade, a cultura, a memória e a existência de patrimônios são fundamentais para um povo. Seguindo essa linha de pensamento, podemos considerar a cultura como o pilar para manutenção de nossa presença e atuação em espaços geradores de interações sociais. Em grupos comunitários – escolas, igrejas, família, e outros espaços nos quais exista interação – percebemos a necessidade de uma organização e de nos adequarmos a ela, caso queiramos nos manter e estabelecer relações (ROSENDAHL, 2008, p. 36).

Assim, os patrimônios históricos religiosos são mais do que edificações do passado, representam uma nova visão do presente, expressada pela herança cultural religiosa, lembrada nos relatos que testemunham a presença do valor histórico que, no caso de Acreúna, o padroeiro representa para sociedade.

Tais patrimônios podem emergir de determinados fatos históricos e dos seus significados construídos ao longo do tempo, os quais passam a fazer parte da vida cotidiana de todos. As festividades direcionadas a São Benedito, em Acreúna, foram construídas nesse tipo de contexto, histórico.

O desenvolvimento da presente pesquisa amparou-se na análise de documentos históricos do Município de Acreúna, utilizando diversas fontes, entre elas, registros e documentos, livro tomo da Paróquia de São Benedito, imagens fotográficas pertencentes a moradores pioneiros, e demais documentos obtidos a partir de levantamento bibliográfico e documental relacionados à fundação de Acreúna, como consulta a livros, periódicos, revistas não científicas que traziam informações sobre o tema dessa pesquisa, além de consultas em cartórios, prefeitura e outras instituições da cidade. Soma-se a esse conjunto de fontes, o registro de histórias orais (entrevistas) com moradores e religiosos da cidade.

Com essa diversidade de tipologias documentais pretendeu-se alcançar a um campo amplo de informações buscando dados relacionados ao presente e ao passado. Para Gil (1991), o pesquisador pode recorrer a outros elementos além dos documentos históricos, trata-se de informações obtidas ao longo da pesquisa, fazendo com que a interpretação se desenvolva a partir de uma pluralidade de fontes documentais.

No que diz respeito às entrevistas, baseando-se em Severino (2007) entende-se que conhecer e interpretar a memória coletiva de um povo é, ao mesmo tempo, tomar uma posição própria a respeito das ideias enunciadas. Assim, a presente pesquisadora procurou estabelecer um diálogo com seus interlocutores, dando ênfase acerca da importância do tema e do conteúdo dos questionários.

Optou-se pelo modelo de entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas. As entrevistas, semiestruturadas, foram construídas abordando os seguintes temas: 1) Escolha do padroeiro da cidade; 2) Lembranças sobre os primeiros atos religiosos na cidade; 3) Importância da festa de São Benedito para a Igreja, para a cidade e para os moradores; 4) Mudanças ocorridas na Festa ao longo dos anos.

No que diz respeito à seleção dos entrevistados, levou-se em consideração a necessidade de contemplar as diversas faixas etárias. Assim, foram entrevistados 12 pessoas, reunidas em três grupos.

O grupo (1) está representado por duas pessoas, entre faixas etárias de 18 e 21 anos; o grupo (2) por cinco pessoas, entre faixas etárias de 43 e 58 anos; o grupo (3) por cinco pessoas, entre faixas etárias de 72 e 85 anos. Fez parte deste rol de entrevistados o Padre Paulo Ricardo Moreira Vivaldo, 32 anos, Pároco da Paróquia São Benedito desde o dia 5 de agosto de 2016.

Especialmente com o grupo de pessoas de maior idade o interesse era entender, principalmente, os processos relacionados à escolha de São Benedito, assim como, a informações sobre como as primeiras manifestações religiosas a São Benedito e, finalmente, como essas pessoas percebem a festa atualmente. O quadro abaixo apresenta o perfil dos entrevistados:

Grupo	Nome	Idade	Profissão / religião	Tempo de residência em Acreúna
GRUPO (1)	João Victor Alves Arantes	18 anos	estudante de Agronomia / católico	natural de Acreúna
	Ádria Camila Duarte Batista	21 anos	estudante de Direito/ evangélica	natural de Acreúna
GRUPO (2)	Clarice Maria M. Ferreira	43 anos,	professora e diretora do Colégio Estadual Ary Ribeiro Valadão Filho/ espírita	Desde 1999
	Rosângela da Silva P. Gomes	45 anos	Professora e secretária da Paróquia São Benedito/ católica	natural de Acreúna
	Deisy Gonçalves de Moraes	49 anos	Professora / católica	natural de Acreúna
	Reginaldo da Silva Batista	55 anos	professor, fez parte da banda de música da igreja / evangélico	Desde 1969

	Dilza Alves de Oliveira Costa	58 anos	professora, Agente da Pastoral e ministra da Eucaristia na Paróquia São Benedito/ católico	Desde 1969
GRUPO (3)	João Vieira de Moraes	72 anos	Ministro da eucaristia, catequista/católico	Desde 1969
	Sebastião Paraizo Alves	74 anos	Professor e advogado, já atuou como vereador/católico	Desde 1970
	Terezinha Dias Silva	81 anos	Filha do Sr. José Gomes Sandim o primeiro prefeito da cidade/católica	Desde 1976
	Veronice Silva	84 anos	Esposa do Sr. Carmo Gramulha, pioneira de Acreúna/católica	Desde 1962
	Ilma Eugênia Martins	85 anos	Trabalhou para o Sr. Benedito Arystogogo, participa do grupo “Filha de Maria” / católica	Desde 1970

A diversidade de faixa etária dos entrevistados possibilitou fazer um paralelo dos moradores pioneiros religiosos que também participaram da escolha do padroeiro da cidade e moradores mais recentes, organizadores e participantes da festa de São Benedito.

Esses moradores são homens e mulheres e, sua faixa etária está entre 18 e 85 anos. Com o registro das memórias acerca da participação deles no processo histórico cultural, esperou-se recuperar informações, comportamentos e experiências não presentes nos documentos e fontes bibliográficas consultadas.

As entrevistas foram realizadas informalmente, respeitando valores culturais, sociais e éticos, além dos hábitos e costumes dos entrevistados. Aos entrevistados foi apresentado o conteúdo das questões que seriam respondidas, bem como, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que têm por finalidade possibilitar aos sujeitos da pesquisa um breve esclarecimento sobre a natureza da pesquisa, assim como, a metodologia e a investigação a ser realizada no decorrer da entrevista.

Por fim, espera-se que os resultados da presente pesquisa possam ser retomados seja em forma de publicações de artigos, livro ou outras formas de publicações a fim de valorizar e fortalecer as manifestações da religiosidade popular que se constitui particularmente na Festa de São Benedito.

Para compreensão deste estudo, a pesquisa foi estruturada nos seguintes capítulos:

O Capítulo I apresenta a Igreja Católica como instituição de destaque na catequização dos indígenas e na religiosidade dos negros escravizados, no período das grandes navegações marítimas europeias. Discutiu-se ainda o papel da religiosidade popular; as irmandades no Brasil e Goiás e uma breve história sobre a vida de São Benedito.

O Capítulo II discorre sobre o Município de Acreúna, cidade do estado de Goiás, que tem São Benedito como Santo Padroeiro, cuja população Acreunense manifesta sua devoção, nesse sentido, faz referência sobre a história da cidade desde a sua fundação em 1961, dando destaque ao fundador da cidade, Benedito Arystogogo de Mello.

O Capítulo III descreve a festa em Louvor a São Benedito em Acreúna elencando a sua significância para os devotos Acreunenses, frente a tradição de cultivar o momento religioso que continua tendo forte poder cultural, social e econômico para a população, além de preservar a história do Município.

O Capítulo IV ressalta as características da Festa do Santo padroeiro, São Benedito, considerando as fases da festa, ressaltando como os entrevistados percebem a festa e suas modificações, ao longo do tempo, elencando o aspecto profano e sagrado.

Por fim, é apresentado as considerações finais, retratando o evento religioso como uma tradição de valores culturais do povo Acreunense, buscando compreender o interesse dos fiéis pela história a fim de manter acesa, o anseio de fé e em dar continuidade às manifestações que afloram seus traços e costumes da comunidade devota.

CAPÍTULO 1

BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA NO BRASIL E EM GOIÁS

A Igreja Católica está presente na história brasileira desde a chegada dos europeus no país, influenciando a formação cultural, artística, social e administrativa. Essa Igreja também foi responsável por um dos principais símbolos da identidade do Brasil, que é o catolicismo.

Até fins do século XIX, a Igreja Católica era a única instituição religiosa reconhecida oficialmente. Por isso, gozava de proteção do Estado para realizar sua expansão institucional e ao mesmo tempo era atuante na legitimação da colonização portuguesa (OLIVEIRA, 2011, p. 1).

A Igreja Católica ocupou uma posição de destaque no período da colonização portuguesa no Brasil. Segundo Azevedo (2008, p. 111), num primeiro momento ela esteve subordinada ao Estado e funcionava como “instrumento de dominação social, política e cultural”, esse período foi denominado de Cristandade. Para o referido autor acima citado a legitimidade da Igreja no Brasil acompanha a história do Brasil desde 1500.

Souza (2001) define Cristandade como a influência da Igreja nas relações com o Estado em uma sociedade. Dessa forma, ao analisar esse sistema podemos interpretar o discurso da época medieval portuguesa e as suas inferências eclesiais, no que se refere às diversas teologias coloniais, especificamente na colônia brasileira no século XVI.

Azevedo (1978) destaca a importância da atuação portuguesa na colônia brasileira da seguinte forma:

Conquanto já presente e atuante em outros continentes, na África e na Ásia, são neste que Portugal tem ocasião de exercer irrestrita soberania, e, pois, de introduzir instituições e normas de ocupação em que sua vocação imperialista e apostólica se exerce de modo pleno e por maneira própria, sem a oposição de outras sociedades ou a ingerência de concorrentes (AZEVEDO, 1978, p. 17).

Entretanto, essa Igreja não tinha total autonomia, pois era controlada pelo Estado português. Dessa forma, quando a Coroa enviava seus missionários às expedições além-mar, cujo objetivo era instalar o Cristianismo com justificativa de educar, socializar e condicionar os habitantes nativos de modo a adequá-los aos

padrões comportamentais europeus. Dessa forma, a influência da Monarquia nas instituições religiosas atingia inclusive, a questão econômica.

A Igreja não teve em momento algum, no Brasil, uma postura independente e autônoma, visto que os negócios eclesiásticos da colônia estiveram inteiramente nas mãos do Rei (PRADO, 1961, p. 330).

Nesse contexto, a Igreja atuava nas colônias portuguesas a partir das chamadas “Terras de Missões”. Segundo Hoornaert (1978 *apud* TANGERINO, 1997), os bispos brasileiros tinham certa autonomia e, por isso, podiam substituir, provisoriamente, os governadores, dando em alguns momentos, mais atenção a isso do que ao próprio apostolado.

Ainda de acordo com o referido autor, o catolicismo se propagou no Brasil, por missionários que acompanharam os exploradores e colonizadores portugueses nas terras do país recém-descoberto. A entrada de membros da Igreja ao território brasileiro foi, portanto, paralela ao processo de dominação das terras brasileiras. A colônia utilizou-se da igreja para ampliar seu domínio nas terras interioranas, nesse processo as ordens religiosas como a dos Franciscanos e das Carmelitas, foram fundamentais.

As práticas religiosas no Brasil, principalmente aquelas relacionadas ao catolicismo possuem características peculiares em relação aos demais países; mantinham relações muito diferenciadas com o negro escravizado que, além de ser instrumento para fins econômico, também deveria ser evangelizado para ter “sua alma salva pela fé cristã”.

O sistema de representatividade étnica, comum nas Irmandades de cor, permitia aos grupos hegemônicos uma melhor administração de suas diferenças, e melhor controle dos irmãos de outras etnias. A democracia dos irmãos tinha seus limites. Nesse aspecto a investigação da origem étnica dos membros de Irmandades de cor revela interessantes estratégias de alianças, ao lado de fortes hostilidades étnicas (ABREU, 1999, p. 65).

Nesse contexto, a experiência histórica da população africana produziu formas diferenciadas de expressão social e as irmandades negras colocam-se especialmente no conjunto dessa experiência. Isso porque essas entidades se afirmaram enquanto uma importante expressão da capacidade de organização e ação coletiva dos negros no Brasil do século XIX, mostrando-se também como espaços únicos na composição do próprio universo social brasileiro nos tempos do escravismo.

Os africanos escravizados tornaram-se verdadeiros propagadores do Catolicismo no interior do país. Nesse contexto, entende-se que as irmandades ou confrarias tiveram um papel muito importante, pois foram instituições que supriram a ausência da Igreja (TANGERINO, 1997, p. 45).

Com o processo de romanização, na segunda metade do século XIX, a Igreja Católica no Brasil se aproxima da Cúria Romana e caminha rumo à sua independência com relação ao poder político. Dentre outras metas, visa substituir as religiosidades populares pelos dogmas católicos, desconsiderando a cultura (e religiosidade) particular dos grupos tradicionais e deste modo, as devoções religiosas que detinham uma significativa expressão popular vieram a ser desqualificadas pelos agentes ultramontanos. Podemos citar como exemplo desses fenômenos as devoções de São Benedito, do Divino Espírito Santo e de Nossa Senhora do Rosário.

No Brasil, a Igreja atuou por meio de várias ordens religiosas, como a Carmelita, Dominicana Beneditina e, dentre outras, a ação da Companhia de Jesus, que participou da formação da história do Brasil desde o momento em que Portugal assumiu diretamente o processo de colonização.

A Companhia de Jesus foi um dos mais importantes agentes envolvidos nesse processo. Embora em sua história perfilassem preconceitos e estigmas, o fato é que a ordem religiosa atuou ativamente nas reformas culturais da Europa Moderna e, principalmente, nas reformas político-religiosas promovidas pelas Coras Ibéricas. Não por outra razão, a congregação foi aprovada pela Santa Sé para oferecer amparo à expansão ultramarina, tanto é que as primeiras missões jesuíticas se desenvolveram nos domínios lusos e espanhóis e foram organizadas sob a lógica do regime do padroado (ou patronato para os espanhóis) (SABEH, 2014, p. 275).

Os primeiros jesuítas chegaram ao Brasil foi por volta de 1549 sob a liderança de Manoel da Nóbrega, os quais desde o princípio se mostravam preocupados com a “pacificação” de grupos indígenas o que muitas vezes figuraram em confronto direto com os colonos, que possuíam a intenção de utilizar os indígenas como mão-de-obra. (SABEH, 2014, p. 195).

O objetivo da Igreja era, portanto, controlar os “nativos” por meio da catequese, ensinando-lhes a obediência e a educação segundo as concepções europeias. Assim, ao se estabelecer em várias regiões a Igreja se adaptou estrategicamente às condições locais, visando o aumento da sua eficiência e a garantia de adesão da população e do clero local ao catolicismo.

É importante ressaltar que a Igreja por meio de seus representantes, presentes em todo o território brasileiro, utilizava-se de discursos e ações que iam ao encontro do regime dominante.

Neste contexto, as imagens relacionadas às religiosidades populares eram “discretamente” removidas dos altares centrais e colocadas em capelinhas. Atitude semelhante se observou com as devoções de grandes movimentos religiosos populares, como o culto ao Bom Jesus Sofredor, que estava circunscrito nas diferentes figurações do Bom Jesus da Cana Verde, do Bom Fim, do Senhor Morto, entre outras devoções que conforme Gaeta (1997), as imagens, por exemplo, do “milagroso Bom Fim” foram substituídas por aquelas relacionadas ao culto do Sagrado Coração de Jesus.

Nesse contexto, os estudos relacionados à associação do homem com o divino se desenvolvem na indagação vinculada à conceituação e à interpretação da cultura popular, considerando que os grupos ou indivíduos se apropriam da experiência do sagrado de maneiras distintas, o que caracteriza uma diversidade de usos e de entendimentos.

Como expressão dessa nova devoção, começaram a surgir as suas primeiras igrejas, aflorando a luta subjacente entre as devoções romanizadas trazidas da Europa e as antigas formas típicas de um catolicismo luso-brasileiro. Uma nova afirmação da Igreja como instituição hierárquica promotora do culto eucarístico, por intermédio dessa devoção, confrontava-se com o caráter laico da Igreja concebida como cristandade, e agora em crise (GAETA, 1997, p. 5).

Outra característica marcante desse contexto foi à chegada ao Brasil das associações das irmandades ou confrarias que, rapidamente foram assumidas também pelos negros escravizados. As irmandades se incumbiam de promover o culto por meio de festas e de procissões populares. Os devotos se dirigiam em romarias aos santuários para cumprir promessas, deixar seus ex-votos e fazer pedidos.

Figura 01 – Imagem do Beato Antônio de Categeró da Matriz de São Pedro, em Salvador na Bahia, possui aproximadamente 317 anos.



Fonte: Beato Antônio de Categeró¹

Cabe dizer que as irmandades ou confrarias eram formadas por grupos de resistência, de fala, dignidade, isolamento e proteção de si e do outro. Assim, se estabeleceram as confrarias escravas, tais como a de Nossa Senhora do Rosário, de São Benedito e dos Irmãos de São Francisco de Assis. Conforme Strieder (2000) afirma, nos estatutos da Confraria do beato Antônio de Categeró, os sócios se comprometiam a rezar diariamente o terço, venerar de modo especial o padroeiro e participar no dia da festa do Santo, usando os trajes da Confraria que no interior da Igreja rezava pelos irmãos falecidos.

A confraria de São Francisco de Assis foi aprovada em 1585 pelo Papa Sisto V, ela se expandiu significativamente no século XVIII em Minas Gerais, abrangendo as localidades de Mariana, São João Del Rei, Sabará e Vila Rica. Destacamos que essa confraria foi fundada por negros e mulatos. Nela havia canonicamente agregada a confraria de São Benedito (STRIEDER, 2000, p. 244).

Os santos negros como Santos Efigênia, São Benedito, Santo Antônio de Categeró eram especialmente venerados nas capelas das confrarias de escravos.

¹ Disponível em: <<http://catero.org.br/os-dois-mais-antigos-cateros-conhecidos-no-brasil-2/>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

Esses santos possuíam seus altares e, em sua homenagem, eram organizadas festas com muito esmero e dedicação.

Em Salvador da Bahia as irmandades competiam entre si na veneração de seus padroeiros, querendo cada uma sobrepujar a sua congênera em procissões mais vistosas. E, disso, os escravos gostavam (STRIEDER, 2000, p. 224).

Em relação a tarefa de catequização dos indígenas, coube aos padres jesuítas que a organizavam, pedagogicamente, a fim de promover o Cristianismo da Colônia. Dessa forma, entende-se que no pensamento dos jesuítas só existia uma possibilidade a convivência com os grupos indígenas brasileiros no século XVI, à qual estava fundamentada no Cristianismo e na prática religiosa.

Diante dessa atitude, a Igreja Católica teve fundamental importância na colonização, se considerarmos seu papel na formação da identidade cultural, social e política devido a vasta influência dos jesuítas. Em consequência disso, essa Igreja se expandiu, aumentou seus seguidores e firmou suas bases na Colônia.

Para Strieder (2000, p. 254), os jesuítas foram avançando pelo interior do território, criando grandes aldeamentos de indígenas, nas regiões mais distantes. Desta forma foram criadas as “missões jesuíticas”. A ideia era de que as missões se constituíssem como espaços de representação da conquista espiritual, cultural e territorial das populações indígenas. Um século depois, as missões de Guaíra e Tapes, entre outras, se tornaram importantes núcleos de povoamento indígena e verdadeiras unidades autossuficientes, tendo em vista a rígida disciplina imposta pelos religiosos aos nativos.

Segundo o autor acima citado, estima-se que a Companhia de Jesus conseguiu construir um enorme patrimônio material, e ao mesmo tempo se tornou uma verdadeira força política. No século XVIII, o Marquês de Pombal tentou combater o poder desta Companhia, resultando na expulsão da ordem do Brasil e de Portugal. Essa ruptura com os jesuítas teve início em 1759, época marcada, na Europa, por progressivas ideias racionalistas e iluministas.

A partir daí, dá-se início à reformulação religiosa, um movimento motivado pelas condições econômicas, sociais, políticas e intelectuais.

Esse movimento trouxe consequências para praticamente as áreas supracitadas, por exemplo, no campo social a reforma contribuiu para o

desenvolvimento de guerras camponesas; economicamente proporcionou um considerável crescimento comercial; e politicamente o protestantismo afetou toda a conjuntura internacional europeia, causando conflitos de religião (AZEVEDO, 1999, p. 80).

De modo geral o movimento resultou em reflexos decisivos no cenário político, e se constituiu em episódio marcante dessa época, marcada pela independência do Brasil, o que levou à institucionalização e intensificação do Estado e da Igreja.

Assim, Estado e Igreja, naquele período, estiveram juntos em seu processo de desenvolvimento celebrações sagradas dão instrumentação para identificar nesses eventos uma vivência do religioso incorporado a cultura, possibilitando, muitas vezes, a recuperação da própria identidade (MARTINS; LEITE, 2006, p. 79).

Na ocasião os negros escravizados vindos da África, mesmo com sua própria crença religiosa, perceberam um cenário diferente e, diante dessa situação organizaram suas próprias irmandades. Assim, a confraria de culto católico, foi criada para abrigar a religiosidade do povo negro, que na época da escravidão tinha restrições para frequentar as mesmas igrejas dos senhores. Importante reforçar que o papel das irmandades foi para além das práticas religiosas, esses espaços podem ser considerados como lugares de integração social, de resistência e contribuíram para o sincretismo religioso.

Conforme afirma Reis (1996) as irmandades na colônia se organizavam pelo critério da cor, havia irmandades de brancos, mulatos e negros e dentro delas havia subdivisões. No caso das irmandades dos “homens pretos”, Reis (1996) destaca que seus membros se aglutinavam de acordo com a nação de origem, uma maneira de constituição de identidade, e nelas construíam estruturas organizativas que reforçaram laços de solidariedade entre si e de negociação com outras irmandades.

Ainda que a estratégia de algumas autoridades e senhores de escravos fosse a de permitir a associação de cativos às irmandades católicas como forma de controle, elas se tornaram espaços nos quais africanos desraizados, gozavam de certa autonomia.

As irmandades e ordens terceiras refletiam a hierarquia e a segregação raciais da época, as quais eram colocadas à prova a partir de diversas situações, inclusive nas construções de templos religiosos. Para os negros, as igrejas bem equipadas e ornamentadas eram símbolo de prestígio e espaço de vivência religiosa dentro de uma estrutura social preconceituosa e racista (QUINTÃO, 1996, p. 66).

Embora ocorresse uma efetiva interação dos negros escravos na Igreja, as discriminações ainda eram presentes, por meio de diversas repreensões e proibições feitas pelos bispos que eram realizadas por cartas pastorais ou pelos visitantes incumbidos dessa tarefa. As características dessas vedações nos remetem à percepção de que havia traços da cultura africana desses grupos negros em um espaço católico.

1.1 São Benedito, o padroeiro de Acreúna.

O nome Benedito significa abençoado e foi dado pelos seus pais: Cristovão Manasceri e Diana Larcán. O menino nasceu na ilha da Sicília, na Itália por volta do ano de 1526. Seus pais não queriam ter filhos porque todos se tornavam escravizados. Assim, o senhor deles (que estimava muito pelo trabalho do casal) prometeu que se eles decidissem ter um filho, ele daria liberdade à essa criança. E, como prometido, após o nascimento de Benedito, ele ganhou sua liberdade.

São Benedito foi cultuado inicialmente pelos negros, por causa da cor de sua pele, e em seguida começou a ser admirado por toda população, tido como expoente de humildade e pobreza. Em razão disso, lhe valeu o apelido de “Mouro” que detinha durante a vida, o qual é um adjetivo italiano utilizado como forma de qualificar todas as pessoas de pele escura.

Na época, Benedito recebeu o apelido de “mouro”² devido a cor de sua pele, a qual por ela, também foi insultado publicamente, quando estava com 21 anos de idade. Sua atitude de profunda dignidade e paciência chamou a atenção de algumas pessoas e, em consequência disso, um monge, líder de um grupo de eremitas franciscanos, o chamou para viver entre eles. Benedito aceitou o convite. Fez votos de pobreza, obediência e castidade e, coerentemente, caminhava descalço pelas ruas e dormia no chão sem cobertas (OLIVEIRA, 2018, p. 75).

Segundo Oliveira (2018), Benedito superava as ofensas por causa de sua cor, suas respostas às injúrias eram sempre com muita calma e sabedoria. Essa sua postura chamou a atenção do líder dos eremitas franciscanos, que ao notar o amor e generosidade do garoto com o próximo, percebeu que isso era mais do que aceitação,

² Historicamente, mouro refere-se aos antigos habitantes árabe-berbere do Norte da África; indivíduo de povo árabe-berbere que conquistou a península Ibérica.

era uma ação Divina e compaixão à ignorância alheia, desta forma convidou-o para fazer parte da congregação.

Quando menino gostava de cuidar das ovelhas e cultivava o hábito de rezar sempre o Rosário, que lhe foi ensinado pela sua mãe. Desde os dez anos, ele manifestou uma pronunciada tendência para a penitência e para a solidão. Foi pastor de ovelhas e lavrador. Guardando rebanhos, entregava-se à oração (OLIVEIRA, 2018, p. 55).

Quando Benedito completou seus 18 anos e, após reunir alguns recursos, frutos de seu trabalho, uma vez que desde pequeno provia a si mesmo e a alguns pobres, ele decidiu ofertar seus bens aos pobres e já havia tomado à decisão de se consagrar ao serviço de Deus.

Figura 02 – Imagem de São Benedito.



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Assim, o povo procurava muito por Benedito, desejando ouvir seus conselhos e pedir-lhe orações. Por volta de 1564, Benedito depois de 18 anos cumprindo seu voto de obediência, foi designado pelos para ser cozinheiro no Convento dos Capuchinhos.

Em 1578, precisaram de um novo “guardião” (título dado ao Superior) e sua piedade, sabedoria e santidade levaram seus irmãos de comunidade a elegê-lo Superior do Mosteiro, apesar de analfabeto e leigo, pois não havia sido ordenado sacerdote. Seus irmãos o consideravam iluminado pelo Espírito Santo, pois fazia muitas profecias. Ele só aceitou o cargo depois de compreensível relutância, mas administrou o mosteiro com grande sucesso,

tendo adotado uma interpretação bem mais rigorosa das regras franciscanas (MARTINS, 1978, p. 56).

Ao concluir o tempo determinado pelo Superior do convento reassumiu com muita humildade e dedicação suas atividades na cozinha do convento. Benedito chamou atenção porque agiu com respeito para com os padres, além de ser caridoso e compreensivo com os noviços. Foi bem respeitado por todos eles, sem que tentassem abusar de sua humildade.

Os noviços o admiravam bastante e viram nele um guia seguro e um excelente mestre das Escrituras, cuja leitura explicava com grande facilidade. Observa-se que mesmo sem saber ler ou escrever, manifestou o dom da ciência infusa³, o que lhe permitia oferecer respostas luminosas a mestres em Teologia quem vinham consultá-lo.

De acordo com Neotti (2016),

Em Frei Benedito humildade e caridade se entrelaçavam, porque Cristo lhe aparecia nas pessoas mais atingidas pelas pequenas e grandes misérias que, por sua vez, descobriram no frade preto, dono de inesgotável paciência e qualidade infinitas, um extraordinário anjo consolador. Benedito é, sobretudo, o homem mandado pelo senhor para mostrar a misericórdia e a realidade sobrenatural. A paixão e o zelo pela salvação das almas o consumavam literalmente. O sofrimento do próximo o enternecia. Sua oração era para todos. E com a oração também os milagres (NEOTTI, 2016, p. 20).

Conforme o exposto acima São Benedito se consagrou como irmão leigo, humilde e sempre com ânimo alegre, esse fato foi pelas boas ações e fez com que sua fama de santidade fosse confirmada e espalhada pelo mundo todo, visto que antes mesmo de sua canonização já era grande e fervorosa a devoção por ele.

Dos lábios dos sofredores brotavam as palavras da mulher de Carini: “Benedito de Deus, protege-me! Pede a Deus por mim!” E muitas vezes o câncer desaparecia, os cegos reconquistavam a vista, os paráliticos recuperavam o movimento das pernas, as mulheres grávidas na hora de um parto difícil eram bem-sucedidas, enfim, os mortos ressuscitavam (Frei Fernando Trupia, atual do convento Maria de Jesus, em Palermo) (NEOTTI, 2016, p. 20).

Conforme Martins (1978, p. 56) a vida de São Benedito tornou-se um exercício contínuo de virtudes, e Deus lhe concedeu o dom de operar milagres. Assim as

³ Ciência infusa, ciência que se possui sem a ter adquirido com o estudo ou a experiência.

inúmeras orações remetidas ao Santo invocavam sua intercessão e graça para a realização de milagres.

Em 1589, Benedito ficou com saúde muito debilitada, falecendo aos 65 anos, no dia 4 de abril de 1589, em Palermo, na Itália.

Segundo Oliveira (2017), em 1807, Benedito foi canonizado e beatificado pela Igreja Católica, prestigiado pelos feitos milagrosos que realizava. Além disso, ele também se popularizou por ser o protetor dos cozinheiros e dos negros.

Por recomendação da CNBB – Conferência Nacional de Bispos do Brasil, o país realiza oficialmente as comemorações de São Benedito no dia 05 de outubro. Nos demais países, o dia do santo é celebrado no dia 04 de abril, data que marca o dia de sua morte.

Sua imagem, é apresentada com o menino Jesus nos braços, que lhe foi colocado por Maria Santíssima, pela sua grande devoção, e pela suave doçura com a qual Jesus preencheu o seu coração (OLIVEIRA, 2017, p. 57).

Benedito é reverenciado no Brasil, sendo considerado um dos santos mais populares do País, possuindo muitas paróquias e capelas que o escolheram como padroeiro, por serem inspiradas em seu modelo de caridade e humildade.

Em Goiás, a Festa de São Benedito teve início na cidade de Goiás em 1972, nela estão presentes expressões da cultura afrodescendente, tais como o Congo, a Catira e a Capoeira de Angola. Em outros municípios como Catalão, Santa Cruz de Goiás, Acreúna e Itaguari as festas de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário, são realizadas entre os meses de abril a julho.

Em Acreúna, a celebração do padroeiro São Benedito é realizada na última semana do mês de abril, encerrando as festividades com agradecimentos diversos, entre eles os produtores agradecem a produção da plantação “colheita”. Em sua homenagem a festa é marcada por intensa manifestação com momentos de fé e devoção.

A grande simbologia que envolve os festejos de São Benedito faz com que as pessoas possam agradecer as bênçãos recebidas. A festa de São Benedito busca unir devoção, apelo e representação. Nessa perspectiva, a procissão solene do padroeiro, no passado, era vista pelas autoridades religiosas como retórica do período barroco, com as características da sociedade brasileira do século XX (SANTOS, 1997, p. 601).

Para além das comemorações de São Benedito, Acreúna ainda mantém a tradição dos terços nas casas dos moradores, realizada principalmente em época das peregrinações de Folias de Reis e organizada por grupos que saem pelas ruas da cidade, visitando as casas, rezando terços, tocando músicas populares e entoando cânticos bíblicos em homenagem aos reis magos. Os moradores, em especial os católicos participam e conservam as características da ornamentação de altares, ladainhas, mistérios. Há, sobretudo nesse evento, a manutenção da religiosidade que entendemos como algo fortemente ligado às emoções humanas dos devotos acreunenses.

Essa manifestação de fé também é vivenciada na Festa de São Benedito da cidade, marcada pelas novenas, Missas, ritos e costumes dos devotos, que perduram como legado de fé ao Santo desde a tradição dos primeiros terços, na formação do povoado, até os dias atuais.

Retomando nossa questão inicial, a Festa de São Benedito, assim como outras manifestações religiosas, além de apresentar o seu caráter sagrado, em que os devotos agradecem as promessas alcançadas e rogam outras benevolências, há também o lado profano, o qual é materializado em diversas atividades, como barracas de leilões, vendas de bebidas, danças, essas práticas são permeadas de aspectos sociais, políticos e comerciais. Essas duas vertentes da festa (sagrada e profana) são entendidas a partir de uma relação dialética na qual suas expressões, ainda que distintas, se fundem e dão sentido ao evento, caracterizado pela Festa.

1.2 Práticas religiosas e identidade cultural

Compreender os elementos sagrados presentes nas práticas religiosas nos remete a pensar sobre o que aproxima os homens às suas crenças, assim como, o papel da religião no fortalecimento das culturas e no resgate de sua identidade. A religião pode ser considerada como uma fé idealizada em um conjunto de credo, práticas e doutrinas, que faz com que as pessoas busquem satisfação e bem-estar para superar dificuldades, por meio da fé e devoção. Isso em algum aspecto justifica o expressivo número de pessoas presentes em manifestações religiosas populares, nas quais a emoção e a devoção religiosa são valorizadas e incentivadas pela fé.

(...) a vontade pronta para se entregar a tudo que pertence ao serviço de Deus, ou seja, ao culto divino. Sendo assim, toda a verdadeira devoção tem como fim último o próprio Deus (NOGUEIRA, 1995, p. 56).

Esse “culto divino”, mencionado por Nogueira na citação anterior é também percebido pelos negros escravizados, quando se apropriou do catolicismo também como uma possibilidade de reconstrução de identidade e devoção religiosa com o intuito de manter as diversas matrizes culturais presentes em suas tradições religiosas.

Diante das manifestações culturais e atos religiosos existentes no Brasil e, especificamente em Goiás, deve-se considerar que a religiosidade se mistura com o cultivo das tradições populares fortemente enraizadas na “alma” do povo, por meio das festas religiosas, bem como, pelas peregrinações. Os lugares sagrados muitas vezes são visitados por peregrinos que se movimentam de toda parte para pagar promessas, louvar, participar de rituais o que constitui em importante patrimônio cultural de um povo justificado pelas práticas sagradas. Esse movimento está atrelado ao conceito de interação de fé que, conforme Cipriani (2002, p. 45) ela “permeia as manifestações populares de fé capaz de mover os indivíduos na direção de destinos onde fronteiras pouco importam”.

As peregrinações religiosas fortalecem a fé e, ao mesmo tempo, as manifestações culturais envolvidas. Assim, destaca Carneiro (1999, p. 4) “a peregrinação é comumente vista como uma busca universal do eu”. Peregrinar é seguir um caminho, buscando realizar uma vivência única capaz de garantir a preservação de tradições muito antigas, revividas todos os anos através de longas peregrinações e manifestação do sagrado. Nesse sentido, trazemos a citação de Marques (2017, p. 69, *apud* Cortazar (1994) “(...) o dualismo da peregrinação que abrange tanto a jornada exterior como a interior”, (...) “a peregrinação no período tinha, ao mesmo tempo, o sentido do deslocamento externo do sujeito sobre o espaço e levava a uma incursão interna (em si mesmo) em busca de reafirmar/reforçar as próprias crenças”.

De acordo com o autor supracitado, “a peregrinação, nesse sentido, não representa apenas o deslocamento mecânico entre lugares, mas também o caminho para o céu”, mas o fortalecimento da fé, se constituindo o momento em que o fiel pode expor a sua devoção tornando-a pública, renovando os votos em favor do Sagrado, bem como possibilitar a este, a direção ao céu.

As peregrinações evocam nossa caminhada pela terra em direção ao céu. São tradicionalmente tempos fortes de renovação da oração. Os santuários são para os peregrinos, em busca de suas fontes vivas, lugares excepcionais para viver 'como Igreja' as formas da oração cristã (Catecismo da Igreja nº 2.691).

Nestas manifestações religiosas, onde se inclui as peregrinações, os símbolos sagrados que representam a ligação dos homens com o universo sagrado são representados por objetos, como por exemplo, a cruz, ou por comportamentos, como o ato de se ajoelhar ou mesmo de peregrinar (caminhar). Tais símbolos se tornam tradicionais e importantes entre seus fiéis por estarem carregados de significados.

Segundo Tuan (1983).

[...] A alguns símbolos os fiéis respondem com um ato mais ou menos automático, como ajoelhar-se. Outros símbolos evocam ideias específicas. A cruz sugere sofrimento, expiação e salvação. Finalmente, a catedral como um todo e em seus detalhes é um símbolo do paraíso. [...] O símbolo é direto e não requer mediação linguística. Um objeto se torna um símbolo quando sua própria natureza é tão clara e tão profundamente manifestada que embora seja inteiramente ele mesmo, transmite conhecimento de algo maior que está além (TUAN, 1983, p. 129).

No sentido de simbologia, a cruz tornou-se um dos principais objetos de devoção cristã e se faz presente em igrejas, capelas, templos e outros espaços religiosos.

Vale ressaltar que a cruz é citada muitas vezes no livro sagrado, a Bíblia, simbolizando o poder de Deus e da fé cristã. “Pois a mensagem da cruz é loucura para os que estão perecendo, mas para nós, que estamos sendo salvos, é o poder de Deus” (CORÍNTIOS 1:18).

No espaço religioso os fiéis podem ter a experiência mais aprofundada com o sagrado, símbolo de adoração. Nesses momentos, aproximam-se fisicamente do objeto de culto sagrado, com grande representatividade.

Berger (1985) define a própria religião como um “edifício de representação simbólica” elaborado pelos seres humanos e considerado acima da realidade da vida cotidiana, o que garante à religião uma identificação própria. Ainda sobre essa questão, Sanches (2011, p. 41) destaca que é notória a capacidade que a Igreja possui de re-significar símbolos e como estes símbolos são capazes de corresponder às expectativas dos fiéis.

A devoção religiosa e a simbologia envolvida neste comportamento tomaram impulso principalmente a partir do século XV com o trabalho de Dom André Dias, fundador da primeira procissão em honra ao Corpo de Deus. Para melhor entendimento, é preciso se reportar ao reinado de D. João I, em Coimbra, o qual Saraiva (1998, p. 89) destaca que a devoção é verdadeiramente uma fé popular porque traz consigo o domínio sobrenatural das visões, inspirações divinas e curandeirismos. Para Santos (1988), o reinado de Portugal não via com simpatia as práticas populares, mas as tolerava, um exemplo disso, foi Dom Duarte que recomendou que prendessem todas as pessoas de modo a convertê-las à verdadeira religião.

O campo da religião, como uma instituição social gerenciadora dos sentidos da fé, contribui para a imposição de princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo social, por meio de um sistema de práticas e representações acerca da compreensão de espaço, tempo e os deslocamentos de religiosos traduzidos pela tradição de um povo.

A religião enquanto manifestação cultural se constitui em objeto de interesse de diversas áreas do conhecimento, como a História, a Sociologia, a Antropologia e, entre outras, destaca-se a Geografia ao investigar a relação entre sociedade e o ambiente, bem como as transformações que gradativamente ocorrem no espaço histórico, geográfico⁴ e religioso relacionadas aos deslocamentos humanos, onde se incluem as peregrinações religiosas, quando os religiosos de forma individual ou coletiva deixam suas marcas ao longo das paisagens. Nesse contexto se insere os estudos sobre as peregrinações aos santuários e as paisagens relacionadas às festas religiosas e populares.

Almeida (2011) afirma de modo enfático que as festas populares religiosas demarcam localizações específicas; nas quais as territorialidades são produzidas por

⁴ Conceito expresso por Santos (2002, p. 26) de que o espaço geográfico constitui “[...] um sistema de objetos e um sistema de ações que é formado por um conjunto indissociável, solidário e, também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único na qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois, cibernético fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina”.

meio de relações afetivas e de pertencimento territorial. Dessa forma é alimentado as tradições, bem como a continuidade dos vínculos e identidades locais.

Também é relevante destacar que os deslocamentos humanos não se restringem somente às peregrinações às igrejas e santuários, mas também, aos deslocamentos motivados por outros elementos. Neste contexto, a ênfase à características promissoras de uma região pode despertar interesse, incentivando os deslocamentos, tendo em vista que a instalação de novas estruturas pressupõe melhores condições de trabalho, melhor qualidade de vida, motivando os indivíduos aos deslocamentos por questões econômicas, sociais, culturais e religiosas. Essa situação reflete o que aconteceu na formação do núcleo urbano de Acreúna.

O estado de Goiás apresenta exemplos de deslocamentos de fiéis a festas religiosas, como a do “Divino Pai Eterno”, neste evento milhares de fiéis se dirigem a pé ou até mesmo de carros de bois e à cavalos rumo à cidade de Trindade, para participar da caminhada em direção ao Santuário. Dessa forma, destaca-se que a mobilidade religiosa motivada por diversas devoções, conduz as pessoas a lugares considerados sagrados.

Esses deslocamentos para diversas áreas interioranas do Brasil constituem a abordagem geográfica da pesquisa, uma vez que os peregrinos ou romeiros, em seus percursos, acabam modificando os espaços; as paisagens que, comumente, são transformadas para atender as novas exigências promovidas pela sociedade e, modificando, também, o cotidiano de cada lugar (ROSENDAHL, 1999, p. 56).

Rosendahl (1999, p. 96) assevera que “os lugares sagrados são como santuários que ligam o humano à entidade”. Assim, abordar os deslocamentos religiosos é tratar de aspectos da própria história da humanidade, pois, sabe-se que desde que os grupos humanos passaram a se reconhecer em sociedade, criaram mecanismos e simbolismos para manifestar seu universo simbólico de natureza religiosa, e os deslocamentos estiveram intrínsecos a este processo.

Com o propósito de entender a dimensão mais ampla da ideia de “lugar”, trazemos as ideias de Tuan (1983) que o relaciona às experiências e às aspirações pessoais, definindo-o como uma realidade que deve ser compreendida a partir da perspectiva dos que lhe dão significado. O lugar é definido como um conjunto complexo de elementos não só naturais, mas também culturais enraizados no

passado, que vai sendo incrementado com a passar do tempo, com o acúmulo de experiências e de afetividades.

No que se refere aos festejos populares, trata-se de modo geral, de um campo promissor para a pesquisa antropológica. Sobre esta questão, permeiam-se algumas reflexões acerca das festas religiosas entendendo-as como momentos privilegiados nos quais os fiéis interrompem o cotidiano do trabalho, bem como das tarefas domésticas, a fim de se interagir com outras pessoas, sejam vizinhos ou amigos que possuem crença e tradições religiosas em comum.

Nesta perspectiva, Mônica Wilson (1970 *apud* Turner, 1974, p. 19), assevera que “os rituais revelam os valores no seu nível mais profundo (...) os homens expressam no ritual aquilo que os toca mais intensamente”.

Portanto, as festas populares são consideradas tradições dotadas de rituais particulares com o intuito de reforçar ou ampliar o interesse e a participação das pessoas ao evento. Nesse aspecto o calendário brasileiro é recheado de uma variedade de festas, procissões e eventos os quais demonstram os costumes de sua população e contribuem para faz do Brasil um país com uma enorme representação cultural.

Nesse pressuposto, as cerimônias religiosas na igreja Católica, realizam uma função de grande importância ao incentivarem a coletividade em movimento para sua celebração, uma vez que os indivíduos são aproximados um dos outros, tornando a vivência social e religiosa mais estreita.

Importa-nos destacar que, dentre as tradições culturais vivenciadas pela religiosidade popular, se faz presente a herança da cultura europeia relativo a devoção católica aos santos, como por exemplo: o culto às imagens de santos, as práticas de novenas, promessas; essas tradições ou suas parcelas foram associadas a elementos culturais e religiosos de povos nativos do Brasil e de africanos, resultando em combinações particulares, entre elas destaco as “rezas fortes” como as “benzeduras”⁵.

As benzeduras são rezas muito antigas, ensinadas de geração em geração, que devem ser ditas enquanto se faz o sinal da cruz à frente da pessoa que se está a benzer. Servem para, através da proteção Divina que se invoca, afastar todo o mal que possa ter sido feito contra a pessoa (CURADO, 2011, p. 40).

⁵ Entendemos por “benzeduras”, o ato de benzer com ou sem o sinal da cruz, acompanhado de orações com fórmulas especiais, supersticiosas; emprego de bruxarias; bruxedo, feitiçaria (CURADO, 2011, p. 42).

As benzeduras foram oralmente transmitidas de geração em geração, geralmente por via popular, e que têm o objetivo de rezar para que a pessoa afaste a energia negativa que esteja atormentando-a. Caracterizam-se em preces, muitas vezes acompanhadas de certos elementos rituais com flores e plantas, água entre outros com o intuito de invocar a energia superior (positiva) para agir sobre o indivíduo.

Conforme Curado (2011, p. 48) ressalta “para o ato de fé, faz-se o “sinal da cruz” sobre a pessoa, animal ou objeto, dizendo orações diversas para assim consagrá-la ao divino e pedir para o favor do céu, abençoando”. Esse tipo de oração popularizou-se sobretudo durante a Idade Média, pois se receavam as "bruxarias" e "feitiçarias" e, não possuindo recursos financeiros para se valer da medicina, se rogava a Deus e aos Santos que promovessem milagres de cura para as doenças que surgiam. Nesse contexto, benzer significa "abençoar" ou "santificar”.

Nesse contexto as benzeduras são consideradas como heranças frente as diversidades culturais e propagação de fé visto que as benzeduras concentram em si o poder da Fé acumulada ao longo dos séculos, por gerações sucessivas que as repetiram com confiança e crença (CURADO, 2011, p. 50).

As heranças culturais são resgatadas à medida que manifestações populares são renovadas, realizando um processo no qual o passado é incluindo juntamente com as práticas adotadas no do presente e, ao mesmo tempo denotando uma nova interpretação. A memória, nesse sentido, torna-se fundamental pela possibilidade de promover transformações sobre o presente, as quais contribuem para a afirmação da identidade.

Existem, no país, muitas localidades consideradas santificadas, comuns nas diversidades e manifestações religiosas que, por meio de missas, festas, procissões, encenações e romarias, representam grandes espetáculos de devoção, que não se limitam apenas às populações locais. Essas manifestações formam o cenário religioso e cultural do Brasil (CURADO, 2011, p. 42).

Nesse contexto, podemos destacar o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG) como exemplo de valorização e preservação da cultura tradicional, uma vez que este promoveu o registro das práticas de benzer como Patrimônio Imaterial do Estado. Dessa forma, a iniciativa auxilia a transmissão o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana, abrangendo

escolas de Educação Básica em todo território nacional, como forma de atender ao que estabelece a Lei 10.639/03, as quais valorizam a diversidade étnico-racial.

Na visão de Curado (2011), as crenças populares podem estar fundamentadas em alguns ciclos produtivos importantes no cotidiano de certos grupos sociais, o que acaba resultando no estabelecimento de celebrações ou comemorações. Isso pode ser exemplificado pelas diversas festas populares no interior do país.

Nesse âmbito, a festa de tradição religiosa abre imensuráveis possibilidades para ser analisada mediante o sentido da religiosidade que, para Gravari-Barbas (2011) “a festa religiosa na cidade reflete as realidades sociais, econômicas e políticas deste espaço”. Deste modo, os eventos festivos contribuem com o entendimento do processo histórico do lugar. Compreende-se, também, que tanto a festa popular quanto a religiosa, assumem um papel importante na manutenção de reforço e laços internos do grupo religioso:

As festas religiosas, num conjunto geral, estão relacionadas às celebrações e homenagens feitas às divindades cultuadas em qualquer segmento religioso. “Dessas são mais populares no Brasil aquelas dirigidas aos santos católicos e, em menor escala, aos orixás” (D’ABADIA, 2010, p.17).

Assim como Geertz (1997, p. 88) “as festas religiosas são produtoras de uma teia de significados que exprime os sentidos da própria cultura”. Portanto, festejar o dia do padroeiro, por exemplo, pode significar o acontecimento de um dos grandes festejos de uma pequena cidade, tornando um momento único de confraternização e religiosidade, no qual a representação social é explicitada em seus mais variados atos.

Para compreender o significado da palavra padroeiro, orago ou patrono, recorre-se a sua origem, no qual significa um santo ou anjo a quem é dedicada uma localidade, povoado ou templo. Isso nos leva a entender o sentido de padroeiro a partir de dois significados. Por um lado, o significado religioso de estender a “proteção” do santo a todo o lugar e, por outro, um arcaísmo⁶ que reflete nos dias atuais suas origens antigas.

É importante constatar que de 1960 até 1970, a Igreja no Brasil desempenhou um papel significativo na articulação da sociedade civil, se envolvendo na

⁶ A palavra “arcaísmo” foi empregada neste capítulo, tem o sentido de hábito ou costume antigo. Bernardino, “Minidicionário”, 2ª ed. B., 2002.

aproximação da sociedade civil e dos movimentos sociais. Assim, neste contexto, a Igreja almejou a defesa dos direitos humanos, das liberdades democráticas e da redemocratização.

Também destacamos que nesse mesmo período ocorreu o Concílio Vaticano II (1962-1965), um dos eventos mais importantes da história da Igreja Católica. Nesse evento o ponto alto de discussão foi o plano de renovação realizado em 1964, em Roma, por ocasião do Concílio Vaticano II. A partir desse encontro, a Igreja passou a repensar e redefinir sua postura diante das questões sociais, levando-a a um engajamento maior nas lutas em favor dos grupos minoritários em prol da justiça e da liberdade.

No Brasil essa revisão feita pela Igreja acerca de seu papel de certo modo contribuiu com um novo planejamento de suas ações frente ao regime militar (1964-1985). É sabido que no período de 1964 a 1968, a Igreja Católica esteve ao lado do estado militar brasileiro. Isso fez com que muitos, em especial, os jovens se afastassem da Igreja, nesse cenário, houve a criação de movimentos populares (1963) e, com isso, iniciou a sua resistência em oposição às proposições do sistema.

Assim, a Igreja que no início apoiou o Regime Militar agora sentia a tirania dos militares, o que não acontecia somente na capital do Estado de Goiás, em Goiânia, mas em várias cidades do país.

Segundo Serbin (2001, p. 46), era uma disputa entre as duas principais instituições do Brasil a fim de influenciar a sociedade brasileira, frente a permanente “tensão entre o poder e a fé”.

Com o intuito de entender os processos históricos e religiosos que levaram essa postura de reconhecimento da Igreja frente às minorias étnicas e religiosas, retornaremos ao contexto das Irmandades no Brasil, adentrando especialmente para os papéis das Irmandades no Estado de Goiás.

As irmandades, espaços de integração social e de práticas religiosas eram testemunhas da resistência frente ao poder dominante; eram representadas por negros livres, libertos e escravizados, além de pardos. Assim a capitania de Goiás promoveu essa tradição, possibilitando aos escravos meios para sobreviverem a experiência traumática da escravidão e a darem continuidade às suas próprias comunidades e culturas no Estado de Goiás.

Nesse contexto surgiram pequenas igrejas dedicadas à Nossa Senhora do Rosário e São Benedito que mesmo em ruínas, testemunhavam a devoção e

resistência religiosa. Sendo que nessas ocasiões as irmandades se juntavam, e celebravam a fé com base nos princípios de tradições culturais oriundas da África, como também, nas crenças e costumes luso-brasileiros. Assim, surgiam e se firmavam no Brasil as irmandades ou confrarias.

De acordo com Mulvey (1976); Kiddy (2005); Moraes (2006) e Boschi (1986), as irmandades eram muito populares e tinham muitos adeptos. A literatura da área destaca que em alguns estados chegaram a ter 62 irmandades dedicadas à Nossa Senhora do Rosário. Entretanto, é interessante explicar quais foram as irmandades ou confrarias da Capitania de Goiás, no século XVIII.

Figura 03 – História de memórias subterrâneas nos sertões de Goiás em 1930⁷



Fonte: Google, 2018 Patrimônio inquirido: por uma história de Memórias.

Segundo (REIS, 2003, p. 332) existiram as irmandades dos “Homens Pretos”; do “Corpo Místico de Cristo”; de “Nossa Senhora do Rosário”; e de “Arraial de Bonfim de Goyaz”. Também é relevante destacar que em Goiás no século XVIII essas irmandades viviam intensa vida cultural com a fundação de confrarias religiosas, bem como, as festividades vinculadas às atividades religiosas, como as procissões aos seus santos de devoção, a criação da Banda de Couro, a Congada entre outras que são cultuadas em Goiás.

Era comum que uma mesma igreja fosse dividida por várias irmandades, as quais promoviam o culto ao santo padroeiro da organização, e para isso era conveniente pelo menos um altar para a prática da devoção. Muitas vezes já existia

⁷ Disponível em: Acesso em Google Patrimônio inquirido: por uma história de Memórias. 28 nov. 2018.

uma capela voltada ao santo e o dever da irmandade era promover sua curadoria. Algumas vezes, as irmandades promoviam reuniões em um pequeno oratório e buscavam recolher recursos para a edificação de outros espaços, algumas contentavam-se com um altar lateral.

Durante o ciclo do ouro as irmandades intensificaram sua organização de lazer, inserindo uma pluralidade de cores, cantos, instrumentos e elementos culturais nos eventos religiosos, com o intuito de “renovar” as tradições. A figura a seguir representa um grupo de Congada de Catalão, no ano de 1900.⁸

Figura 04 – Congada de Catalão



Fonte: Google (2018)

A Congada é uma manifestação cultural de natureza afro religiosa, nela está imbuída seu caráter histórico e cultural, que conjuga dança festa e devoção. No decorrer dos tempos vêm sofrendo transformações, decorrente da própria dinâmica cultural das sociedades humanas.

⁸ Congada de Catalão por volta de 1900 a qual contou com a presença da irmandade, uma vez que estes grupos eram composto por negros que estavam se iniciando a Irmandade em Goiás

Figura 05 – Irmandade atuais da Santíssima Pirenópolis, Goiás.



Fonte: Arquivo pessoal (2013)

Dentre as irmandades do estado de Goiás, destaca-se a Irmandade do Santíssimo Sacramento, trata-se de um evento religioso tradicional da cidade de Pirenópolis, sendo praticada desde 1727. Sua origem está relacionada a fundação dessa cidade, datada da época que os mineradores portugueses se reuniram e formaram a elite local, possibilitando em 1728 o pedido de criação dessa Irmandade que foi encaminhado e aceito por Dom Frei Antônio de Guadalupe. A Irmandade é considerada como a primeira confraria fundada em terras goianas. Segundo Moraes (2006) a tradição do Santíssimo Sacramento impulsionou as primeiras práticas católicas da cidade de Pirenópolis com a construção da Igreja Matriz.

1.3 As primeiras manifestações religiosas em Acreúna – do Cruzeiro à construção da Paróquia

Historicamente, sabemos que os primeiros habitantes da cidade de Acreúna tão logo chegaram à região sentiram necessidade de manifestar sua fé cristã e, para isso, tiveram o apoio de um dos primeiros moradores da cidade, o Sr. Carmo Gramulha, um dos pioneiros de Acreúna. Construíram uma edificação bem simples, denominada por muito tempo de barraco ou palhoça; nela as pessoas se reuniam para rezar. Este lugar para Dona Ilma é muito importante, ela relata:

Participei das orações quando ainda era uma palhoça, era um poeirão, mas nós não deixávamos de ir fazer as orações, as quarta-feira, sábados e domingos tocava o sino e nós já estávamos prontos para ir fazer nossas

orações em agradecimento a Deus. Na capela tinha a imagem de Santo Antônio, São Benedito e Nossa Senhora Aparecida, a dona Ninola e o Sr. Benedito sempre estavam presentes, o Sr. Carmo Gramulha e da dona Veronice sempre estavam nas orações, a família Paiva e Gomes também participavam dos terços e orações (Ilma Eugênia Martins, janeiro, 2019).

Pode-se notar nos relatos da esposa do Sr. Gramulha, Dona Veronice, o significado do espaço destinado aos círculos bíblicos “era um barraco de pau a pique coberto de palhas, ao lado desse local colocaram um cruzeiro, símbolo de que ali era um lugar religioso. ” O barraco de palha, de estrutura simples, se constituía para os fiéis em um lugar sagrado por estar mais próximos de Deus.

Figura 06 – Barraco de palha construído para orações em 1963.



Fonte: Arquivo público.

Segundo Tuan (1983, p. 83) “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar” por meio das experiências afetivas e lembranças pessoais ou coletivas as pessoas são capazes de criar muitos significados ao lugar.

Entre os espaços de manifestação de fé os moradores tinham também o costume de rezar o terço nas casas. O Sr. Carmo e Sr. Arystogogo eram devotos de São Benedito, a imagem desse santo estava sempre presente em cada ato de fé. Trata-se de uma imagem presenteada pela irmã do Sr. Arystogogo.

(...) Benedicto Arystogogo de Mello, recebeu a visita de sua irmã e, ela lhe presenteou com uma imagem de São Benedito que sempre estava no altar durante as orações (Sebastião Paraizo Alves, fevereiro, 2019).

O marco religioso do local era o referido cruzeiro que historicamente sempre esteve na frente do templo Sagrado. Para os fiéis acreunenses o cruzeiro representa, portanto, o símbolo da devoção religiosa de Acreúna que perdura ao longo dos tempos. Assim, relatamos as memórias dos entrevistados:

Participei do primeiro cruzeiro, o meu pai José Gomes Sandim, O “José Caboclo” e o Sr. Carmo Gramulha que reuniram e organizaram os moradores e, juntos ergueram o cruzeiro para terem um local onde se reuniam para rezar (Terezinha Dias Silva, fevereiro, 2019).

Eu também participei do levantamento do sino da capela, tinha o coreto onde o Antônio do Mato dormia, no período do padre Teodoro Werex de Paraúna que vinha sempre pra Acreúna realizar as celebrações (Sebastião Paraizo Alves, fevereiro, 2019).

Essas manifestações religiosas passaram por várias gerações, e tem o propósito de fortalecer a fé pela referência ao santo, para assim, cumprir a meta pessoal no sentido de acreditar que é possível alcançar a bênção necessária.

Figura 07 – A esquerda foto de 1966 início da construção da Paróquia e a direita a Atual Paróquia de São Benedito.



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

A paróquia atual de São Benedito é uma conquista dos acreunenses, pois, uniram-se para construírem a atual Paróquia de São Benedito, lugar considerado de oração e aproximação do sagrado. Para Santos (2006, p. 212) “os lugares são vistos como intermédio entre o mundo e o indivíduo”.

Leite (1998) ressalta:

[...] essa relação de afetividade que os indivíduos desenvolvem com o lugar só ocorre em virtude de estes só se voltarem para ele munidos de interesses

predeterminados, ou melhor, dotados de uma intencionalidade. Os lugares só adquirem identidade e significado através da intenção humana e da relação existente entre aquelas intenções e os atributos objetivos do lugar, ou seja, o cenário físico e as atividades ali desenvolvidas (LEITE, 1998, p. 10).

Para esse autor, as pessoas tendem a carregar um sentimento de lugar relacionado à história de cada um por toda a sua existência. Dessa forma, os laços afetivos com o lugar são muito valiosos em uma comunidade. Portanto nessa relação de afetividade, o cruzeiro e o lugar onde se encontra tornou-se um lugar de referência para os devotos e, é mantido até hoje no local, simbolizando um lugar de destaque da fé, ainda que a cidade tenha se desenvolvido e que a igreja tenha sido edificada.

CAPÍTULO 2

A HISTÓRIA DE ACREÚNA

Há poucas referências bibliográficas sobre a história da fundação de Acreúna, as informações públicas estão presentes nas obras de Cunha Neto (1992) e nas obras realizadas pelo ex-prefeito José Gomes Sandim (1984). Há também relatos de habitantes pioneiros da cidade, documentos acervados na secretaria da Paróquia São Benedito (livro-tombo) e registros no cartório da cidade de Acreúna e Paraúna.

Nas referidas obras há poucas informações históricas o que dificulta compreender os diversos aspectos do contexto histórico da cidade, visto que em geral são obras encomendadas por pioneiros ou autoridades do Município.

A publicação mais atualizada que aproxima a temática histórica de Acreúna é denominada “Acreúna, o portal do sudoeste goiano” (1983), de José Pires Marquez, ex-prefeito da referida cidade. Em sua obra, consta que o surgimento da cidade ocorreu no início da década de 1960, quando a cidade de Acreúna foi projetada por Benedicto Arystogogo.

Cunha Neto (1992), por sua vez, relata o interesse de Benedicto para a construção da cidade a partir de um voo panorâmico que ele fez sobre a área em uma companhia de aviação nacional, na rota Goiânia-Rio.

Em março de 1956, sobrevoando a região em voo Goiânia - Rio Verde, o passageiro Benedicto Arystogogo de Mello, emudecido, extasiava-se com este bucólico cenário (CUNHA NETO, 1992, p. 17).

Segundo Cunha Neto (1992, p. 17), Arystogogo adquiriu 32 alqueires de terras na fazenda Veredão, paisagem anteriormente vista a partir do sobrevôo, procedendo-se, posteriormente, ao loteamento e à elaboração da planta destes para posteriormente comercializar as áreas e povoar o local. Esse loteamento por sua vez, contava como municípios vizinhos: Jandaia, Santo Antônio da Barra e Paraúna, situada a 54 km a nordeste de Santa Helena de Goiás, a maior cidade da região.

Neste período, estava em construção a rodovia Brasília Acre (BR-364) cujo trajeto percorria as proximidades da região, ligando os estados de Goiás, Mato Grosso, Rondônia e Acre. Essa obra, projetada no contexto governamental de incentivo ao desenvolvimento das regiões interioranas, era de fundamental

importância para o escoamento da produção, principalmente, das regiões Norte e Centro-Oeste do país.

Nas proximidades da construção da rodovia Brasília-Acre, no ano de 1963, iniciou a ocupação na atual Acreúna, os primeiros moradores da cidade, foram: “Carmo Gramulha, comerciante; José Pereira Nunes, também comerciante e proprietário do primeiro posto de gasolina; Reginaldo Vasconcelos; Pelegrino Rodrigues e muitas outras famílias” (CUNHA NETO, 1992, p. 22) procedentes das regiões vizinhas. Esses moradores vieram estimulados pelo local, considerando que a região tinha um alto potencial de desenvolvimento, em razão de sua proximidade com a rodovia Brasília- Acre, fator que facilitava o acesso a outras cidades vizinhas e o escoamento da produção econômica.

Segundo a obra de Cunha Neto (1992, p. 17):

Em 1960, Manoel Pires de Moraes foi o primeiro fazendeiro a se estabelecer na região, proveniente de Bota-Fumaça, à época distrito do município de Alemão, hoje Palmeiras de Goiás. Em 1961, tendo definido o traçado da futura Rodovia Brasília-Acre, Benedicto Arystogogo de Mello adquiriu uma gleba de terras, denominada Fazenda Veredão, essa localizava-se às margens da rodovia em construção.

O término da construção da Rodovia (BR-060) motivou a chegada dos primeiros moradores. Como mostram as imagens fotográficas daquela época, constata-se a existência de uma região pouco povoada. Nessa década de 1960, havia somente duas residências muito simples, construídas com madeiras. Cunha Neto (1992) destaca que uma das edificações era utilizada como dormitório dos funcionários do Departamento Nacional de Estradas e Rodagem (DNER) que trabalhavam na construção da rodovia e das pontes e a outra era um ponto comercial de propriedade do Sr. Carmo Gramulha.

Figura 08 – Residência e Loja do Sr. Carmo Gramulha, em 1964



Fonte: Cunha Neto, 1992.

Embora fosse um estabelecimento comercial simples, era muito importante para os fazendeiros da região, pois, representava o local mais próximo para adquirir mantimentos, considerando que àquela época ainda não havia muitas estradas, sobretudo em boas condições de tráfego de automóveis, o que fazia do carro de boi, o meio de transporte mais comum. Sobre esta questão, Cunha (2004) descreve que:

A condição de isolamento de Goiás era proporcional à distância que se encontrava dos centros hegemônicos. O povoamento da Província era esparso, com o agravante de quase não existirem vias e meios de transportes e comunicação. Estes eram feitos basicamente pelas tropas de muares e equídeos, que transportavam mercadorias de alto custo e não perecíveis, seguindo o curso das trilhas mestras, cabendo ao carro de bois o transporte das mercadorias de baixo preço, com fretes mais baixos (CUNHA, 2004, p. 31).

Segundo Yazigi (2002), os indivíduos são motivados a se deslocar por algum interesse como, trabalhar em lavoura, na pecuária, ter uma habitação e até mesmo procurando melhoria de vida, sempre em busca de novas paisagens, costumes e experiências. Com os primeiros moradores de Acreúna a situação não foi diferente, eles foram responsáveis pelo estabelecimento de casas comerciais e ofertas de serviços muito importantes para a cidade em seu processo de construção e desenvolvimento.

Figura 09 – Loja a União, de Manuel Madureira, a primeira loja de comércio de Acreúna.



Fonte: Cunha Neto, 1992.

Segundo Cunha Neto (1992, p. 17), nessa época, o maior proprietário de terras da região era o Sr. Leonardo Pires Martins que havia herdado de seu pai, Manoel Pires de Moraes, uma imensa gleba de terras com muitos hectares, denominada Fazenda Grande. Para esse autor, essas terras constituem em grande parte o atual município e Acreúna.

Em 1964, a fundação do povoado foi consolidada. A grande motivação para esse fato foi a conclusão da obra da BR-060, uma vez que a partir desse momento, houve um significativo crescimento demográfico e expansão econômica, de modo que o povoado foi elevado à condição de Distrito de Paraúna, em 1968. Segundo Cunha Neto (1992, p. 24), o plano de urbanização foi registrado em agosto de 1968 no Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Paraúna.

No início da década de 1970, ocorreu a expansão da lavoura mecanizada e o crescimento da produção das terras férteis da região. De acordo com Leite (1999), nesse período foi alavancado em Goiás um tratamento mais profissional da agricultura, elevando a configuração produtiva do estado, consubstanciada nas extensas plantações de grãos, propiciando bons resultados, ganhando representatividade nacional, tanto na produção agrícola quanto a agropecuária.

Durante o século XIX, a agropecuária e a agricultura caminharam juntas na formação econômica do Estado. A criação de animais necessitava da produção de alimentos e, por isso, uma agricultura tipicamente camponesa, com baixa utilização de insumos e com mão de obra praticada pelos próprios camponeses, surgiu para alimentar a pecuária. Numa economia mercantil tão rudimentar, gerar excedente era algo praticamente impossível e impedia o ingresso em outros mercados. E foi assim que se formou uma “civilização sertaneja em Goiás apartada das rápidas transformações capitalistas em curso no sudeste do país” (ESTEVAM, 2004, p. 70).

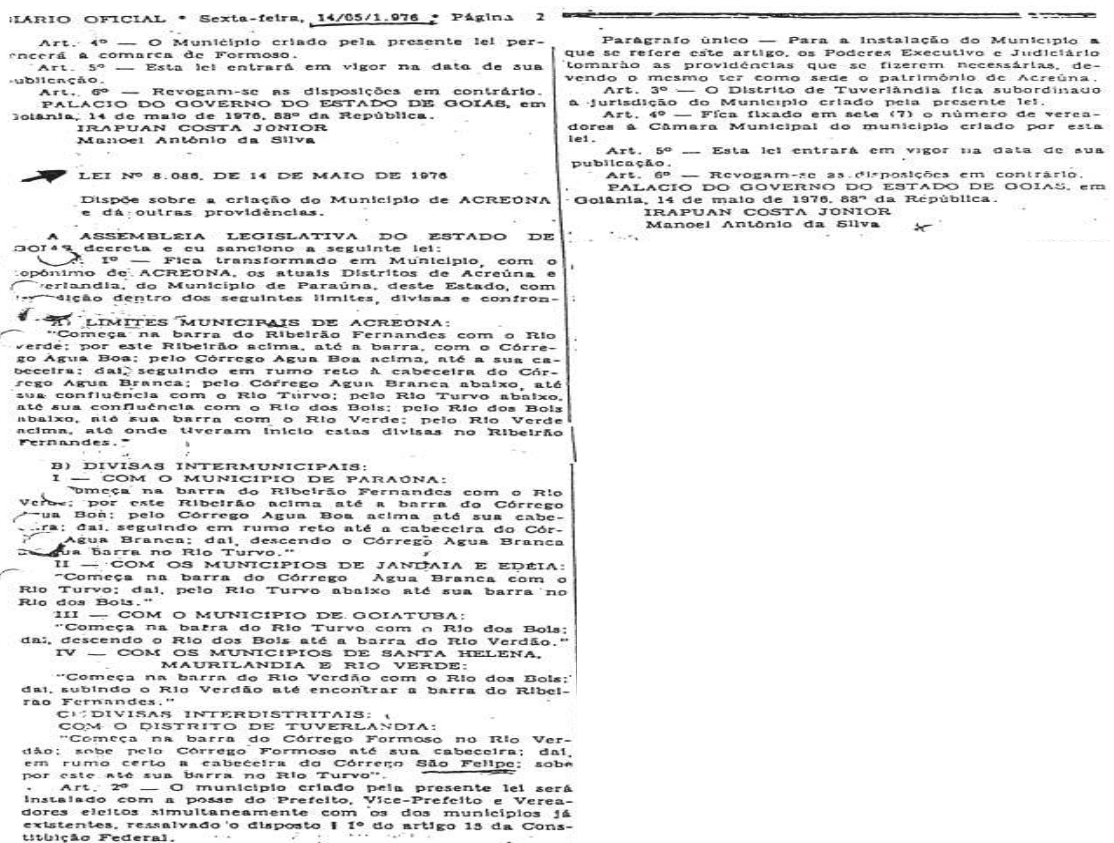
Conforme o autor também na década de 1970 houve uma estruturação da atividade agropecuária que necessitava de tecnologia moderna à altura dos conhecimentos técnicos por parte dos produtores. Assim, a difusão de novas formas de produção, contribuiria significativamente com o processo atual de crescimento de produção agrícola.

Sobre essa questão, Leite (1999) ainda destaca:

Com as inovações tecnológicas na agricultura brasileira, tivemos, a partir dos anos 70, uma mudança no perfil de nossa estrutura agrária se constituindo no principal argumento de uma completa evolução que vem ocorrendo dentro dos padrões até então estabelecidos para o processo de crescimento de nossa economia (LEITE, 1999, p. 15).

Nessa época, Acreúna já apresentava um bom panorama paisagístico e econômico de cidade, o que lhe conferiu autonomia político-administrativa, por meio da Lei nº 8.386, de 14 de maio de 1976. Assim, a instalação do município ocorreu, definitivamente, em 01 de fevereiro de 1977 desvinculando-se do município de Paraúna.

Figura 10 – Publicação do Diário Oficial sobre criação do município de Acreúna



Entende-se que, o progresso pelo qual Acreúna passava, pode ser analisado a partir de uma perspectiva mais ampla, iniciado, principalmente, a partir da metade da década de 1950, quando da decisão de se transferir a capital federal para o centro-sul de Goiás, quando foi criado o Distrito Federal e a construção de Brasília.

Segundo Amaral, “a implantação de Brasília significou a abertura de um novo polo de desenvolvimento e conquistas no Centro-Oeste, que possibilitou ampliar a comunicação entre regiões distantes, que teriam na capital um ponto de encontro” (AMARAL, 2003, p. 303). Ainda para esse autor, a nova capital traria, em virtude das perspectivas abertas, o anseio otimista de conquistar o solo brasileiro.

Logo no início da década de 1950, o Brasil debatia a questão do crescimento econômico e do desenvolvimento interiorano, visto que para isso era preciso distribuir seus recursos. Em meio a essa discussão, o então presidente Juscelino Kubitschek viu-se diante do desafio da redução das desigualdades regionais e da descentralização do poder como forma de expandir o desenvolvimento a outras regiões do país, como exemplo, o Centro-Oeste.

Na visão do presidente Kubitschek, “a chave de um processo de desenvolvimento que transformaria o arquipélago econômico seria colocar o Brasil em uma continente econômico integrado” (KUBITSCHEK, 1973, p. 109). A localização de Brasília em termo de desenvolvimento foi relevante para os estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Pará e Maranhão, à luz do processo de expansão metropolitana da Capital Federal.

Em Goiás, o desenvolvimento estava concentrado nas cidades de Goiânia e Anápolis e no sudoeste do estado, nas cidades de Jataí e Rio Verde.

Nesse contexto, algumas regiões necessitavam da criação de medidas mais fortes para impactá-las, como, por exemplo, a expansão industrial, até mesmo porque havia potencial significativo na região para essa atividade. Fonseca (2014) aponta algumas razões importantes para o crescimento da atividade industrial em Goiás, centrado principalmente, nos setores de produtos alimentícios. Dentre os fatores estão os investimentos estruturais e a geração de empregos.

Posteriormente, a criação de mais polos industriais, contribuiria não somente com a geração de emprego, mas também com a sustentação da renda financeira. Além disso, parte dos produtos industrializados atenderia o mercado consumidor da própria região. Assim, Goiás integrava-se economicamente ao país, desenvolvendo seus potenciais e até determinando, em boa medida, o seu potencial que para (Matias

2014) favoreceu o Distrito Federal, sem dúvida, desencadeou um papel relevante nessa transformação:

Claramente influenciou o aumento da população no Centro-Oeste que aumentou de 2,4 milhões para 13,1 milhões no mesmo período, um crescimento de 430%, duas vezes mais que o aumento da população nacional (180%)”, constata o estudo que utilizou os números da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (MATIAS, 2014, p. 7).

Concomitante a isso, o estado de Goiás, durante o século XX, passou por transformações em sua estrutura produtiva, devido às migrações para as regiões central e oeste do Brasil. O objetivo principal dessas transformações, segundo Oliveira *et al.* (2006), era:

Inserir, de fato, o território goiano na economia capitalista e, conseqüentemente, tornar a produção de forma significativa a configuração socioespacial do território goiano. As cidades passaram a ser lócus principal desta ocupação e a antiga paisagem do cerrado foi se modificando e se transformando, predominantemente, em grandes plantações e em empresas agropecuárias (OLIVEIRA *et al.*, 2006, p. 2).

Com base em dados da Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN), a transformação do processo demográfico brasileiro, principalmente no que tange à urbanização, promovida a partir de 1940, foi especialmente marcante no Centro-Oeste, que estava na ordem de 20%, e promoveu um salto para o terceiro lugar, em 1960, com 34%. No ano de 2010 conseguiu alcançar o segundo posto, com um índice de mais de 85% de sua população vivendo nas cidades. Nesse sentido, o século XX promove um marco no processo de ocupação e apropriação dos centros urbanos no estado de Goiás.

Assim, de acordo com Oliveira (2005), a política de integração do governo Vargas, adotou como prioridade a ocupação do território goiano como parte de um projeto que buscava articular as regiões produtivas do Estado de Goiás, principalmente as regiões Sul e Sudoeste, e, no âmbito nacional, buscava adequar o país a acelerar seu ritmo de produção capitalista.

Vale reafirmar que o processo de ocupação do Centro Oeste teve relação direta com o processo de urbanização de Brasília, uma vez que um dos objetivos da transferência da capital era estimular a interiorização do país por meio do aumento das populações das regiões interioranas. Trazer pessoas para o centro do Brasil foi

bastante importante no que se refere à troca de experiências e transferência de saberes.

Com a inauguração de Brasília, o adensamento populacional passou a ocorrer inicialmente no interior do Distrito Federal e nas cidades a ele adjacentes, processo que se intensificou no início da década de 1970 com a consolidação da transferência da Capital. A expansão dessa área ocorreu de forma poli- nucleada e esparsa no território no Distrito Federal, perpassando posteriormente seus limites político-administrativos e abrangendo um espaço de influência direta em municípios do Estado de Goiás, formando o aglomerado urbano da Área Metropolitana de Brasília (Nota Técnica da CODEPLAN, fonte virtual).

Em consequência disso, em meados da década de 1970, já era possível observar o crescente impacto gerado pela construção de Brasília em seu entorno imediato.

2.1 A fundação da cidade

De acordo com Cunha Neto (1992, p. 16), discorrer sobre a fundação de Acreúna, implica reportar-se, primeiramente, à história do cidadão Benedicto Arystogogo de Mello, que nasceu no dia 31 de dezembro de 1904, em Jataí, cidade localizada a cerca de 180 km de Acreúna.

Ele era filho de Ignácio Antônio de Mello e Odília de Souza Mello. Foi casado com Ana Nastre de Mello e pai de José Carlos Martins de Mello, filho adotivo, que casou com Tereza Rodrigues de Almeida Mello, dando-lhe os netos Carlos José de Mello e Patrícia de Almeida Mello. Benedicto Arystogogo também era conhecido como “fazedor” de cidades. Nessa perspectiva, o fundador de Acreúna foi também o pioneiro na criação de outras cidades da região, como veremos a seguir.

Figura 11 – Benedicto Arystogogo 1934.



Fonte: Autor Cunha Neto, 1992.

Embora tenha residido em cidades como, Barretos, no estado de São Paulo; em Uberlândia, Minas Gérias; em Jataí e Rio Verde, ambas cidades do estado de Goiás, foi em Acreúna que ele fixou residência por mais tempo até sua morte, em 1987.

Cunha Neto (1992, p. 19) relata que Benedicto Arystogogo era empregado de uma empresa dedicada à construção de móveis (Indústria de Móveis Testa) em Rio Verde. Ele teria solicitado ao patrão um adiantamento para que pudesse comprar terras e abrir loteamentos. Sua solicitação foi atendida, visto que era um homem reconhecido por todos. Assim, ao fazer o voo nas imediações da Fazenda Veredão, às margens da rodovia, mostrou interesse em comprá-la para ali começar o loteamento que, como já mencionado, posteriormente, deu origem a Acreúna.

O interesse de Benedicto Arystogogo em construir cidades o acompanhava desde 1953, época em que adquiriu 15 alqueires de terras na periferia de Santa Helena de Goiás que se transformou em loteamentos, visando, posteriormente, a ampliação daquela cidade. Além disso, no ano seguinte, ele adquiriu a mesma quantidade de alqueires entre os municípios de Quirinópolis e Rio Verde. Segundo Cunha Neto nesse local, “ainda passeavam despreocupadamente, bandos de caititus, veados e antas. Em suas inúmeras lagoas e várzeas revoavam uma infinidade de pássaros aquáticos, completando o espetáculo multicolorido da natureza” (1992, p. 17). Esses dados nos levam a dimensionar sobre o estado de preservação da área.

Esse cenário, observado a partir do sobrevôo de Arystogogo, contribuiu para que ele tivesse a convicção de que aquela seria a região “ideal” para ser adquirida e transformada no núcleo urbano planejado.

Segundo Cunha Neto (1992, p. 17), em 1961 Arystogogo (que na época residia em Rio Verde), em companhia do Dr. Clayton Leão (então promotor de Justiça de Rio Verde) e do fiscal estadual Jeová Pires Sardinha, conseguiu contatar o proprietário (Sr. Leonardo Pires Martins) das terras da fazenda Veredão, localizada às margens da rodovia em construção. Esse contato resultou na negociação de uma gleba de terras de 32 (trinta e dois) alqueires dessa Fazenda, no valor de NCr\$ 640,00 (seiscentos e quarenta cruzeiros novos), dinheiro obtido através de um adiantamento na Indústria de Móveis, comércio ao qual era empregado.

Cunha Neto (1992) relata que Benedicto Arystogogo percebeu na fazenda Veredão os elementos necessários para a fundação de uma cidade, entre eles o relevo e a disponibilidade de água em abundância. No relato desse autor,

Benedicto ao chegar na fazenda Veredão, viu todas as condições necessárias à vida urbana visto que a água abundante no Rio Veredão, suas margens assentadas em férteis várzeas garantem o abastecimento de produtos hortigranjeiros, o terreno plano e alto condiciona o ambiente adequado à concentração de vidas (CUNHA NETO, 1992, p. 19).

Cunha Neto (1992) descreve ainda que na ocasião, Benedicto sentia que a concretização de seu sonho era cada vez mais favorecido pelo potencial mineral presente na área, bem como sua localização geográfica, haja vista que a região estava próxima às cidades de Paraúna, Jandaia e Santa Helena, três municípios economicamente muito produtivos.

Assim, a visão promissora de loteamento, prevista por Arystogogo, principalmente depois do término da rodovia que aconteceu de fato em 1963, ocasião que começaram a fixarem-se no local os primeiros moradores: como Carmo Gramulha, comerciante; José Pereira Nunes, com um posto de gasolina, Reginaldo e muitas outras famílias procedentes das regiões vizinhas

Cunha Neto (1992, p. 17) relata também que o traçado da futura Rodovia Brasília-Acre, foi de suma importância para que Arystogogo “(...) tivesse a certeza que estava no caminho certo para negociar a compra da fazenda adquirindo assim, a gleba de terras de 32 alqueires, às margens da rodovia em construção”.

Figura 12 – Benedicto Arystogogo e sua esposa Ana Nastre



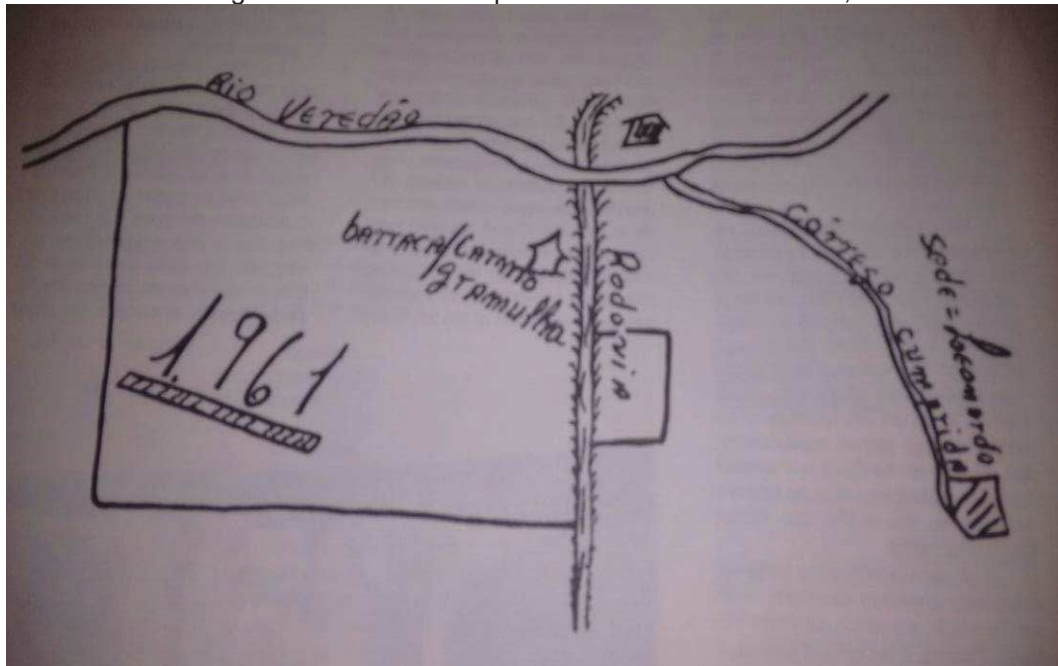
Fonte: Cunha Neto, 1992.

Cunha Neto (1992, p. 21) descreve os pioneiros da cidade de Acreúna, após o voo panorâmico que motivou a criação do município, iniciando a venda de lotes e a elaboração da planta da futura sede municipal.

Em 1962, Benedicto Arystogogo se surpreendeu com o empreendimento, visto que houve grande interesse das pessoas. Assim, a visão promissora de loteamento, prevista por Arystogogo, visava principalmente o término da rodovia que aconteceu em 1963, ocasião que começaram a fixarem-se no local os primeiros moradores.

No período posterior à compra das terras, que resultou no início do loteamento, duas pessoas se destacaram Dr. Clodoveu Leão de Almeida e o Sr. Walsh Emirich¹⁰, responsáveis pela demarcação do perímetro urbano e pela medição topográfica da área. Essas atividades foram fundamentais para que a partir da realização da demarcação, a área pudesse ser vendida em lotes e, conseqüentemente, fosse obtido lucro. Assim, em 1961, o fundador Benedicto iniciou a demarcação da futura cidade, bem como a venda dos lotes a partir de 1962, como mostra a figura a seguir.

Figura 13 – Primeiro mapa do loteamento de Acreúna, 1962



Fonte: Cunha Neto, 1992.

A comercialização dos lotes não passava por critérios rígidos de negociação, Sr Arystogogo seguia os procedimentos comerciais comuns de “compra e venda”, exigia-se apenas o oferecimento de garantias a ambas as partes, o que era determinado com base nas posses e disponibilidade financeira por parte de quem comprava um lote. Portanto, as vendas eram realizadas a quem tivesse interesse e condições de pagar, ainda que fosse em longo prazo.

Essa forma de negociação tinha relação com o compromisso moral do interessado, realizado através da troca de “fios de bigode”, no qual a “palavra de homem” era selada (CUNHA NETO, 1992, p. 22). Isso não garantia a inexistência de problemas por meio de alguns conflitos ocorridos entre credores e devedores, pois o interesse não era somente comercial.

Há décadas, surgiu a expressão *no fio do bigode* que precedeu o lacre, a assinatura e a rubrica. Consistia em dar em garantia da palavra empenhando um fio da própria barba, retirado em geral do bigode. De origem controversa, bigode pode ter vindo da antiga expressão germânica pronunciada nos juramentos: ‘bi Gott’, ou ‘por Deus’. Eram os tempos dos fios de bigode. Ou melhor, um único fio do bigode. A palavra valia tanto quanto um fio do bigode. Pois homem que era homem, usava bigode. E para usá-lo tinha que honrar essa condição de homem. Tinha que ser cumpridor de seus compromissos. Tinha que ter na cara, além da barba, vergonha! (LINHAÇA, 2013, p. 86).

O projeto do loteamento de Acreúna foi bem estruturado para os moldes da época, houve um cuidado geográfico-espacial no processo de elaboração, com vistas à determinação dos locais destinados à construção da igreja matriz, das lojas comerciais, praças, escolas, outras igrejas, residências, e até mesmo pequenas chácaras, muito comuns naquela época. Além disso, a importância do tráfego também foi incluída no projeto da cidade, considerando que as ruas foram projetadas para terem bons fluxos e mobilidade rural e urbana.

A denominação de “Acreúna” originou de duas combinações: Estado do Acre, tendo em vista a rodovia que interligava a nova cidade (Acreúna) ao referido Estado e Paraúna, a cidade vizinha de principal projeção política e econômica. Assim, mediante a junção do nome do Estado acrescentado ao sufixo da palavra Paraúna (UNA), a justaposição dada por ACRE + UNA, originou o nome do povoado e do futuro Município.

Acreúna⁹ foi projetada para ter tanto visibilidade quanto acessibilidade aos dois lados da rodovia: no lado esquerdo, no sentido Rio Verde a Goiânia, para sua construção foi destinada dois alqueires de terra situada a margem direita da rodovia 364 e trinta alqueires do lado esquerdo. Durante a pesquisa, percebeu-se que alguns moradores de Acreúna atribuem a localização do município com as boas condições de acesso.

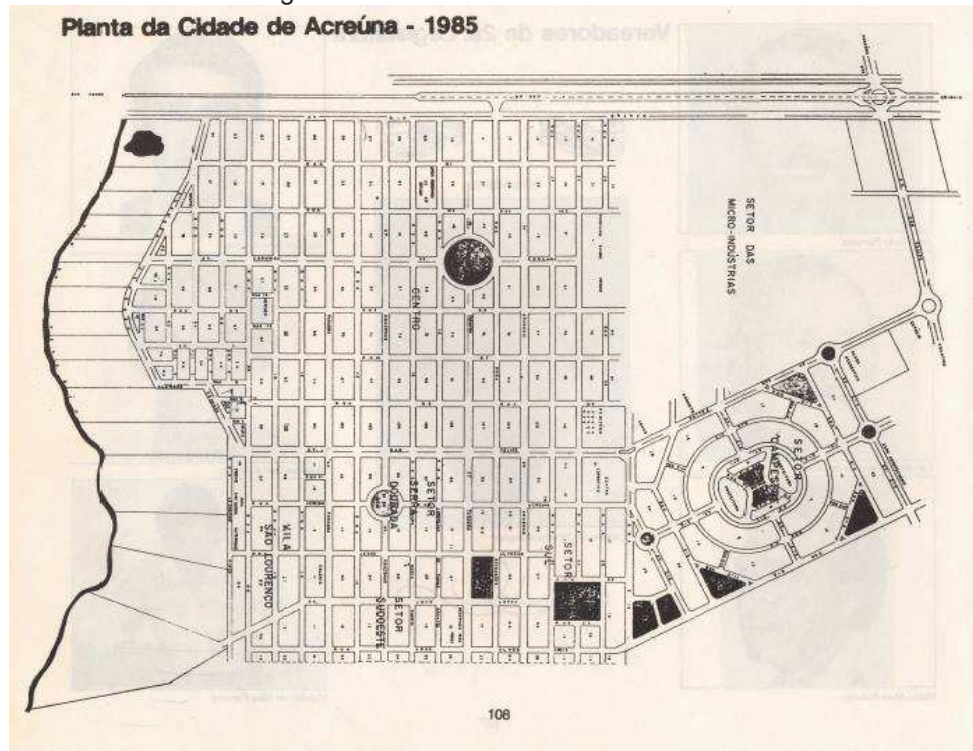
Sobre a planta da cidade, de Acreúna conforme esboço em anexo figura (14) percebe-se que o projeto do loteamento é amplo, cujos primeiros lotes mediam 20 metros de largura e 30 metros de comprimento (20X30); depois passou a ser (15X30) e se manteve. Nos bairros mais periféricos, não há vielas e seus lotes são relativamente grandes. No que se refere à expansão da área ao longo do tempo, independentemente do desenvolvimento da cidade, salvo as devidas proporções, sobretudo com base na dinâmica do município, há uma conservação da configuração dada à cidade desde o início de seu loteamento, o que pode ser visto tanto no centro como nos bairros mais simples.

Geograficamente, Acreúna está em um terreno plano e suas ruas são bem largas. Quanto à distribuição espacial, a cidade tem a igreja de São Benedito, a matriz da cidade. Vale destacar que a igreja matriz faz parte do centro histórico do município e que pode ser vista tão logo se adentra a cidade. Isso significa que uma pessoa ao

⁹ A legalização do loteamento de Acreúna e o registro foi feito junto ao Cartório de Registro Geral de Imóveis – 1º Tabelionato – Comarca de Paraúna – Estado de Goiás.

chegar a Acreúna no sentido Goiânia-Rio Verde, deparar-se-á com a igreja matriz de São Benedito.

Figura 14 - Planta da Cidade de Acreúna



Fonte: Cunha Neto, 1992. Planta de Acreúna, 1985.

Vale ressaltar que nessa época a situação territorial do Acre estava na pauta das discussões do governo nacional, pois antes da construção da BR-364, só se chegava a Porto Velho de ferrovia pela Estrada de ferro Madeira-Mamoré, partindo de Guajará-Mirim, por meio de balsa ou de transporte aéreo, visto que o transporte via rodovia ainda era inexistente. Nesse sentido, em 2 de fevereiro de 1960, o presidente Juscelino Kubitschek reuniu-se com os governadores dos estados do Norte e decidiu construir uma rodovia que ligasse a região Centro-Oeste a Porto Velho e Rio Branco.

Segundo Fiori (2012),

No auge da atividade garimpeira, outro importante ciclo econômico e social pelo qual Rondônia passou, nos anos de 1950 e início dos anos de 1960, inicia-se a penetração massiva de colonos pelo sul do Estado, pela primeira vez por via terrestre, visto que em 1960, o então presidente da República, Juscelino Kubitschek, inaugurara a rodovia BR-364, que embora em precárias condições de tráfego principalmente no período das chuvas – o inverno amazônico –, ainda assim serviu de rota para a penetração dos colonos que, ao adentrarem o futuro Estado da federação, se auto intitularam “pioneiros”, como se realmente estivessem ocupando um espaço vazio – o que não era o caso (FIORI, 2012, p. 80).

Sobre a construção da rodovia BR-364 que ligava Brasília–Acre, Silva (1984) afirma que as empresas contratadas enfrentaram muitas dificuldades, pois durante muito tempo, a estrada era apenas um caminho desorganizado nas “selvas”. Porém, a construção da referida Rodovia foi de extrema importância para o avanço dos estados, bem como significativo para o desenvolvimento das atividades como agricultura e pecuária.

Para Silva (1984), a abertura da BR-364 também favoreceu um grande movimento migratório ao longo da região, visto que “no ano de 1960”, a construtora Camargo Corrêa, que estava realizando serviço de abertura da BR-364, instalou um acampamento na proximidade da Fazenda Veredão e construiu campo de pouso e ao redor dele, motivo que possibilitou diversas famílias a terem interesse pelo local.

Com a abertura da rodovia, o caminho estava livre para a migração que não demorou a acontecer, visto que muitas famílias buscavam aportar nesse povoado, a fim de garantir um pedaço de terra para sua sobrevivência.

Figura 15 - Vista aérea cidade de Acreúna



Fonte: Google <http://www.acreuna.com.br/historia-de-acreuna/>

Conforme Oliveira (2006, p. 109) ressalta na década de 1970 essa rodovia teve problemas sérios, em virtude do intenso tráfego, incluindo o transporte de madeiras. “Os sertões e a floresta virgem seriam vencidos para que os produtos e as riquezas da região pudessem ser escoados pela BR-364, que teve o objetivo ainda de incentivar o povoamento da região”.

Por outro lado, houve o movimento migratório nos territórios de Rondônia, Goiás e Mato Grosso, visto que as rodovias possibilitavam o aumento do tráfego.

Com o rápido crescimento demográfico e a vertiginosa expansão de seu desenvolvimento econômico, o povoado de Acreúna foi elevado a distrito já no início da década de 1970. Com isso a expansão da lavoura e o crescimento da produção das terras férteis da região, garantiam ao município um solo de excelente fertilidade, onde poderia se desenvolver e buscar resultado tanto na atividade agrícola como na pecuária.

Com essa expansão o município passou a receber pessoas de diferentes lugares, conforme relatos de moradores locais estes vinham de muitos estados do Brasil, como da região Sul, e Sudeste, entre eles, gaúchos, paulistas e japoneses. Esses migrantes foram responsáveis pela diversificação de padrões, hábitos e costumes, diante da forma de trabalhar, de conduzir e manejar as atividades de lavouras e pecuária, o que culminou, posteriormente, em importantes avanços tecnológicos.

Um exemplo disso foi a modificação na organização e forma de trabalhar a terra, os agricultores passaram a utilizar técnicas mais avançadas, no que se refere aos maquinários e equipamentos para atuar no campo. Essas mudanças contribuíram para o aumento da produção e melhoria na renda, atraindo para o município, novos investidores. Dessa forma, as pessoas que vieram residir em Acreúna buscavam melhor qualidade de vida, impulsionadas, inicialmente pela plantação de hortaliças bem como pela agricultura de grãos (soja) e pecuária.

2.2 O contexto sociopolítico e econômico de Acreúna

Economicamente, a agricultura em Acreúna foi intensificada entre as décadas de 1970 e 1990, período em que se destacaram as atividades de produção agrícola e pecuária para comercialização de matrizes e, sobretudo, na comercialização de seus produtos derivados, tais como fornecer aos frigoríficos, peles para a indústria de couro, leite para laticínios e outros produtos agrícolas.

Tal alavancada econômica teria sido motivada pelo grande número de investimentos oriundos de financiamentos de projetos de estruturação e modernização provenientes do governo federal. De acordo com Borges (2005) “(...) assistência financeira e orientação técnica, visando à modernização da produção

agrícola regional. Seriam utilizados novos métodos de cultura intensiva, substituindo velhos hábitos nas rotinas dos lavradores” (Borges, 2005, p. 77).

Essas atividades foram significativas para Goiás, uma vez que foi o período em que o Estado passou a apresentar um modelo de produção mais intensiva. Nessa ocasião, a região Centro-Oeste já apresentava expansão do efetivo bovino, em razão de angariar vantagens geográficas naturais para o desenvolvimento e incentivo dessa atividade, tais como vastas áreas de campos e cerrados, tudo isso aliado ao fato de que sua localização central promovia a ligação com outras regiões do país, onde se localizam os grandes mercados consumidores.

Assim, a pecuária como força motriz da economia de Goiás, de modo geral favorecia o município de Acreúna, segundo Cunha Neto (1992) a bovinocultura era a mais representativa na região, tendo como a segunda opção a criação de suíno.

Um dos fatores que favorecem essa atividade econômica eram as condições naturais (clima, relevo, vegetação, água) da região de Acreúna. Considerando que a criação de gado é geralmente desenvolvida de maneira extensiva, a região oferecia pastagens naturais, além da disponibilidade de águas oriundas dos lagos que se encontravam nas áreas mais elevadas. A pecuária apresentava manejo extensivo de baixo investimento, integrada ao sistema de produção de praticamente todos os produtores, nesse ramo a produção de leite se expandia como alternativa de renda complementar.

Paralelo às atividades de pecuária, se desenvolvida na região as atividades agrícolas como plantação de cana de açúcar, grãos e hortaliças. Pena (2018) destaca que a cana de açúcar existente na região de Paraúna tinha como objetivo atender os agricultores na sua subsistência, além de ser utilizada pelos pecuaristas para complementar a alimentação dos animais, uma vez que o plantio também ajudava no controle da erosão do solo com a sucessão de outras culturas.

A produção de hortaliças se mostrava como uma atividade constantemente presente nas propriedades familiares como uma atividade de subsistência ou com o escopo de mercantilização daquilo que era excedido, em pequena escala. Segundo Faulin (2010, p. 42), “a produção de hortaliças, tanto comercial como para a subsistência, possui um papel importante para a atividade agrícola familiar, contribuindo para o seu fortalecimento e garantindo sua sustentabilidade”.

Para o desenvolvimento destas atividades Acreúna contou com trabalhadores que vieram em sua maior parte da cidade de Paraúna (município vizinho) e atuavam

em diversos tipos de serviços. O ingresso dessas pessoas no município também contribuiu de forma significativa para o crescimento do povoado; o aumento populacional e o crescimento econômico foram fundamentais para a futura autonomia político-administrativa.

Assim, devido ao crescimento demográfico e à expansão econômica, o povoado elevou-se a distrito, instalado em 1968. Enquanto Distrito, sob a gestão do Prefeito Municipal de Paraúna, Sr. Domingos Alves Pereira, o povoado recebeu verba de recursos Federais para investir na educação; o que propiciou à construção da primeira escola.

O êxito da implantação desta escola também está relacionado à iniciativa de um grupo formado por professores e secretário de educação que deram início aos primeiros debates em torno da educação na região, tiveram apoio do meio político que também defendiam a expansão das modalidades de ensino para comunidade.

Essa instituição escolar foi construída e reconhecida oficialmente como Colégio Estadual Domingos Alves Pereira, inaugurada em 29 de junho de 1968. Trata-se da única instituição escolar a nível estadual, de ensino médio regular até o presente momento no município.

Convém destacar que a elevação do distrito à município, representou, para Goiás, um período de democratização das oportunidades que passaram a ser exigência tanto econômica quanto política, frente ao que vinha ocorrendo no território nacional, uma vez que nessa época as modificações indicavam incipiente processo de “modernização” econômica e social.

O país passava por um momento de urbanização essas mudanças favoreciam o deslocamento das pessoas para as cidades. Deste modo, houve a necessidade de “fundar a escola pública, uma vez que aquela que existia era identificada como atrasada e desorganizada” (FARIA FILHO, 2000, p. 30).

Mesmo diante da necessidade de alfabetização com vistas à participação política e desenvolvimento, a primeira escola de Acreúna, inicialmente, recebia somente a população urbana, pois os filhos dos habitantes da zona rural do município não tinham boas condições de mobilidade que permitisse ir à escola diariamente. Atualmente, a maioria das crianças e jovens do município de Acreúna têm acesso à escola, embora ainda ocorra muita evasão escolar.

Figura 16 – À esquerda, foto da escola em 1960 a direita foto atual 2019.



Fonte: arquivo da Prefeitura Municipal de Acreúna 2018/ autor.

Posteriormente, na década de 1970 iniciou-se o processo de emancipação política do povoado, para isso foi protocolado no Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Paraúna o Plano de Urbanização (PU) o que representou o primeiro e grande passo para a realização da independência do Distrito.

Sobre o PU, vale destacar seus objetivos no sentido de fortalecer e ampliar o plano diretor municipal, que permitiria a disposição do solo, bem como a utilização pela zona urbana. Além disso, o PU inclui um quadro de referência voltado à realização das políticas urbanas, estabelecendo a localidade das infraestruturas e dos principais equipamentos coletivos.

Em 1971 instalaram-se na cidade os médicos Evaristo Vilela Machado e Celio Rezende Machado, o que motivou a construção do primeiro hospital (CUNHA NETO, 1992, p. 24). Destaca que antes do hospital ser construído, esses profissionais atendiam nas cidades vizinhas. A inauguração do hospital possibilitou uma maior segurança aos moradores, pois antes disso, os casos de extrema urgência eram tratados em Paraúna, Rio Verde ou Goiânia.

2.3 A População

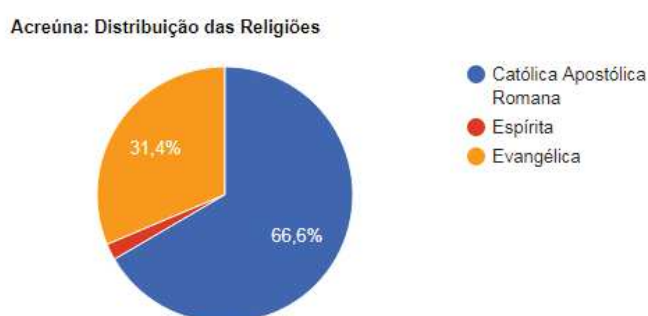
A população de Acreúna iniciou com a família do Sr. Carmo Gramulha, comerciante no ramo de armazém em 1962, depois Reginaldo Moreira Vasconcelos, o primeiro a adquirir um lote em 1964, Peregrino Rodrigues e muitas outras famílias (CUNHA NETO, 1992, p. 22). Nas cinco décadas seguintes, a população atingiu

20.279 habitantes, conforme dados do Censo do IBGE (2010). Atualmente a projeção populacional segundo IBGE (2018), é de 22.182 habitantes.

Conforme o censo 2014, a população de Acreúna é distribuída na seguinte proporção entre homens e mulheres. A população masculina representa 10.379 (51.18%), enquanto a população feminina é de 9.900 (48.82%) habitantes.

Esse censo apresenta, inclusive, uma prospectiva para a população de Acreúna, no que se refere a religião, conforme demonstra o gráfico a seguir.

Gráfico 01 – População de Acreúna, residente por religião



Religião	População	Porcentagem
Católica Apostólica Romana	12.019	59,27%
Espírita	373	11%
Evangélica	5.661	35%

Fonte: IBGE Estatística de Religiões em Acreúna/2010

No início eram apenas alguns grupos de pessoas predominantes da religião Católica. Muitos desses chegaram à Acreúna na época da construção das principais estradas da região. Com a expansão demográfica nas décadas de 1980 e 1990 outras religiões começaram a se implantar no município. Pelo gráfico pode se observar que a religião Católica ainda prevalece, mas é expressivo o percentual de religião evangélica no município.

2.4 As festas tradicionais

As festas tradicionais brasileiras são manifestações que segundo Santos (1997) surgiram no final do século XVIII, promovidas e influenciadas pela tradição portuguesa, as quais logo se dispersaram por todas as regiões do nosso país, levadas com diversos nomes e interpretações.

Faz-se necessário ressaltar que o povo brasileiro compõe diversos grupos sociais, cuja extensão pode ser familiar ou coletiva: o grupo familiar, o grupo da igreja, o grupo dos comerciantes, o grupo político, o grupo das mulheres, entre outros.

As pessoas constroem suas identidades durante sua vida, ao se relacionarem entre si, por meio desses grupos presentes em diferentes contextos e situações. Dessa forma, a identidade de uma pessoa é construída tomando em consideração diversos fatores: a sua própria história de vida, bem como a de sua família, sua integração social e religiosa, o lugar onde reside, o jeito como fala e se expressa, enfim, todos os aspectos que a torna única e diferente das demais.

Nesse sentido, as festas tradicionais são eventos que fortalece a identidade cultural dos membros de uma cidade. Embora muitas dessas festas sejam comuns em diversos lugares, como por exemplo as festas juninas, em cada região ela pode se expressar de uma forma particular, de acordo com as características culturais da região e de sua época.

Em Goiás, as primeiras notícias das festas tradicionais são encontradas nas crônicas e nos relatos de viagens daquela época. Percorreram a Província de Goiás, no início do século XIX, os viajantes Auguste François César Provençal de Saint-Hilaire, Johann Emmanuel Phol, George Gardner e Francis Castelã.

Vale destacar que os relatos dos viajantes se tornaram elementos importantes na construção da identidade nacional brasileira. Também é importante ressaltar que o principal interesse dos viajantes que aportavam no território brasileiro estava voltado para a Floresta Amazônica, o Pantanal e a Mata Atlântica, eles demonstravam interesse em conhecer tanto esses biomas, quanto as técnicas tradicionais utilizadas na extração de riquezas minerais.

Em suas obras, especialmente de Saint-Hilaire (1975) registrou diversos aspectos como geografia, agricultura, comércio, arte, vida religiosa, administrativa e judiciária, costumes, dos grupos indígenas em Goiás. Todavia, há em sua obra, alguns

costumes estranhos sobre as festas locais. Acrescenta-se também que vários aspectos revelam os olhares eurocêntricos dos viajantes.

Todos os anos, os agricultores tiravam a sorte para saberem quem iria fazer a festa. (...) Como primeira providência, fincava-se no chão um grande mastro, em cujo topo tremulava uma pequena bandeira com imagem do santo. O pátio da fazenda era iluminado (...). Em geral a gente do povo que cantava modinhas. As letras dessas canções eram muito jocosas. Logo começavam os batuques, uma dança obscena que os brasileiros aprenderam com os africanos (...) (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 47).

Para os viajantes as festas eram tidas “como expressão de um povo mestiço, inculto e atrasado, que sofria com a crise da mineração” (DEUS; SILVA, 2002, p. 17).

Phol (1817), outro viajante presente no estado de Goiás, destaca que festas religiosas sempre esvaziavam cidades inteiras por causa do deslocamento.

Em Goiás era muito comum nas zonas rurais a existência de “arraiás”, espaço onde além das atividades lúdicas era comum a troca de saberes e fazeres entre o homem do campo e o da cidade. Outro evento de interação social, com fins também econômicos era o “mutirão”, atividade coletiva que consistia em trabalhos organizados com ajuda mútua; essas práticas de solidariedade reforçam as práticas culturais como as festas de religiosidade popular.

No que tange as festas organizadas por essas irmandades em homenagem aos santos padroeiros, bem como a diversos outros santos de devoção, eram tidos como o momento máximo de vida dessas associações como nos confirma Abreu (1999),

Eram festas onde o sagrado e o profano misturavam-se, deixando as autoridades civis e religiosas preocupadas com o desenrolar das festividades com muita música, dança, fogos de artifício, barracas com comidas e bebidas, novenas, procissões; e na maioria delas a população escrava e/ou negra não perdia a oportunidade para mostrar suas músicas, danças e batuques (ABREU, 1999, p. 31).

Dentre as festas religiosas do município de Acreúna, destaca-se as Folias de Reis. Essa tradição é organizada por fazendeiros, comunidade local e convidados de outras cidades circunvizinhas que saem no mês de dezembro, de propriedade em propriedade, rezando, cantando e pedindo ajuda para que no dia 06 de janeiro, dia dos Santos Reis, todos possam festejar juntos. Na ocasião, a festa é marcada com

muitos devotos que reúnem cantam, rezam dançam e oferecem verdadeiros banquetes aos convidados.

A Folia de Reis é um grupo precatório de cantores e de instrumentistas, seguidos de acompanhantes, e viajantes rituais, entre casas de moradores rurais, durante um período anual de festejos dos três Reis Santos, entre 31 de dezembro e 6 de janeiro (BRANDÃO, 1983, p. 4).

A origem da Folia de Reis está associada a uma tradição cristã portuguesa e espanhola que foi trazida para o Brasil, provavelmente no século XIX. Essa Festa é celebrada na religião católica com o intuito de celebrar a visita dos três reis magos (Gaspar, Melchior e Baltazar) ao menino Jesus. Ao longo dos tempos essa festa vem sendo ressignificada, o que a torna possível até aos dias de hoje, século XXI.

A tradição religiosa da Folia dos Reis nos remete à história bíblica que retrata a experiência de vida dos Três Reis Magos, conforme discorre o segundo capítulo do Evangelho de São Mateus; este registro bíblico destaca que os magos partiram em uma jornada com o objetivo de encontrar o local onde o menino Jesus Cristo havia nascido, de forma a prestar homenagens e também presenteá-lo.

Na Folia de Reis de Acreúna os devotos seguem a tradição, sendo comum, os grupos visitarem as casas nesse dia, tocando músicas e dançando para celebrar o nascimento de Jesus e o encontro com os três reis magos. Em agradecimento as pessoas, no papel de anfitriões, oferecem comidas e prendas para serem arrematadas nos leilões.

O dia de Reis sempre é celebrado dia 06 de janeiro, pois segundo a Bíblia foi nesse dia que eles encontraram Jesus. Essa data marca também o momento em que as árvores, os presépios, os adornos e decorações natalinas são retirados.

Figura 17 – Folia dos Santos Reis no Município de Acreúna, ano 2017



Fonte: arquivo municipal, dezembro 2017.

Outra festa tradicional do município de Acreúna é a Festa de Nossa Senhora Aparecida, realizada no mês de outubro. Trata-se de uma festa religiosa, cujo propósito é reunir para rezar e agradecer. As organizadoras da festa são não maioria das vezes mulheres, porém os grupos de casais vinculados à paróquia são envolvidos para as atividades de liturgias.

Durante a festa são realizados quermesses e leilões de prendas doadas pelos fiéis. Toda a arrecadação obtida nessa festa é revertida em donativos para a Paróquia de São Benedito da cidade de Acreúna.

Figura 18 – Festa homenagem a Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Arquivo Paróquia São Benedito, outubro de 2017.

A Festa do Padroeiro São Benedito é comemorada com grandes festividades e devoções, na ocasião da festa, são realizadas as missas em louvor ao Santo, bem como as novenas durante a semana, leilões, procissão com a participação e organização dos membros da Paróquia São Benedito, comunidade e regiões vizinhas. No próximo capítulo essa festa será caracterizada de forma pormenorizada.

Figura 19 – Festa homenagem à São Benedito.



Fonte: arquivo Paróquia São Benedito – abril de 2018.

Outra festa tradicional, de grande representatividade em Acreúna são as festas juninas realizadas em homenagem a São Pedro, Santo Antônio e São João. Realizadas no mês de junho, a Festa Junina caracteriza-se como uma festa em que os aspectos profanos e sagrados apresentam-se totalmente interligados, assim como ocorre nas demais festas citadas.

Em seu ritual de apresentação, observa-se danças em torno da fogueira, há brincadeiras diferenciadas, realizadas por grupos da comunidade que se alegram com as cores dos balões, bandeirolas, foguetes, músicas tradicionais juninas, faziam muitas comidas e bebidas para os convidados. Com ansiedade esperavam a encenação do casamento caipira a fuga do noivo e/ou disputa da noiva atijava emoções e euforia.

O gênero musical tocado na festa geralmente é aquele nos quais a sanfona é o principal instrumento, tal como o forró e a moda de viola. Nestas festas, ocorrem homenagens a Santo Antônio, que é invocado pelas moças solteiras que desejam se casar.

A festa junina teve sua origem europeia e no Brasil é considerada uma festa laica e popular, embora a Igreja Católica estivesse conectada ao poder coercivo do Estado desde sua colonização no século XVI, ela não exterminou as vivências e práticas habituais dos fiéis.

Em algumas cidades do Nordeste como Natal (RN), alguns atuais rituais são mantidos, pois representam tradições locais peculiares da região que são expressas na cultura religiosa do povo; solidificando a existência desta religiosidade nas atitudes festivas e trivial dos moradores.

Nesse sentido, a festa não é pensada apenas como um ritual ultrapassado, pois se faz necessário não só o contexto histórico e os principais tipos culturais da cidade, mas sobretudo a sua relação com a história contemporânea, bem como a cultura massificadora da atual modernidade globalizada. Ademais, ainda há o turismo de massa que atrai diversas pessoas que demonstram interesse nesta riqueza religiosa, cultural ou histórica.

É necessário realizar um questionamento se as festas populares são culturalmente fortes o bastante para enfrentarem os impactos da modernidade e o avanço de transformação permeada pela modernização e turismo que, na maioria das vezes, pode levar a um enfraquecimento ou, até mesmo, a perda do sentido religioso na realização da festa. Essa conjuntura sofre mudanças com a chegada de visitantes e com os novos moradores, muitos dos quais seguidores de outras religiões.

Figura 20 – Festa Junina.



Fonte: Arquivo da Secretaria de Educação, 2018.

Há também a Festa do Peão ou Agropecuária, considerando que a pecuária é a principal atividade econômica do município, que garante grande parte do desenvolvimento econômico da cidade, a festa tem um importante lugar no calendário de eventos do município.

A Prefeitura municipal em parceria com a Câmara de Vereadores e Sindicato Rural é a responsável pela realização dessa festa, que ocorre entre os meses de julho e agosto, com duração de nove dias. As atrações da festa são as barracas de comidas diversas, *stands*, *shows* musicais e os famosos rodeios de bois.

Faz-se necessário ressaltar que não há em Acreúna festividades de natureza afrodescendente, como acontecem em diversos estados brasileiros e municípios

goianos, como a festa da Congada, visto que com a colonização portuguesa, vários africanos vieram para o Brasil na condição de escravos e acabaram trazendo suas tradições que foram mescladas ou interagidas à cultura local.

Essa festa representa uma manifestação cultural e religiosa de influência africana celebrada no Brasil nos estados Espírito Santo, Bahia, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e em Goiás, especificamente nos municípios de Catalão e Pirenópolis e cidade de Caiapônia.

Nesses municípios a Congada faz parte da Festa do Divino Espírito Santo, inspirando-se no Cortejo aos Reis Congos que era uma expressão de agradecimento do povo aos seus governantes. Nesta festa, se louva Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia, lembrando-se da proteção que esses santos deram aos negros escravizados e a seus descendentes. Em algumas congadas, se recorda a figura de Chico Rei e da luta entre cristãos e mouros.

Nesse contexto, os reis negros, presentes em quilombos e grupos de trabalho, mas principalmente em irmandades católicas, serviram de importantes catalisadores de algumas comunidades e foram centrais na construção de suas novas identidade. Nesse sentido, em todos os espaços em que a Congada é apresentada mesmo com as diferenças peculiares ela mantém a mesma crença da encenação da coroação do Rei do Congo. Outro fator que chama a atenção nas Congadas são as crianças que dançam acompanhando o Terno, dando a entender que as gerações futuras darão continuidade à tradição. (SOUZA, 2002, p. 128).

No Brasil os negros escravizados e seus descendentes mantiveram elementos da tradição africana, os quais foram importantes no fortalecimento da identidade afro-brasileira, reelaborada nas religiões, nas músicas e nas danças.

Nesse sentido, observa-se o importante papel que as irmandades desempenhavam na integração social e religiosa dos negros, uma vez que eram os únicos espaços possíveis para as manifestações de suas tradições.

Borges (2005, pg. 56) afirma que “a atuação religiosa dos escravos nas irmandades se dava de forma mais livre às vezes, até eram legitimados pela sociedade, uma vez que muitos senhores enviavam seus escravos para fazer parte dessas irmandades”.

Dentre as principais devoções que essas irmandades cultivavam, estava a devoção a Santa Efigênia, (responsável por disseminar o cristianismo na Etiópia) e São Benedito. Aos poucos, essas irmandades foram exercendo suas atividades

dentro da própria igreja Matriz e, à medida que cresciam e conseguiam mais autonomia, construíaam suas próprias igrejas.

CAPÍTULO 3

A FESTA DO SANTO PADROEIRO

São Benedito é considerado um dos santos mais populares no Brasil, conhecido por ser defensor dos desafortunados, que fez votos de pobreza, resignação e castidade. Era muito admirado e, por essa razão, era solicitado pelo povo, que ansiavam ouvir seus conselhos e rogar-lhe orações.

O município de Acreúna tem a Festa de São Benedito como um dos eventos mais importantes no contexto cultural e religioso, além da significância religiosa, a festa também tem o papel de fortalecer as relações de sociabilidade entre os indivíduos, assim como de fortalecer a economia, pois na ocasião a cidade recebe um grande fluxo de fiéis, vindos dos mais diversos lugares, com diferentes trajetórias e bagagens culturais de fé e devoção, que se interagem com a população local, tornando essa festa um espaço de expressiva força social e também econômica.

A autoridade do município tem ajudado menos, por conta da crise financeira que o país se encontra, a colaboração financeira das instituições públicas (políticas) oscila, tendo em vista a situação econômica do município, por outro lado (...) nos últimos anos, a participação dos jovens nas barracas tem aumentado (João Victor Alves Arantes, fevereiro, 2019).

(...) os jovens participam da festa por ser um momento de alegria e reunião familiar, a Festa de São Benedito em Acreúna é uma tradição, as prendas leiloadas ajudam financeiramente o desenvolvimento da Paróquia, nas barracas comemos, conversamos e nos divertimos muito (Ádria Camila Duarte Batista, fevereiro, 2019).

Nos dias de festa os fiéis se aglomeram para professar a sua fé, assim como, para participar do lado lúdico da festa, acompanhando os leilões e outras manifestações culturais durante os nove dias de festejo, os quais se alongam durante toda a semana. Nesse período há participação dos devotos na novena e também aproveitam para usufruir das comidas dispostas à venda nas barracas, que ficam localizadas em volta da praça da paróquia de São Benedito, na região central da cidade.

Figura 21 - Paróquia São Benedito



Fonte: Arquivo Pessoal

A trajetória da festa de São Benedito tem sua relevância na memória dos habitantes, como ressalta a moradora Deisy Gonçalves de Moraes,

A festa do padroeiro era o que eu mais gostava quando era criança e adolescente, pois meus pais João Vieira (Curiango) e minha saudosa mãe Hilda Gonçalves foram atuantes dentro da igreja, realizava limpeza, confecção de roupas para a Irmã Elisa, altar e outros objetos (eucarísticos) que já não sei mais o nome. O meu pai gritou as prendas do leilão por muitos anos (Deisy Gonçalves de Moraes, fevereiro, 2019).

Festas religiosas desta natureza fazem parte da cultura popular brasileira que em muitas situações são transformadas em importantes referências culturais para a população, como é o caso de Acreúna.

A festa de São Benedito pode ser considerada como um evento tradicional e que faz parte da identidade cultural de seus habitantes, pois: está introjetada na memória dos seus habitantes, presente nas diversas trajetórias pessoais e coletivas da comunidade; agrega uma pluralidade de eventos distintos, mas que estão interconectados; há uma sistematicidade de realização do evento, as comemorações a São Benedito têm sido realizadas ao longo de 56 anos, ininterruptamente; outro ponto que favorece o aspecto tradicional da festa e de identidade cultural é a identificação coletiva das pessoas, da comunidade, com o festejo.

(...) claro é a tradição da cidade que não podemos deixar acabar. “Meus pais participaram, eu participo e ensino aos meus filhos a participarem” (Rosângela da Silva P. Gomes, janeiro, 2019).

Importante considerar que em Acreúna a festa é identificada por parte expressiva dos habitantes da cidade, onde se inclui não somente os católicos, mas pessoas de outras religiões, fato que reforça o fortalecimento da identidade e a integração social da população em relação ao evento.

(...) embora não seja católica, respeito e aprecio a tradição ao Santo Padroeiro, vejo que é um acontecimento tradicional e social importante para a comunidade, meus filhos sempre gostaram de participar e comer na barrada da Festa (Clarice Maria Magalhães Ferreira, dezembro, 2018).

Segundo Silva (2001, p. 26), as festas tradicionais ou objetos culturais são: “coisas criadas pelo homem mediante projeção de valores, ‘criadas’ não apenas no sentido de vivência espiritual do objeto (...)”. O âmago deste bem cultural encontra-se na sua respectiva estrutura, que incorporam seu valor dando-lhe sentido. Assim as práticas e representações culturais, as celebrações religiosas tradicionais são eventos que podem ser considerados como parte integrante de um patrimônio cultural.

Para Martins (1992) a tradição se mantém ao longo dos tempos, para isso deverá se modificar, se adaptar, todavia, mantendo “acesa” a sua essência, a sua estrutura. Nesse sentido os processos de continuidades e mudanças da história são fundamentais para a conservação das manifestações culturais.

Se, por um lado, o crescimento e fortalecimento de um evento cultural exigem mudanças em seu formato de realização, de forma a se adaptar às demandas da contemporaneidade, por outro, é importante a sua compatibilização frente aos elementos culturais “originais” da tradição.

Nesse sentido, o grande desafio dos organizadores da Festa de São Benedito de Acreúna têm sido manter a essência da religiosidade e, ao mesmo tempo fortalecer o seu aspecto histórico e social, por meio da promoção de atividades lúdicas, em especial o leilão, que tem aprovação de todos os entrevistados. Sobre as mudanças de eventos ocorridas na Festa de São Benedito, trazemos a narrativa da moradora Sra. Deisy Gonçalves de Moraes:

Uma das etapas mais importantes da festa é a celebração da novena do padroeiro, onde as pessoas celebram a sua fé e a sua história, outro momento

é a confraternização na barraca do leilão (Barraca da Amizade), gostaria que voltasse a comunidade escolar ser escalada para atuar na liturgia com os alunos, funcionários e pais onde havia uma dramatização do evangelho ou das leituras bíblicas, as escolas faziam faixas arrecadavam alimentos para doar aos necessitados, prendas para o tradicional leilão (Deisy Gonçalves de Moraes, fevereiro, 2019).

Também importante destacar que, embora os recursos arrecadados na festa sejam direcionados à Paróquia de São Benedito, colaborando na sua manutenção, durante a festa há também uma expressiva movimentação financeira independente. Essa movimentação é importante para os comerciantes locais que vendem suas mercadorias para o acontecimento festivo. De acordo com alguns comerciantes locais, proprietários de supermercado, açougue, padaria entre outros, percebe-se que durante a festa há um aumento de aproximadamente 70% de receita sobre o que se arrecada no cotidiano.

Sobre o montante de recursos que é arrecadado pelos eventos promovidos pela Igreja, como por exemplo, o leilão, os organizadores prestam conta aos responsáveis pela administração da Paróquia de São Benedito de Acreúna, esta por sua vez a apresenta à Diocese de São Luiz dos Montes Belos.

Os recursos para a festa de São Benedito são obtidos através de patrocínios dos festeiros e de promoções realizadas pelos devotos durante todo ano.

A Festa de São Benedito é marcada por três grandes fases: a primeira fase (1) compreende a preparação do evento, nessa fase os maiores envolvidos são os “festeiros”, ou seja, os organizadores que foram escolhidos no ano anterior pela atual Comissão Organizadora. O tempo de organização da Festa é de cerca de 6 meses. A Comissão é composta por integrantes da Paróquia de São Benedito. Informamos que a Paróquia é formada por diferentes grupos, responsáveis por atividades específicas, a saber: Ministério da música; Grupo de casais; Equipe Litúrgica, Comissão de organização da Festa de São Benedito, entre outras.

A Comissão de organização da festa forma as subcomissões, destinadas à atuar em cada atividade da festa. Essas subcomissões, por sua vez distribuem as atribuições, como acionar a Prefeitura Municipal para disponibilizar vigilantes para cuidar da segurança da barraca oficial e, pessoas para a realização da limpeza externa; buscam também auxílio na construção de uma grande barraca ao lado da paróquia, esse espaço posteriormente será cuidadosamente ornamentado para

receber as prendas e subsidiar os eventos lúdicos, entre eles os leilões. Destacam-se ainda as doações espontâneas enviadas ao leilão.

Em aproximadamente 15 dias de antecedência os organizadores distribuem os convites da Festa entre os habitantes de Acreúna e das cidades vizinhas. Estes são confeccionados a partir das ofertas de patrocinadores, em geral comerciantes do Município.

Figura 22 - Convite da Festa do padroeiro São Benedito Cidade de Acreúna

40ª Festa em honra a São Benedito

Paróquia São Benedito - Acreúna-GO
Pe. PAULO RICARDO, CONSELHO ADMINISTRATIVO E COMISSÃO DE FESTAS
 Todos os dias: Novena às 19hs, Santa Missa às 19:30hs e em seguida animadíssimos leilões.

Dia 27/04/2018 - Sexta-feira
 LAERCIO MESQUITA E FAMILIA
 LAMARO JACOB E FAMILIA
 FRANCISCO INACIO RIBEIRO SAO FELIPE E FAMILIA
 MARIA JOSE BARROS FAZENDA SANTA FE
 PAULO TRACIO E FAMILIA
 ALEX FERREIRA SOARES E FAMILIA
 MARCONES MADUREIRA SOARES OLIVEIRA E FAMILIA
 PAULO BUENO AMARAL E FAMILIA
 DR. MONTON BARCELOS E FAMILIA
 TALENE BARROS E FAMILIA
 AMARAL SOUZA E FAMILIA
 CARVAL TAVARES FAMILIA E FUNCIONARIOS
 Organização de Bairro: PASTORAL FAMILIAR

Dia 28/04/2018 - Sábado
 ALDO CARVAL E FAMILIA
 COMUNIDADE ASSANTAMENTO ZENIATO
 DEUSA VIRAL SERRAVALTA FAMILIA E FUNCIONARIOS
 TOSCO DOS SOARES
 FARMACIA SERRAVALTA E FUNCIONARIOS
 RONALDO CORREIA ALVES E FAMILIA
 RONALDO BARREIRA E FAMILIA
 LUIS FERNANDO BARREIRA E FAMILIA
 FERNANDO DE OLIVEIRA E FAMILIA
 MECANICA MUNDIAL FAMILIA E FUNCIONARIOS
 KLEIN E RODRIGUES E FAMILIA
 OLIVARI FALCO E FAMILIA
 Organização de Bairro: PASTORAL DO BATISMO E VICENTINOS

Dia 29/04/2018 - Domingo
 MANOEL DO BRITTO E FAMILIA
 MARIA RODRIGUES E FAMILIA
 LUCIANA JOANA PEREIRA DE OLIVEIRA E FAMILIA
 ROSANGELA CARVALHO E FAMILIA
 WELINGTON PEREIRA E FAMILIA
 CLAUDIO LOPES E FAMILIA
 LUCIANA ROCHA E FAMILIA
 DIVINYOLAR (Industria) E FAMILIA
 JAC. CARVALHO DE JESUS
 SUPERMERCADO PAZ, TONIC FAMILIA E FUNCIONARIOS
 Organização de Bairro: PASTORAL DA SOBRIEZA E JUBILEU DO SÍMBOLO

Dia 30/04/2018 - Segunda-feira
 RINDO E PRACA DE ALIMENTACAO
 Organização de Bairro: CAPELA DE SANTA LUZIA

Dia 01/05/2018 - Terça-feira
 RINDO E PRACA DE ALIMENTACAO
 Organização de Bairro: CAPELA SAO FRANCISCO DE ASSIS

Dia 02/05/2018 - Quarta-feira
 WALDIR TEIXEIRA DA SILVA E FAMILIA
 UZEL CASTANO DE BARROS BRITO E FAMILIA
 MAEL AN COMERCIO E FAMILIA
 MARCO RODRIGUES (INDIA) E FAMILIA
 R.C. RENOVACAO CATEQUETICA CATEQUISA E FAMILIA
 PODES LUDILATIVO
 TAKEMOTO FAMILIA E FUNCIONARIOS
 Organização de Bairro: PASTORAL CATEQUETICA

Dia 03/05/2018 - Quinta-feira
 SERIKELI HINOLITO E FAMILIA
 SIAP AGRONEGOCIOS FAMILIA E FUNCIONARIOS
 SILVAN FACCO E FAMILIA
 COMERCIO DO JOAO E FAMILIA
 VICTOR FONTANI E FAMILIA
 LUIS CARLOS LOPES BRAGA E FAMILIA
 AUTO MECANICA ARAGUAIA (ADALTO E CLAUDIA)
 SARDENHA APONTO DE SOUZA E FAMILIA
 RAYDY PINTO DE FARIA E FAMILIA
 Organização de Bairro: R.C.C.E

Dia 04/05/2018 - Sexta-feira
 DOR DE ACREUNA
 SERIKELI HINOLITO E FAMILIA
 MARCO ANTONIO PEREIRA E FAMILIA
 GILSON PEREIRA E FAMILIA
 JOAO ELIAS MARTINS E FAMILIA
 ANTONIO DE CARLOS SOARES E FAMILIA
 GILBER DA TORRES E FAMILIA
 EQUIPE DO CANTINHO
 CAMPO SACCOE FAMILIA E FUNCIONARIOS
 ADALTON MOREIRA E FAMILIA
 FERNANDO CHAVES LOPES E FAMILIA
 KLEIN RODRIGUES E FAMILIA
 MADRUGERA, TOBI E RODRIGUES E FUNCIONARIOS
 Organização de Bairro: MEDICINARIOS E PASTORAL DO SAO

Dia 05/05/2018 - Sábado
 GILSON CENTRE E FAMILIA
 EDUAR NETO E FAMILIA
 PREFEITURA MUNICIPAL DE ACREUNA
 CLAUDIMAR SOFIM PORTUGAL E FAMILIA
 TEREZINHA ANASIO E FAMILIA
 EDUARDO FURUKAWACHI E FAMILIA
 KLEIN RODRIGUES E FAMILIA
 O - COMERCIO DE PRODUTOS DA PASTELARIA DOB
 GOSMANNAS E JAVIERRE

Dia 06/05/2018 - Domingo
 LEILAO DE CECILIA
 ZE BALARD
 JANDIRA PIRES
 JOSE ANTONIO PIRES
 MARCELO PIRES
 RENATO PIRES
 IVON MARCELO
 RONALDO BARREIRA
 ELIZABETH LINDA (MADAMMO)
 VALDIVINO ABAD DOS SANTOS
 BELISSIMO (GRUPO)
 OSEIR (GRUPO) VEREADOR
 Organização de Bairro: GRUPO MADRUGA E R.C.C

LEILAOES:
 DEMONIL, DEMARÃO, HELIO RODRIGUES,
 PAULINHO BUENO

DIA 06/05/2018
UM DELICIOSO ALMOÇO
 COM CURUBACAO
 REFEICAO POPULAR A PARTIR DAS 12h
 Adair e Rosinete

Fonte: Arquivo Pessoal (2018).

Concomitante à organização estrutural há também a fase de preparação espiritual, constituída pela realização de novenas e missas. Para cada uma dessas atividades há também os responsáveis pela liturgia, do ofertório (dízimo), do coral e dos grupos de ornamentação.

A segunda fase (2) é marcada pelo início da Festa, com a alvorada realizada às cinco horas da manhã da quarta semana de abril. Neste momento o Pároco no interior da Igreja de São Benedito dá as boas-vindas aos fiéis e anuncia oficialmente a abertura do evento. A partir desse momento se inicia as comemorações do padroeiro, onde um conjunto de crenças e práticas religiosas é vivenciado de forma individual e coletiva. Nesse encontro o Pároco abençoa os fiéis, pedindo a bênção e proteção a São Benedito para que a festa ocorra em paz.

Na sequência do ato de fé, o Pároco, segurando a “caldeirinha” de água, faz a oração pedindo às bênçãos sobre a água, tornando-a abençoada. Mediante as orações, nesse momento a água, passa a ter um sentido também espiritual, como símbolo do sacramento do batismo, que simboliza o renascimento das pessoas pela água e pelo Espírito Santo. Os fiéis são aspergidos coletivamente com essa água ou se benzem de forma individual ao entrarem na igreja, proferindo o credo: “graças a Deus”.

Nas Sagradas Escrituras, a água é considerada símbolo de purificação de vida. Como dom de Deus, a água é instrumento vital, imprescindível para a sobrevivência e, portanto, um direito de todos ((cf. Sal 51,4; Jo 13,8) COMPÊNDIO DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA, N. 484).

A terceira fase (3) da Festa pode ser considerada com a celebração das missas que acontecem durante todos os dias da festa, no período noturno. Elas são realizadas na igreja matriz da cidade, pois há um aumento significativo de pessoas.

Esta terceira fase é também marcada pela procissão, realizada no último dia da festa, ela caracteriza-se em um percurso pelas ruas da cidade, onde os fiéis transportam o padroeiro da cidade em um "andor" (berlinda) construído de madeira, cuidadosamente pintado e ornamentado com ramos e flores. Atualmente em Acreúna, o andor é transportado por um carro, especialmente preparado para esse evento.

Nele, o padre e dois coroinhas acompanham a procissão em cima de um veículo, algumas pessoas vão caminhando atrás do carro ornamentado, em seguida são posicionados os, tropeiros, os carros, caminhões, motociclistas, ciclistas e outros.

Figura 23 – Carro ornamentado para a procissão de São Benedito



Fonte: arquivo pessoal, 2018.

O andor é considerado parte fundamental desse traslado, sendo acompanhado pelos fiéis, que participam da caminhada e querem carregá-lo ou tocá-lo. Ao chegarem à paróquia, os organizadores da festa convidam quatro fiéis, sem distinção de sexo, para carregarem o andor com São Benedito até o púlpito da igreja, desse contexto participam homens, mulheres e/ou jovens de diferentes faixas etárias.

Figura 24 – Fiéis carregando o andor de São Benedito até o altar da Paróquia.



FONTE: Arquivo pessoal, 2019.

Os fiéis carregam em seus ombros o andor com o Santo, nas laterais enfileiram-se grandes pelotões, com diferentes pessoas que tradicionalmente participam na procissão do santo. São diversos os motivos pelos quais os fiéis

participam da procissão, alguns para pagar promessas ao Santo, outros para pedirem novas dádivas e, ainda aqueles que caminham pela devoção a São Benedito.

Figura 25 – Carro ornamentado para a procissão de São Benedito



FONTE: Arquivo pessoal, 04 de abril de 2019.

Assim, cada um segue na procissão com objetivo particular ou de interesse coletivo, porém todos voltados com a expectativa de receber a bênção de Deus, por intermédio de São Benedito. Durante o percurso os fiéis testemunham e explicitam atitudes de respeito, amor, fervor e fé. Esse posicionamento é guarnecido de serenidade e alegria, que fazem com que a festa de São Benedito, se configure num momento grandioso na vida de seus habitantes, em especial os católicos pioneiros de Acreúna.

Figura 26 – Procissão de São Benedito



Fonte: Arquivo pessoal, 04 de abril de 2019.

Durante o percurso outra parte dos moradores acompanham o cortejo a partir de suas residências, observando a procissão, os quais servem água para aqueles fiéis

caminhantes com sede, de forma a demonstrar afeição e caridade ao devoto que no momento cumprem suas promessas a São Benedito.

O ápice da Festa ocorre no último dia com uma grande concentração do público na barraca do leilão com grande almoço comunitário. Nele estão presentes várias autoridades políticas e religiosas, entre eles, o padre, o prefeito, vereadores e demais participantes da festa. Nesse espaço os fiéis também colaboram com as vendas, lançamentos das “bandejadas”, ou seja, trata-se de prendas (carnes preparadas e prontas para o consumo) as quais foram doadas pelos comunitários ou por devotos de outras localidades a serem arrematadas pelos presentes.

Para um dos leiloeiros da festa o Sr. João Vieira (Curiango), este é um momento muito especial:

Para mim é uma grande satisfação alegrar o leilão, oferecer as prendas arrecadadas e verificar o quanto as pessoas são generosas e querem ajudar a Paróquia, vejo que as famílias se reúnem com desejo de contribuir e mostrar sua força e união. As empresas e os fiéis (festeiros da noite) convidam seus clientes e funcionários para celebrarem a festa e juntos arrematam prendas para sua família e/ou para doarem aos seus amigos em forma de diversão (João Vieira de Moraes, janeiro, 2019).

O mesmo se pode dizer dos prêmios utilizados no sorteio dos bingos: são doados pelos devotos, como expressão do compromisso com a comunidade, e com maior proeminência, como sinal de gratidão ao santo por alguma graça alcançada.

Após o encerramento da missa sempre tem o leilão onde independente da religião as pessoas participam e colaboram doando ou comprando prendas, cujo valor é revertido para a igreja, antigamente eu gostava muito de cantar com meu irmão e amigos na barraca para alegrar as pessoas, muitas vezes atravessávamos a madrugada. Hoje me alegro muito ao ver que não é permitido vender bebidas alcoólicas na barraca, isso a meu ver ajuda a preservar as famílias (Reginaldo da Silva Batista, janeiro, 2019).

A última fase (4) da festa é marcada pelo encerramento que ocorre na paróquia, quando o Padre celebra a Missa, concede às bênçãos com o Santíssimo Sacramento direcionando os fiéis em direção à imagem de São Benedito. Um dos momentos esperados é o anúncio dos festeiros eleitos para o próximo ano, nesse momento os festeiros atuais deixam suas palavras de agradecimento a todos os colaboradores, à equipe da Paróquia bem como a todos que ajudaram na realização da festa. Ao anunciarem os festeiros para o ano vindouro fazem votos para que estes

possam ser abençoados e consigam realizar uma festa marcada pela fé e alegria com a proteção de São Benedito.

A escolha de festeiros baseia-se em alguns critérios, como a participação constante na igreja e que tenham participado da organização de outros eventos religiosos. Ao receber a missão, os novos festeiros se comprometem perante o Santo e fazem o convite aos demais para celebrarem o próximo ano pedindo as bênçãos de São Benedito. Nesse momento encerra-se a festividade em meio à queima de fogos, e cantos, os participantes aproveitam para registrar a imagem do andor.

Percebe-se, portanto, que há uma diversidade de elementos presentes na Festa de São Benedito, os quais representam o itinerário desse evento cultural enlaçado na religiosidade que carregam expressivos componentes que revelam a história da cidade, evidenciando as influências religiosas, econômicas e/ou políticas que norteia a manutenção dessa tradição.

A análise da história nos mostra que aqueles que participam da festa promovem uma reação frente aos estímulos religiosos, bem como aos discursos sociais e políticos inscritos nesta ambientação carregada de cores, formas, narrativas e movimentos.

Assim, a Festa de São Benedito é uma celebração com forte devoção católica, suas práticas podem ser tratadas como elementos dinâmicos que reforçam a identidade com o lugar, com o seu culto e que também reforça laços de sociabilidade. Nesse sentido, é oportuna as reflexões de Steil (2001) sobre essa questão.

Este sistema de práticas se constitui na preocupação de muitos estudiosos, que precisam alocar esforços conjuntos para encontrar formas de manter vivas as manifestações culturais enlaçadas na religiosidade (STEIL, 2001, p. 10).

A Festa também estabelece o compromisso do católico às suas origens religiosas; contribuindo para a formação da história da cidade e fortalecimento da devoção dos fiéis. Ao mesmo tempo, a Festa ao ser aberta também a indivíduos de outras crenças religiosas, torna um “lugar” de pluralidade e respeito às diferenças.

A festa de São Benedito, assim como inúmeras outras manifestações religiosas espalhadas por todo o país, constitui-se em momentos de exposição da herança cultural e social ideológica decorrente dos processos de colonização e miscigenação que resultaram em um sincretismo particular e abrangente (SANTOS, 1997, p. 90).

Como pôde ser percebida, a festa do padroeiro São Benedito na cidade de Acreúna marca profundamente o cotidiano da cidade, seja antes nas fases de preparação, como durante o evento. Ela também se insere nos propósitos de base religiosa, conforme elencados por Moura (2001, p. 38) sobre os impactos positivos presentes em festas de padroeiros:

- Cuidar e manter a tradição dos fiéis;
- Fortalecer a fé;
- Organizar o espaço físico interno e externo da igreja;
- Assegurar a autenticidade cultural.

Rezende (1989, p. 71), considera ainda que a festa do padroeiro é também tempo propício para o envolvimento da participação do leigo na vida da Igreja, onde cada um tem seu espaço para se colocar a serviço da comunidade.

A Festa de São Benedito de Acreúna também segue os pontos relacionados por Ribeiro (2010, p. 13) “relativos às características das festas religiosas:

- Espaços religiosos de grande significado histórico-culturais;
- Encontro e celebrações de caráter religioso;
- Festas e comemorações em dias específicos;
- Espetáculo artístico de cunho religioso;
- Roteiros de fé”.

Nesse sentido, percebe-se a Festa do Padroeiro no município de Acreúna como uma representação religiosa que se configura numa importante tradição cultural, ainda que tenha adquirido inovações ao longo dos anos. O aumento dos adeptos vem crescendo cada vez mais, tornando possível observar uma expressiva quantidade de visitantes, oriundos de cidades vizinhas para participar seja do lado sagrado ou profano da festa; esse dado é importante para se refletir sobre a vivacidade dessa tradição que segue além das fronteiras do município.

Aguardamos com ansiedade o início dos nove dias de festa com as novenas e leilões, as missas são muito boas, as orações são um conforto para a alma, atualmente a festa se encerra com a missa para os agricultores que agradecem a colheita e a fartura da produção e tudo fica muito organizado e bonito (Veronice Silva, fevereiro, 2019).

Observa-se que a relação dos moradores com essa festividade vai além do vínculo religioso uma vez que essa assume um papel reforçador da identidade e da

preservação da memória. Desde os tempos de Acreúna enquanto povoado, os grupos já possuíam uma relação de fé com São Benedito, essa devoção se manteve ao longo do tempo estreitando os laços sociais e religiosos, assim como reforçando a identidade coletiva frente à esta tradição cultural.

Para finalizar esse capítulo, traz-se algumas reflexões sobre os diversos aspectos da Festa de São Benedito que num primeiro momento podem ser considerados paradoxais. Em termos espaciais, observa-se que no interior da Igreja são realizados os eventos litúrgicos, sagrados, as celebrações tais como missas, novenas, ladainhas, pagamentos de promessas, assim como casamentos, batizados entre outros.

Do lado externo, ocorrem principalmente às atividades lúdicas, consideradas profanas, como o comércio nas barracas, as músicas, a venda não legalizadas de bebidas, os leilões etc. Associado a esse aspecto “mundano” – as ruas cheias, o parque animando as crianças, as famílias recebem os visitantes sejam parentes ou amigos que comparecem para participarem do evento, constata-se um maior índice de violência, acrescidos da invasão das drogas, e venda de bebidas alcóolicas (fora dos locais oficiais da festa).

A festa em louvor a São Benedito é uma tradição muito importante para Acreúna, nos últimos anos a equipe organizadora e o pároco decidiram não venderem bebida alcoólica na barraca durante a festa, tornando um ambiente mais agradável e descontraído, as famílias se reúnem nas novenas (oração) e durante os leilões celebram a Festa do Padroeiro; no último dia da Festa é preparado um almoço comunitário com a participação da comunidade e visitantes (Dilza Alves de Oliveira Costa, fevereiro, 2019).

Todavia, faz se necessário considerar que, embora se tratem de situações distintas, os aspectos sagrados e profanos estão em interação, num processo que conduz à própria unidade que constitui a Festa de São Benedito. Nessa unidade o divino e o mundano estão interconectados e, numa perspectiva dialética se complementam.

Essa dicotomia pode ser estendida à própria vida de São Benedito e, de outro lado à situação de servidão dos negros escravizados e seus descendentes frente aos colonizadores e às normas de restrição da Igreja diante das manifestações das religiões africanas, assim como da proibição deles de frequentarem a Igreja. Desse modo, baseando-se em (Carvalho e Silva, 2016, p. 213) a história de submissão de São Benedito, seu exemplo de obediência foi repassado pela Igreja como um modelo

a ser adotado para se alcançar o caminho de santidade. Ao mesmo tempo os africanos e seus descendentes o viam como um personagem notável que se tornou santo, “talvez esse fosse o que os negros queriam imitar de São Benedito: a superação da indiferença, das dificuldades e um dia alcançar o sonho da liberdade verdadeira”.

CAPÍTULO 4

A FESTA, O SANTO E A CIDADE

As principais categorias de análise dessa dissertação configuram-se nos aspectos históricos, relacionados à figura de um santo negro (de descendência africana) ter sido escolhido como padroeiro da cidade de Acreúna; na Festa ao padroeiro São Benedito enquanto uma manifestação tradicional da Igreja Católica com aspectos de religiosidade popular; e na cidade com seus moradores, enquanto agentes sociais ativos que no passado e no presente legitimam tais eventos.

Considera-se que a Festa do Santo padroeiro de Acreúna, São Benedito, pode ser analisada numa perspectiva plural, onde os diversos elementos estão interligados nos termos propostos pelo antropólogo Clifford Geertz (1989) que considera o conceito de cultura,

[...] Acreditando, como Marx Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais, enigmáticas na sua superfície (GEERTZ, 1989, p. 15).

Nesse sentido, a “teia de significados” pode ser relacionada a Festa e ao Santo, onde se incluem os rituais, os símbolos e os lugares sagrados, os quais são transmitidos, ressignificados pelas gerações de moradores e culmina na memória e significância desse evento, presente desde as primeiras manifestações religiosas em Acreúna em devoção a São Benedito até ao contexto atual. Os fios dessa “teia” perpassam igualmente pelos aspectos social, político e econômico decorrentes desse evento.

Faz se necessário ressaltar, baseado ainda em Geertz (1989) que o entrelaçamento desses fios conduz à invenção ou (re) firmamento de tradições culturais coletivas, de identidades culturais e de interação social e religiosa.

Tudo que compartilhamos ao viver em sociedade, e que se propaga entre os grupos sociais é em decorrência de um processo ativo de aprendizagem e, ao mesmo tempo de renovação da cultura que denominamos socialização.

A Festa de São Benedito em seu aspecto cultural reafirma positivamente a cidade no cenário religioso e político o que reforça as problemáticas que emergiram o

início dessa pesquisa: como se articulam os mecanismos históricos e culturais que levaram São Benedito ser escolhido como padroeiro de Acreúna?

Para desenvolver essa problemática, foram registrados importantes fatos, alguns deles já tratados anteriormente os quais serão reintegrados nesse capítulo.

O fato de Acreúna ser uma cidade goiana relativamente nova, com menos de 60 anos de idade e de sua fundação não estar relacionada a nenhuma tradição cultural ou religiosa específica, ao contrário, seu nascimento fez parte da política nacional de incentivo à ocupação das terras interioranas do Brasil (CUNHA NETO, 1992, p. 25).

Ainda neste conjunto de dados ressaltamos, conforme visto no capítulo anterior que a população negra no município é baixa, segundo o IBGE (2010) representa 10% da população e não há registro de manifestações culturais africanas no calendário municipal, diferente de várias cidades goianas como: Catalão, Iporá, Caiapônia, cidade de Goiás, onde há festas tradicionais relativas a cultura africana, entre elas a Congada, onde são sistematicamente lembradas.

Também relembramos que as publicações disponíveis acerca da fundação de Acreúna foram realizadas por autoridades políticas em exercício na época ou afastadas, assim como redigidas por moradores citados nessa pesquisa, em especial aqueles mais antigos da cidade. Todas as fontes mencionam o Sr. Benedicto Arystogogo como responsável pela escolha de São Benedito como Padroeiro de Acreúna.

A análise desse conjunto de dados não foi o suficiente para compreendermos os fundamentos da referida escolha do padroeiro. Com isso, a presente pesquisa também trabalhou com a memória de alguns moradores, em especial os primeiros moradores de Acreúna, considerados como fontes vivas de pesquisa. Esses moradores/entrevistados, como já apresentado na Introdução, foram selecionados de acordo com suas faixas etárias e correspondem a representantes de três gerações de habitantes de Acreúna.

A escolha dessa ampla faixa etária como critério principal de seleção partiu do princípio que os entrevistados representassem vivências e conhecimentos diferenciados sobre a história da cidade e sobre a festa de São Benedito. Entende-se, portanto, que cada grupo se insere em contextos específicos e que teria sofrido influências distintas dos meios social, político, cultural e religioso a que pertencem.

Os entrevistados mais antigos consideram que a escolha do Padroeiro está relacionada ao fundador de Acreúna. Entre os entrevistados trazemos a narrativa de Dona Ilma que atualmente está com 85 anos:

Na época nós fazíamos muitas reuniões e as pessoas achavam que Sr. Benedicto merecia ser homenageado, ele ajudava muitas pessoas a conseguir seu lote, pagavam como podiam e assim a cidade foi crescendo, antigamente não tinha muita coisa pra fazer em Acreúna, as mulheres convidavam as pessoas para se reunir e muitas vezes nós rezávamos, cantávamos era muita alegria louvar a Deus (...) (Ilma Eugênia Martins, janeiro, 2019).

Com o intuito de ampliar o alcance dessa reflexão acerca dos elementos que teriam influenciado a escolha do Santo de cor negra, encontramos na entrevista do Sr. Sebastião Paraizo a menção de um presente da imagem de São Benedito ao Sr. Arystogogo, o qual ele era devoto.

O nome do fundador da cidade era Benedicto Arystogogo de Mello, ele ganhou uma imagem de São Benedito de sua irmã, acredita-se que isso levou a escolha do nome do padroeiro (...) Assim, diante das reuniões nas residências, fazíamos o altar, e o Sr. Benedicto, levava a imagem para que diante dela, pudéssemos rezar o terço tornando as reuniões uma prática cotidiana. Agora nas festas eu vejo a forma que acontece a festa com o Andor todo enfeitado e o grande número de fiéis fico emocionado de presenciar esse ato de fé (Sebastião Paraizo Alves, fevereiro, 2019).

Sr. Arystogogo era também considerado um homem de liderança e carismático. Essas características, segundo Oliveira (2006, p. 27) "do líder são cobradas determinadas forma e atitudes para lidar com valores básicos; e, entre os mais importantes, estão o amor, a integridade e o sentido". Este perfil de liderança, convicção e expressão carismática pode explicar a influência do Sr. Arystogogo sobre a população de Acreúna. Acerca dessa questão se apresenta novamente a narrativa da moradora local D. Ilma:

Ele era conhecido como pessoa benevolente, com sua atenção e boas ações com aquele povoado, ajudou muitas pessoas a conseguir seu lote, favorecendo a eles, pagarem como podiam e estava sempre disposto a colaborar com o grupo, sempre presente nas reuniões de oração. Na época fazíamos muitas reuniões e, em uma dessas reuniões decidimos que o Sr. Benedicto merecia ser homenageado, assim escolhemos São Benedito como Santo Padroeiro de Acreúna (Ilma Eugênia Martins, janeiro, 2019).

Como pode ser observado pela narrativa acima, embora nunca tenha exercido qualquer cargo político, Sr. Benedicto detinha influência no local e um carisma entre a população. Como forma de homenageá-lo, em 1984 o nome de sua esposa Ana Nastre de Mello foi dado à escola estadual local. Esta homenagem vem da sua atuação e generosidade que na ocasião doou o lote para a construção da referida escola. Outra homenagem foi concedida no ano de 1992 quando intitularem uma rua da cidade de Acreúna em seu nome: Rua Benedicto Arystogogo de Mello, localizada no setor Setor Núria.

Delongando um pouco mais sobre o papel do Sr. Arystogogo na escolha do santo, diante das falas dos moradores antigos podemos perceber que além de palavras homônimas – o Santo (Benedito) e o Fundador (Benedicto) – esse último enquanto, homem católico, benevolente com os mais humildes, carismático e devoto da fé cristã, se assemelha, dentro de certos limites, a alguns dos comportamentos de São Benedito, já descritos anteriormente. Assim, percebemos que muito mais do que uma “coincidência” de nomes há, para os entrevistados, uma relação metafórica identitária entre ambos.

Para finalizar essa discussão, acerca dos elementos que teriam determinado ou influenciado a escolha de São Benedito ouvimos o Pároco de Acreúna, Pe. Paulo, sobre os elementos que levam à Igreja escolher os santos padroeiros, segundo o pároco a escolha não tem um critério único, parte por exemplo, da devoção da comunidade por um santo.

Às vezes essa devoção surge por meio de uma pessoa que traz uma imagem, uma novena etc. Geralmente é algo que vem da tradição do povo. Antigamente isso era ainda mais [forte]. Levando em conta a devoção que se tem no lugar (Padre Paulo Ricardo Moreira Vivaldo, março, 2019).

Com o objetivo de contextualizar historicamente esse conjunto de dados, lembramos que o período de fundação da cidade e da escolha do Padroeiro está inserido em dois importantes momentos da história do Brasil, um de caráter histórico-cultural e outro religioso, a saber: o Concílio Vaticano II (1962-1965) e o discurso Modernista. Esses dois eventos marcaram as mudanças sociais, culturais, políticas e religiosas ocorridas nos séculos XIX e XX no Brasil.

O Concílio do Vaticano II foi convocado pelo Papa João XXIII e marcou a promulgação da Constituição Apostólica *Humane Salutis*. Propunha discutir situações

políticas, sociais, culturais e, sobretudo, religiosas que motivaram a convocação do referido Concílio.

Dentre os propósitos desse documento, estava a missão de tornar a Igreja Católica mais plural, voltada para as questões sociais, para os marginalizados e minoritários (Carta de sua santidade Bento XVI aos bispos da Igreja Católica, 2009).

Conforme destaca Beozzo (2015):

O anúncio do Concílio provocou excitação e grandes indagações. Deixou perplexos os cardeais presentes, mas levantou na opinião pública mundial católica e laica, uma imediata onda de esperança e otimismo pelo seu anunciado propósito de buscar, num mundo dilacerado por divisões políticas e religiosas, a unidade dos cristãos e, num horizonte mais amplo, a unidade de toda a família humana (BEOZZO, 2015, p. 56).

Com essa disposição João XXIII tinha como proposta dar novos rumos à Igreja, quebrando tradições rígidas da Igreja Católica. Esse documento se tornou responsável pelas importantes modificações da Igreja Católica dos últimos séculos. Dentre outras ações abriu diálogo com líderes de outras religiões e suprimiu a obrigatoriedade do latim nas liturgias.

Segundo Beozzo (2015, p. 56, *apud* OR, 26-27 jan. 1959, p. 1) “O Concílio ecumênico, diante do pensamento do Santo Padre não somente tende à edificação do povo cristão, mas também quer ser um convite às comunidades separadas para a busca da unidade pela qual hoje em dia tantas almas anseiam em todos os pontos da terra”.

Assim o Sagrado Concílio buscava de certa muda forma promover a mudança a fim de reorientar a doutrina da fé e reformar a organização da Igreja diante das decisões, para promover à união do esforço comum da Igreja, ou parte da Igreja, para a sua própria preservação e defesa, ou guarda e clareza da fé e doutrina. Ainda sobre a amplitude do Concílio e a necessidade de divulgar as propostas, apresenta-se Beozzo (2015):

A dinâmica conciliar não seria compreensível sem o crescente envolvimento das igrejas locais e da opinião pública nacional e mundial no seu desenrolar, por meio de jornais, revistas, rádios e de modo especial à televisão que transmitiu ao vivo muitos dos seus eventos em cadeia mundial; sem aquilatar o papel crucial desempenhado por grupos informais, como o Ecumênico que reunia semanalmente responsáveis das conferências episcopais (BEOZZO, 2015, p. 68).

Diante deste contexto a Igreja teve como tarefa, prosseguir o movimento iniciado no Concílio, de diálogo aberto e crítico com a modernidade, tornando-se mais aberta à diversidade religiosa, assim como mais próxima aos movimentos sociais de grupos minoritários e atentos as preservações das tradições culturais (Sacrosanctum concilium, 1963).

Partindo desse entendimento, preservar as tradições diz respeito à inferência sobre o valor, uma vez que as transformações promovem o surgimento de processos de recuperação ou construção da "história" ou a "memória" de diversos grupos da sociedade para a modernidade.

Esse posicionamento da Igreja foi ao encontro dos discursos modernistas que pairavam sobre os diversos setores da sociedade brasileira, permeadas de transformação por intermédio da reinterpretação de legados históricos bem como das heranças relacionadas à fase escravista e a mestiçagem, as quais se consolidaram como uma experiência que marca diversos aspectos da cultura e sociedade brasileira, para serem reinterpretadas diante de acontecimentos envolvendo a cultura afro-brasileira, ou mesmo salientando a luta diária pela sobrevivência.

Nesse sentido, em relação ao patrimônio cultural, mediante a questão colocada sobre os acontecimentos na história da Festa de São Benedito em Acreúna, diz respeito a recuperar o sentido de um evento que quando do seu auge, projeta para o futuro, mediante o registro da memória frente ao sentido dos costumes de um povo.

Para tratar da segunda categoria de análise da presente pesquisa, a Festa de São Benedito, considera-se importante clarificar os elementos que fizeram com que essa nomeação repercutisse de forma intensa se materializando em rituais religiosos diversos que se fazem presente até a atualidade, tornando essa Festa uma celebração tradicional de religiosidade popular que faz parte da identidade cultural e religiosa de seus moradores.

Inicia-se com Halbwachs (2013) que nos fala sobre a invenção das tradições culturais e, posteriormente nos baseamos nas narrativas de moradores de Acreúna, em especial nas memórias dos pioneiros que nos trouxeram informações singulares para o entendimento das proposições desse tema da pesquisa.

Por "tradição inventada" entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de

comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWM, RANGER, 1984, p. 9).

Conforme o autor acima citado, tais tradições inventadas, se constitui em elementos do passado que podem ser reconstruídos na contemporaneidade, assim o presente reconstrói a história a partir de uma herança, dando continuidade ao contexto da história para que esta não caia no esquecimento. Noutra giro, observa-se ainda que muitas vezes são criadas novas tradições porque os velhos costumes deixaram de ser usados.

Importante considerar que a tradição da Festa de São Benedito é tão recente quanto à própria cidade. Nasceram juntas, foram “inventadas” concomitantemente, por isso suas histórias estão imbricadas na memória dos moradores mais antigos.

A partir do resgate das lembranças, materializadas pelas entrevistas, foi possível adentrar a aspectos que vão para além da Festa enquanto “espetáculo” e ato religioso. Aspectos esses nem sempre explícitos, mas certamente presentes na “teia de significados”, como o lado profano da festa; os aspectos estruturais de sua organização; a forte interação de elementos culturais e religiosos; os aspectos de sociabilização; e de empoderamento político da cidade. Nesse contexto, está a diversidade cultural, ou seja, os costumes e tradições de um povo os quais são transmitidas de geração em geração.

Velloso (2000) esclarece que:

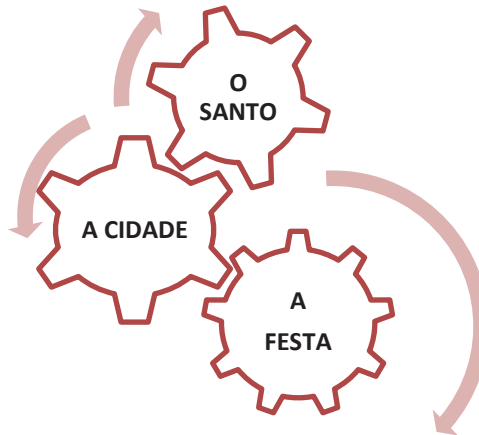
“A história precisa ser reescrita a cada geração, porque, embora o passado não mude, o presente se modifica”, e cada geração formula novas perguntas ao passado (...) “A história nunca é um passado morto (...). Falar do passado só faz sentido quando este expressa vivacidade e sintonia com as questões atuais” (VELLOSO, 2000, p. 1).

Oportunamente, a autora supracitada deixa claro que o processo de construção da identidade cultural, diz respeito ao composto de inter-relações sociais e patrimônios simbólicos historicamente compartilhados que definem o compartilhamento de certos valores dentre os membros de uma sociedade.

Com base nesses princípios, observa-se que a articulação intrínseca entre a cidade de Acreúna, aqui subentendido pelos seus moradores, o Santo Benedito e a Festa em sua homenagem. Cada um desses elementos a seu tempo e com suas particularidades foram “inventados”, nos termos de Halbackws (2013). Trata-se de uma tríade engendrada em elementos religiosos, culturais, históricos e econômicos

que estão articulados entre si num processo de retroalimentação, como destaca a figura a seguir:

Figura 27 – Articulação dos elementos religiosos, culturais, históricos



Fonte: O autor, 2019.

Nesse sentido, Acreúna é pensada não somente como sede econômica e comercial, mas também como espaço de interação social, ou ainda como campo onde as redes do sagrado e das tradições culturais se entrelaçam. Esses elementos não estão estanques, como áreas de fronteiras, mas como definido por Geertz (1989) estão articulados em redes de relações, onde indivíduos com suas experiências e sentimentos e a coletividade estão em interação e, com seus conflitos, suas mediações e combinações, constroem numa escala uma noção mais ampla de “Lugar”.

Segundo Tuan (1980, p. 20) o nascimento das cidades está relacionado “não somente como respostas às forças econômicas e comerciais, mas também como resposta à necessidade de criação de espaço sagrado”.

Entende-se que, embora no esboço do primeiro loteamento de Acreúna (Fig. 13) o espaço sagrado não estivesse materializado na planta, ele esteve presente, de forma idealizada e religiosa, no comportamento dos primeiros habitantes que logo ao se estabelecerem, organizaram os primeiros lugares sagrados de Acreúna, representados por uma “palhoça” e um Cruzeiro.

Cada um desses espaços é entendido como “lugares” por serem constituídos de forma particular a partir da significação conferida a eles. Pierre Nora considera que

os lugares de memórias para serem compreendidos como tal, necessitam da coexistência de três aspectos: “material, simbólico e funcional” (NORA, 1993, p. 22).

Esses lugares foram materializados em objeto revitalizado, como o Cruzeiro (que foi restaurado durante a construção da Paróquia) ou estão “vivos” somente na memória dos antigos habitantes (a palhoça foi transformada na atual Paróquia de São Benedito). Por reunirem lembranças e sentimentos são considerados lugares vivos e em movimento, ou seja, em constante transformação:

Os lugares de memórias nascem e vivem do sentimento, pois não há memória espontânea [a exploração desse universo imagético presente nos diferentes lugares de memória] “guardam fragmentos do passado e podem contribuir de forma significativa para a produção de saberes sobre o passado” (NORA, 1993, p. 13).

Para ampliar a questão da relação ativa entre memória e lugar, trazemos novamente Halbwachs (2013). Para esse autor, a partir do momento em que um grupo social se encontra inserido em um espaço, passa então a transformá-lo a sua imagem, isto é, mediante suas concepções e experiências, ao passo que também se adapta a materialidade do lugar que resiste a sua “influência”. Dessa concepção pode-se fazer um paralelo aos lugares de memória sagrados de Acreúna, a palhoça e o cruzeiro. Esses lugares originais foram com o passar do tempo revitalizado, moldado aos novos tempos, mas sem perder suas essências. Não são lugares neutros, são lugares de referência, tem agência sobre as tradições culturais religiosas.

Frequentei o Cruzeiro inclusive fizemos uma festa em louvor a São Benedito com intuito de arrecadar dinheiro para a construção da igreja. Eu, meu marido Carmo, o senhor Roldão, Benedicto Arystogogo junto com sua esposa Ana Nastre (Ninola) e o Bispo Dom Antônio de Oliveira Pereira. As festas em louvor a São Benedito me agradam bastante, não queria que modificasse nada (Veronice Silva, fevereiro, 2019).

(..) no ano de 1978 chegou a primeira religiosa em Acreúna, onde deu início a construção da igreja matriz, antes as celebrações eram feitas no barracão de palha ao lado da atual matriz (Rosângela da Silva P. Gomes, janeiro, 2019).

O rememorar das atividades religiosas referentes à São Benedito em Acreúna está representado por duas categorias de memórias, uma que se denomina interna (autobiográfica) e outra social (histórica, coletiva), sendo que, conforme destaca Halbwachs (2013) a primeira recebe reflexos da segunda, visto que a memória

individual faz parte da história geral. Aqui, mais uma vez recorreremos ao fluxograma (Figura 27), para reforçar a percepção de que essas duas memórias estão articuladas e fomenta a tradição cultural, a religiosidade da festa, assim como a história da cidade e, desse imbricamento há o fortalecimento das sociabilidades entre os indivíduos e da fé ao Santo protetor e, com isso a identificação da identidade cultural e religiosa com o lugar.

Sobre a memória coletiva, observa-se que os entrevistados detêm uma forte bagagem de memória reavivada pelas lembranças dos terços e outros eventos religiosos que ocorriam naquele local. Para exemplificar essa percepção apresenta-se a narrativa de D. Ilma:

Particpei das orações quando ainda era uma palhoça, era um pueirão, mas nós não deixávamos de ir fazer as orações, as quarta-feira, sábados e domingos tocava o sino e nós já estávamos prontos para ir fazer nossas orações em agradecimento a Deus. Na capela tinha a imagem de Santo Antônio, São Benedito e Nossa Senhora Aparecida, a dona Ninola e o Sr. Benedicto sempre estavam presentes, o Sr. Carmo Gramulha e da dona Veronice sempre estavam nas orações, à família Paiva e Gomes também (Ilma Eugênia Martins, janeiro, 2019).

Sobre a memória individual, apresentam-se as seguintes narrativas

Na minha adolescência participava dos terços junto com minha mãe, era muito emocionante participar das rezas e ouvir os cânticos eu gostava muito de tocar vilão e cantar os hinos ali no coreto, e de tocar o sino que era pendurado em um poste bem alto (Reginaldo da Silva Batista, janeiro, 2019).

Sim acompanhei [as rezas] junto com minha esposa Hilda, meus familiares e amigos (João Vieira de Moraes, janeiro, 2019).

Particpei do levantamento do sino da capela, tinha o coreto onde o Antônio do Mato dormia, no período do padre Teodoro Werex de Paraúna (Sebastião Paraizo Alves, fevereiro, 2019).

Particpei do primeiro cruzeiro, o meu pai “José Gomes Sandim”, o José Caboclo foi quem conseguiu reunir juntamente com o Sr. Carmo Gramulha as pessoas para rezar (Terezinha Dias Silva, fevereiro, 2019).

As narrativas apresentadas dizem respeito a entrevistados do grupo 2 e grupo 3. Isso nos faz perceber que as memórias foram ativadas tanto entre indivíduos da segunda como da terceira geração. Percebe-se, portanto, que o evento no passado foi marcante não somente para os devotos como para as crianças que acompanhavam e, não necessariamente tinham consciência do ato.

Sobre a dinamicidade da memória Nora (1993, p. 9) ressalta que:

A memória precisa ser alimentada no cotidiano, uma vez que o óbvio não é a lembrança, mas sim o esquecimento, pois a memória não é um dado natural, mas uma construção humana datada, razão pela qual a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga a continuidades temporais, às evoluções, e às relações das coisas. A memória é o absoluto e a história o relativo.

Nesse sentido, em Acreúna a Festa, o Santo e a Cidade (os moradores) não se constituem em elementos isolados, revivescido somente em determinado período do ano. O imbricamento desses elementos é contínuo, sistemático o que fortalece a “chama” dessa memória. Nesse contexto o autor supracitado ainda destaca que “a memória é vida, sempre carregada por grupos vivos” (HALBWACHS, 2013, p. 56). Assim os entrevistados mais velhos de Acreúna ao relatarem os acontecimentos vividos por eles e relacionarem aos eventos atuais, estão evocando o passado através do presente e favorecendo a vivacidade da tradição.

Os grupos 2 e 3 de entrevistados, cada qual a seu contexto temporal e espacial, no processo de rememoração quando indagados sobre a tradição religiosa, sobre a história da cidade, juntando suas lembranças reconstituem parcelas importantes e não registradas oficialmente pela história de Acreúna.

Essa análise se justifica uma vez que a cultura está intimamente ligada ao sistema de representações, de significados e de valores que criam identidades e as memórias de grupos humanos a partir do reconhecimento de suas tradições, festas, ritos, símbolos, religiosidades e sociabilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A festa de São Benedito é considerada um dos eventos mais importantes no contexto cultural e religioso da cidade de Acreúna, e tem no acontecer festivo um momento para fortalecimento da identidade religiosa produzida desde a criação e formação do município, assim como a referida festa tem o papel de fortalecer as relações de sociabilidade entre os indivíduos, assim como de fortalecer a economia, pois com a quantidade de pessoas vindas de fora há um movimento, econômico positivo na cidade.

A presente dissertação, elaborada nos fundamentos da História Cultural (CHARTIER, 1988) construiu sua problemática na articulação do Santo Benedito, na Festa e na Cidade, essa categoria entendidos a partir de seus moradores, considerados agentes sociais ativos que no passado e no presente legitimam a religiosidade em Acreúna, em torno do santo de cor negra.

Conforme Candau (2003), “de um lado, acredita-se que vivemos em uma sociedade onde já há uma convivência cordial entre as etnias e, de outro, entende-se que as desigualdades entre brancos e negros existem por razões de natureza”. De acordo com os relatos dos entrevistados a escolha de um santo “negro” se deu com alegria, mesmo em uma população cuja maioria se constituía por pessoas brancas, num país onde podemos identificar aspectos de divisão de classes sociais e raciais. A democracia racial busca desmistificar o contexto histórico sobre o racismo permeando uma conscientização social sobre a questão do preconceito. Propondo reflexões acerca das classes sociais; entorno do princípio da igualdade entre todas as raças, ainda na atualidade se fazem presentes muitos preconceitos. Mesmo após décadas de lutas na busca da tão sonhada “igualdade a todos os cidadãos”, estabelecidos na Constituição de 1988, que assegura o direito a igualdade sem distinção de cor ou raça.

Sobre esse panorama, tem-se Acreúna, como uma cidade relativamente nova, sem qualquer tradição cultural ou religiosa anterior que justifique a escolha de um padroeiro representante das minorias afrodescendentes.

No decorrer da presente pesquisa, foi possível perceber que não houve um elemento único responsável pela escolha do padroeiro. Ela está relacionada ao fundador da cidade, Sr. Benedicto Arystogogo, que por sua vez era devoto e detinha uma imagem de São Benedito, mas esses fatos por si, não se explicam na totalidade

o fundamento da escolha. Nessa perspectiva o cenário histórico e cultural certamente foi também favorável, uma vez que o Catolicismo sempre teve presente na formação e configuração das cidades; assim como o posicionamento oficial da Igreja naquela época.

Nesse contexto histórico, pode se destacar a influência das narrativas modernistas que continuavam atuantes em diversos âmbitos comportamentais da sociedade brasileira; soma-se a este contexto, a postura da Igreja, principalmente, no que se refere às diretrizes advindas do Concílio de Vaticano II, que pregava a necessidade de renovação da Igreja e da Evangelização em prol das minorias sociais. Nesse cenário, considera-se igualmente a influência das Irmandades no estado de Goiás. A convivência dos negros afrodescendentes com os “brancos” desde o início do povoamento de “Meia Ponte” (Pirenópolis) e da cidade de Goiás redundou em uma negociação cultural que teria influenciado as identidades locais e regionais, contribuindo para a constituição plural da cultura de Goiás.

Também foi possível com esse trabalho constatar que as festividades a São Benedito, realizadas concomitante à fundação de Acreúna, se constituíram em importantes eventos religiosos traduzidos em atos de fé revigorado sistematicamente por meio de crenças, ritos e costumes.

A partir dos enfoques abordados na presente pesquisa pôde-se também perceber a relevância dessa festividade para a comunidade, elas representam parcelas do jeito de ser e de viver dos fiéis de Acreúna. Isso pode ser observado desde a primeira fase da Festa, quando os organizadores, eleita anualmente, envolvem sociedade acreunense. Ressalta-se ainda que subjacente à todas as ações preparatórias estão o respeito aos valores e normas da vida coletiva. A partir desse trabalho voluntário a Igreja, por sua vez, conduz uma atividade comunitária baseada não somente na boa convivência social, mas também no respeito aos ritos religiosos.

Assim, a manifestação ao sagrado mediante a devoção a São Benedito, articulada com aspectos culturais, reavivam a memória dos tempos passados e fortalecem a identidade da comunidade de Acreúna, colaborando para o sentimento de pertencimento ao lugar. Nesse mesmo sentido, as comemorações relacionadas a essa manifestação religiosa, além de lembrar a vida do Santo, elas reforçam a doutrina católica para a comunidade e, de forma consciente ou não, a figura do Santo de cor negra também representa uma forma de resistência cultural dos afrodescendentes.

A concomitância da fundação de Acreúna e do culto à São Benedito é oportuna para se pensar sobre esse sentimento de pertença ao lugar. Reforça-se essa percepção a partir das considerações de Tuan (1980) que, como já apontado no Capítulo 4, ressalta que o nascimento das cidades está relacionado “não somente a respostas às forças econômicas e comerciais, mas também como resposta à necessidade de criação de espaço sagrado”.

Nesse sentido, entende-se que a criação do espaço sagrado em Acreúna, seja no início com a Palhoça ou na atualidade com a Paróquia, foi essencial na construção do referencial sobre a tradição cultural e religiosa e para o próprio crescimento da cidade. Em termos de prosperidade econômica, como de interação social, visto que os efeitos da Festa se constituem em maior sociabilidade entre as pessoas e o fortalecimento da fé e dos ritos religiosos. Essa integração entre a Festa, o Santo e a Cidade, num sistema de retroalimentação fortalece cada uma das unidades, assim como as bases da identidade cultural entre os habitantes.

Destaca-se, ainda, a importância particular da memória dos moradores mais antigos (Grupo 2 e 3), trata-se de duas gerações de indivíduos que, com suas narrativas relembrou aspectos nunca antes registrados. A memória deles nos deu subsídios para entender a história dessa tradição religiosa na cidade de Acreúna. Para, além disso, têm fortalecido o legado cultural dessa religiosidade, colaborando como já exposto, no fortalecimento da identidade cultural e religiosa dos fiéis.

Para Brandão, (1978) a identidade social ou, como ele mesmo denomina, “uma de suas variantes, a identidade étnica, não são coisas dadas, mas constituem algo construído”.

A identidade social se configura em um sentimento de identificação com um determinado grupo ao qual pertencemos ou nos identificamos. Por outro lado, quanto mais importantes forem considerados, mais respeitados estes serão.

Observou-se que as lembranças dos entrevistados mais antigos vinham com forte nostalgia quando se reviviam as atividades religiosas promovidas por eles e por terem participado na construção dos símbolos em torno de São Benedito, o Cruzeiro e a Palhoça.

Esses elementos são entendidos como expressões de “lugares de memória” ainda detêm para esses entrevistados uma dimensão sagrada, sobretudo, nos lugares onde teve início as primeiras reuniões que o pequeno grupo praticava a devoção.

Por outro lado, as narrativas dos jovens que compõe o Grupo 1, representam agentes importantes relativos ao futuro da continuidade dessa tradição religiosa. Que conforme as narrativas demonstradas nesse estudo, com a categoria do Grupo Jovem estes reafirmam que não querem que essa tradição se acabe, pondo em destaque a Festa na referida cidade, como um evento atrativo cultural e religioso, a Festa suscita tradição da fé católica.

Faz-se necessário ainda ressaltar que as transformações da Festa ocorridas ao longo do tempo estão presentes não somente nas diversas fases do evento, mas também nos lugares de memória dos moradores de Acreúna, a saber: a Palhoça e o Cruzeiro. Esses lugares originais foram com o passar do tempo revitalizado, moldado aos novos tempos, mas sem perder suas essências, considera-se que as diversas interferências que existem sobre a memória de um tempo, é possível a redefinição de identidades e a legitimação de direitos adquiridos, assim como de lutas pela ampliação da cidadania.

Essas modificações também se fazem presentes nas “atividades paralelas” que ocorrem durante a Festa de São Benedito de Acreúna, mas não menos importantes, denominadas de profanas. As duas esferas, sagrado e profano estão imbricadas, seu entendimento implica em considerá-los em conjunto, visto que apesar do profano estar presente em vários momentos da comunidade é impossível não vivenciá-lo, mesmo sendo planos opostos, fazem parte do dia-a-dia da Festa em louvor a São Benedito.

Finalmente, para concluir essa dissertação, faz-se necessário destacar que, apesar das dificuldades encontradas no decorrer da pesquisa, relativas a escassez de referências bibliográficas tais como documentários, obras de cunho científico e acervos fotográficos sobre a fundação do Município, ela foi relevante por ampliar meus conhecimentos enquanto professora e moradora de Acreúna. Me possibilitou conhecer com maior aprofundamento a história do contexto de formação do Município, bem como conhecer e compartilhar da memória de pioneiros e demais moradores selecionados.

Vale ressaltar que o conteúdo abordado nessa pesquisa é denso e poderá ser fonte de pesquisa na preparação das aulas de disciplina de História das instituições de ensino de Acreúna e região, no sentido de trazer dados não somente sobre a fundação da cidade, mas também acerca da contextualização sócio econômica da

história do Município e, aspectos culturais vinculados à tradição religiosa de devoção à São Benedito.

Espera-se igualmente que ela possa contribuir para a geração de futuros historiadores que venham desenvolver a pesquisa nessa área, portanto, almeja-se que esse estudo possa abrir caminhos no que diz respeito ao desenvolvimento de novas abordagens que contemplem a temática da fundação de Acreúna e suas correlações com do Santo padroeiro.

Nesse sentido, o passado diante da história passa a ser de interesse direto para o estudo das representações sociais, colocando o conhecimento para aqueles que trabalham no contemporâneo incluindo historiadores, evidenciando que se deve não apenas discutir o passado, mas também proporcionar situações para interpretar e compreender o presente.

Por este ângulo, o estudo embasado nessa pesquisa procurou, na sua simplicidade, dar a sua contribuição para uma reflexão acerca de um tema que é bastante significativo para a comunidade Acreunense, considerando que os estudos sobre a fé e a devoção presente na Festa de São Benedito em Acreúna são fatores determinantes para manter uma manifestação que é, ao mesmo tempo, a exteriorização da devoção e uma tradição, que se tornou ao longo do tempo um elo de identidade entre os moradores.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. O império do divino. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Festas rurais e turismo em territórios emergentes. Revista Bibliográfica de Geografia y ciencias sociales. Universidade de Barcelona. Vol. XV, nº 919, 15 de abril de 2011.

AMARAL, A. A Preocupação Social 3ª Ed. – São Paulo: Studio Nobel, 2003.

AZEVEDO, C.; ALMEIDA, M. R. C. Identidades plurais. In: ABREU, M.; SOIHET, R. (Org.). Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologias. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

AZEVEDO, Fernando de. A cultura religiosa brasileira. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos/INL, Parte 3: A transmissão da cultura. 1999.

AZEVEDO, História da Companhia de Jesus. São Paulo; Rio de Janeiro: CJS/ Petrobrás, 1978. 4 vols.

BENTO XVI, Papa. Carta de Sua Santidade Bento XVI aos Bispos da Igreja Católica a propósito da remissão da excomunhão aos quatro bispos consagrados pelo arcebispo Lefebvre. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/letters/2009>.

BEOZZO, J. O. Concílio Vaticano II: continuidade e singularidades, Revista Contemplanção, 2015. (11), Ed. Especial, p. 55-74.

BERGER, Peter L. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

BORGES, Barsanufio Gomides. Goiás nos quadros da economia nacional: 1930 – 1960. Goiânia: Ed. da UFG, 2005.

BORGES, Célia Maia. Escravos e libertos nas Irmandades do Rosário: devoção e solidariedade em Minas Gerais: séculos XVIII e XIX. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

BOSCHI, Caio César. Os leigos e o Poder. São Paulo: Ática, 1986.

BRANDÃO, C. R. Festejos dos três Reis Santos, entre 31 de dezembro e 6 de janeiro 1983.

BRANDÃO, R. C. Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense. 1978.

CARNEIRO, Sandra M. C. de Sá, No Caminho de Santiago de Compostela: significados e passagens no itinerário comum europeu. 1999. Disponível em: <<http://www.caminhodesantiago.com.br/estudos/sandra.htm>> Acesso em 29 nov 2018.

CARVALHO e SILVA J, R. Religiões afro-brasileiras: uma construção Teológica Vozes, São Paulo, 2016.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Parágrafos 2650-2696 - La Santa nº 2.691).

CANDAU, Vera Maria (coord.) Somos todas iguais? Escola, discriminação e educação em direitos humanos. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

CHARTIER, Roger. A história cultural entre práticas e representações. Trad. de Lisboa, Difusão Editora, 1988.

CIPRIANI, Roberto. “Religione Invisibile” o “Religione Diffusa” in Italia? Disponível em: Acesso em 20 de novembro de 2002.

CODEPLAN. Disponível em: <<http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/%C3%81rea-de-Influ%C3%Aancia-de-Bras%C3%ADlia-e-Proposta-de-Amplia%C3%A7%C3%A3o-da-RIDE-do-DF-e-Entorno.pdf>>. Acessado em 20 de setembro de 2018.

COMPÊNDIO da Doutrina Social da Igreja - La Santa Sede. Disponível em: www.vatican.va/.../rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html

CRAWFORD, Robert. O que é Religião / Robert Crawford; tradução de Gentil Avelino Tilton. – Petropolis , RJ: Vozes 2005.

CUNHA NETO, Oscar. Rio Verde: Apontamentos para sua história. Goiânia: Gráfica e Editora O Popular, 2004.

CUNHA NETO, Oscar. Acreúna – primeiros tempos 1964-1992. Gráfica Editora Líder, 1992.

CURADO, João Guilherme da T. Lagolândia – paisagens de festa e de fé: uma comunidade percebi paisagens de festa e de fé: uma comunidade percebida pelas festividades. a pelas festividades. a pelas festividades. Tese, 2011 (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Goiás: Goiânia/GO.

D'ABADIA, M. I. V. Diversidade e Identidade Religiosa: uma leitura espacial dos padroeiros e seus festejos em Muquém, Abadiânia e Trindade-GO. 260 f. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Estudos Socioambientais, UFG, Goiânia, 2010.

DEUS, Maria do Socorro de.; SILVA, Mônica Martins da. História das festas e religiosidades em Goiás. Goiânia: Agepel/ UEG, 2002, (Coleção Histórias de Goiás).

ELIADE, Mircea. História das crenças e das ideias religiosas. Vol. I: Da idade da pedra aos mistérios de Elêusis. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ESTEVAM, Luís Antônio. Agricultura tradicional em Goiás. In. PEREIRA, Armantino Alves [et. al.]. Agricultura de Goiás: análise & dinâmica. Goiânia. A.A.Pereira, 2004.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República. Passo Fundo: UPF, 2000.

FAULIN, G.C. Influência da adubação em doses variadas na produtividade e no estado nutricional da cultura do café (*Coffea arábica* L.). 2010. 103 f. Tese (Doutorado em Fitotecnia) - Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2010.

FIORI, J.L, "A visão sagrada Jornal revista católica, 28 de maio de 2012.

FONSECA, M. de F. S.; LEMOS, M. B. Localização industrial e fatos estilizados da nova reconfiguração espacial. Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, v.31, 2014.

GAETA, Maria Aparecida Junqueira Veiga. A Cultura clerical e a folia popular. Rev. bras. Hist. vol. 17 n. 34, São Paulo, 1997.

GEERTZ, Clifford. A Religião como Sistema Cultural. In: A interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 1989.

GEERTZ, Clifford. Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico". *O Saber Local*. Petrópolis: Vozes, 1997.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1991.

GRAVARI-BARBAS, Maria. Cidades e a festa, Presidente Prudente, Jan./Jun 2011.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HOBBSAWM, Eric; Ranger, Terence (orgs.). A invenção das tradições. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/acreuna/panorama> v4.3.2010.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2016. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=354850>. Acesso em outubro de 2017.

KIDDY, Elizabeth. Negros do Rosário: memória e história em Minas Gerais, Brasil, 2005.

KUBITSCHEK, Juscelino. Construção de Brasília. Editora Brasília, 1973.

LEITE, A. F. O Lugar: Duas acepções geográficas. Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ, 21, p. 9-20, 1998.

LEITE, Sérgio Celani. Escola rural: urbanização e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 1999.

LINHAÇA, Jorge. www.recantodasletras.com.br. 2013. Acessado em agosto de 2018.

MARQUES, Luana Moreira, 1985 - A peregrinação ao sagrado: os caminhos que levam à Romaria-MG/ Luana Moreira Marques - 2017.

MARTINS, José Clerton de Oliveira; LEITE, Liliana. Cultura, religiosidade popular e romarias: expressões do patrimônio imaterial. In: MARTINS, C. (Org.). Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar. São Paulo: Roca, 2006.

MARTINS, Leda Maria. Performances do Tempo Espiral. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia. Performance, Exílio, Fronteiras: Errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1992.

MARTINS, R. J. Conflitos entre a Igreja e o Estado no Brasil. 2 ed. Recife: Atlas, São Paulo, 1978.

MATIAS. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios / Sínteses de indicadores (PNAD) 2014.

MORAES, Cristina de Cássia P. Do corpo místico de Cristo: irmandades e confrarias na capitania de Goiás - 2006.

MOURA, Antônio de Pádua. Turismo e festas folclóricas no Brasil. In: FUNARI, Pedro Paulo e PINSKY, Jaime (orgs.). Turismo e patrimônio cultural. São Paulo: Contexto, 2001.

MULVEY, Patricia Ann. As irmandades negras do Brasil colonial: uma história. Tese (Doutorado) - Universidade da Cidade de Nova York, 1976.

NEOTTI, Clarêncio. São Benedito: homem de Deus e do povo / Frei Clarêncio Neotti. – Aparecida, SP: Editora Santuário, 2016.

NOGUEIRA, Festividades mestiças. História in Revista, v 14/1, Atlas São Paulo, 1995.

NORA, Pierre. Entre memória e história – A problemática dos lugares. In: Projeto História, SP, (10), dezembro de 1993.

OLIVEIRA, Adão Francisco de. A Reprodução do Espaço Urbano de Goiânia: uma cidade para o capital. In: MOYSÉS, Aristides (org.). Cidade, segregação urbana e planejamento. Goiânia: Editora da UCG, 2005.

OLIVEIRA, E. Cultura Popular Brasileira r/ 9º edição – Vozes: Petrópolis, 2011.

OLIVEIRA, J. F. (Org.); MARINHO, R. M. Liderança: Uma questão de competência. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

OLIVEIRA, Joyce Farias Negro, mas belo: são Benedito, o santo preto da idade moderna. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2017/Joyce%20Farias%20de%20Oliveira.pdf>

OLIVEIRA, Rodolfo Siqueira. *Religião e Cristianismo: manual de cultura religiosa*. Porto Alegre: PUC, Instituto de Teologia e Ciências Religiosas, 2018.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Solos do Cerrado"; *Brasil Escola*. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/brasil/solos-cerrado.htm>>. Acesso em 10 de outubro de 2018.

POHL, Joahann Emmanuel século XIX: a visão dos viajantes europeus. *Ciências Humanas em Revista*. Goiânia: UFG, v. 3, n 1817.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos históricos*, RJ, v.2, n.3, 1989.

PRADO Jr., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo - colônia*. São Paulo: Brasiliense, 1961.

QUINTÃO, Antônia Aparecida. *Irmandades Negras: Outro Espaço de Luta e Resistência*, São Paulo, Tese de Mestrado do Departamento de História, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1996.

REIS, João José. Identidade e diversidade étnicas nas irmandades negras no tempo da escravidão. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 2, n°. 3, 1996, p. 7-33. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/260388375_Identidade_e_Diversidade_Etnicas_nas_Irmandades_Negras_no_Tempo_da_Escravidao>.

REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil: A História do Levante dos Malês em 1835* Edição revista e ampliada. 2ª. edição. Editora Companhia das Letras, São Paulo 2003.

REZENDE, M. V. *Não se pode servir a dois senhores*. Lins: Irmãos, 1989.

ROSENDAHL, Z. *Hierópolis: o sagrado e o urbano*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

ROSENDAHL, Zeny. *A dimensão do lugar sagrado: ratificando o domínio da emoção e do sentimento do ser-no-mundo*. *Geoworking papers*, Universidade do Minho, Departamento de Geografia, p. 1-14, 2008.

SABEH, Luiz Antonio. *Colonização salvífica: os jesuítas e a Coroa portuguesa na construção do Brasil (1549-1580)*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

SACROSANCTUM CONCILIUM, Na III Sessão pública, celebrada no dia 4 de Dezembro de 1963, o II Concílio Ecuménico do Vaticano aprovou a Constituição sobre a sagrada Liturgia «Sacrosanctum Concilium» (2147 placet, 4 non placet).

SAINT-HILAIRE, August de. *Viagem à província de Goiás*. Tradução Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte/São Paulo: Ed. Itatiaia/EDUSP, 1975.

- SANCHES, M. G. "Sem ofensa das leis, com seu direito": a prática social religiosa mundo. Estudos históricos. 2011.
- SANTOS, A. A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção- 4ª Ed. 2ª reimpressão. São Paulo. Editora Universidade de São Paulo, 2006.
- SANTOS, M. A natureza do espaço – Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 2002.
- SANTOS, M. F. de J; NUNES, V. M. M. Na Trilha dos Passos do Senhor: a devoção ao Senhor dos Passos de São Cristóvão/SE. In: Revista da Fapese de Pesquisa e Extensão. Aracaju, v. 2, jul/dez. 2005.
- SANTOS, M. H. C. dos. Poder, intelectuais e contra-poder. In: SANTOS, M. H. C. dos (Org.). Pombal revisitado. v. 1, Lisboa: Editorial Estampa, 1988.
- SANTOS, Maria da Graça Lopes da Silva Mouga Poças. Espiritualidade, Turismo e Território, Estudo Geográfico de Fátima. Lisboa: Principia, 1997.
- SANTOS, R. Oliveira. In: Revista Imagem e Conteúdo – Sul de Minas. Centenário da Festa de São Benedito – MG, 1997.
- SARAIVA, Antônio José. Devoção e fé São Paulo: Ática, 1998.
- SERBIN, Kenneth P. Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, Amizael. G. da. No rastro dos pioneiros: um pouco da história rondoniana. Porto Velho: SEDUC, 1984.
- SILVA, Mônica Martins da. (2001), *A Festa do Divino: Romanização, Patrimônio & Tradição em Pirenópolis* (Goiano do Livro/Agepel), 2001.
- SOUZA, Antônio Rocha de. As irmandades católicas dos negros na Cidade de Goiás no século XIX, Goiânia, 2001.
- SOUZA, Marina de Mello e. Reis Negros no Brasil escravista: História da Festa do Coração do Rei do Congo. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- STEIL, Carlos Alberto. Aparições marianas contemporâneas e carisma católico. In: SANCHIS, Pierre (org.). Fiéis & Cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 117-146.
- STRIEDER Inácio A Igreja e a escravidão no BRASIL Ci. c Tróp. Recife, v 28, ti. 2.1y 279 - 230, à, / dez., 2000.
- TANGERINO, Márcio R. P. A política na igreja do Brasil. Campinas: Alínea, 1997.

TUAN, Y. F. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.
TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

TURNER, Victor. O Processo Ritual Estrutura e Anti Estrutura. São Paulo: Vozes, 1974.

VELLOSO, Mônica. As maneiras de pensar e sentir o nosso país. Rio de Janeiro, Ediouro, 2000.

YÁZIGI, Eduardo. Turismo e paisagem. São Paulo: Contexto, 2002.

RELAÇÃO DE ENTREVISTADOS/AS

ALVES, Sebastião Paraizo. Depoimento. Entrevista concedida à autora Adriana Katia da Silva. Na residência do entrevistado, à Rua Wilma Pires Pereira, n°s/n, Setor São Lourenço, Acreúna Goiás, em 08 de fevereiro, 2019.

ARANTES, João Victor Alves. Depoimento. Entrevista concedida à autora Adriana Katia da Silva. Na residência do entrevistado, à Rua João Altino Arantes n° 107, Setor Sul, Acreúna Goiás, em 10 de fevereiro, 2019.

BATISTA, Àdria Camila Duarte. Depoimento. Entrevista concedida à autora Adriana Katia da Silva. Na residência da entrevistada, à Rua Alexandre Inácio da Silva, n° 97, Setor Canadá, Acreúna Goiás, em 08 de fevereiro de 2019.

BATISTA, Reginaldo da Silva. Depoimento. Entrevista concedida à autora Adriana Katia da Silva. Na residência do entrevistado, à Rua Alexandre Inácio da Silva, n° 97, Setor Canadá, Acreúna Goiás, em 24 de janeiro, 2019.

COSTA, Dilza Alves de Oliveira. Depoimento. Entrevista concedida à autora Adriana Katia da Silva. Na residência da entrevistada, à Av: Paranoá, n° 52, Setor Centro, Acreúna Goiás, em 14 de fevereiro, 2019.

FERREIRA, Clarice Maria Magalhães. Depoimento. Entrevista concedida à autora Adriana Katia da Silva. Na residência da entrevistada, à Av: Altina Pires Arantes n° 71, Setor Serra Dourada, Acreúna Goiás, em 20 de dezembro de 2018.

GOMES, Rosângela da Silva Paiva. Depoimento. Entrevista concedida à autora Adriana Katia da Silva. Na Paróquia São Benedito, Praça Tancredo Neves, n° 354, Setor Centro, Acreúna Goiás, em 08 de janeiro, 2019.

MARTINS, Ilma Eugênia. Depoimento. Entrevista concedida à autora Adriana Katia da Silva. Na residência da entrevistada, à Rua Orismar Alves de Avelar n° 109, Setor Centro, Acreúna Goiás, em 08 de janeiro, 2019.

MORAES, Deisy Gonçalves de. Depoimento. Entrevista concedida à autora Adriana Katia da Silva. Na residência da entrevistada, à Rua Jovelino Lourenço Sipriano, Q. 40, L. 32, n° s/n, Setor Canadá, Acreúna Goiás, em 15 de fevereiro, 2019.

MORAES, João Vieira de. Depoimento. Entrevista concedida à autora Adriana Katia da Silva. Na residência do entrevistado, à Rua Orismar Alves de Avelar, n° 31, Setor Centro, Acreúna Goiás, em 18 de janeiro, 2019.

SILVA, Terezinha Dias. Depoimento. Entrevista concedida à autora Adriana Katia da Silva. Na residência da entrevistada, à Rua Lázara Arantes de Oliveira n° 02, Setor Centro, Acreúna Goiás, em 08 de fevereiro, 2019.

SILVA, Veronice. Depoimento. Entrevista concedida à autora Adriana Katia da Silva. Na residência da entrevistada, à Av: Altina Pires Arantes n° 02, Setor Centro, Acreúna Goiás, em 20 de fevereiro, 2019.

VIVALDO, Paulo Ricardo Moreira. Depoimento. Entrevista concedida à autora Adriana Katia da Silva. Na Paróquia São Benedito, Praça Tancredo Neves, nº 354, Setor Centro, Acreúna Goiás, em 08 de março, 2019.

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA: São Benedito Padroeiro de Acreúna: História e Tradição Cultural.

- 1) Dados pessoais: a) Nome: Sebastião Paraizo Alves
b) Idade: 74 c) Tempo de residência em Acreúna: 49 ANOS
- 2) Você tem ou já teve algum vínculo direto com a Igreja Católica?
a) (x) sim b) () não c) () sim, mas deixei de ter
- 3) Qual evento oficial da cidade de Acreúna que você mais gosta? Por quê? FESTA EM LOUVOR A SÃO BENEDITO, eu participei durante toda minha vida na organização da festa do padroeiro.
- 4) Você conhece e acompanha a evolução da tradição ao Santo Padroeiro de Acreúna, São Benedito? a) Sim (X) b) Não ()
- 5) Há quanto tempo? HÁ 49 ANOS
- 6) Tem percebido mudança(s) neste período? Muitas mudanças aconteceram no decorrer do tempo, antigamente a participação era mais espontânea, sem interesse. As famílias Silva, Paiva e Gomes, teve muita participação Carmo Gramulha e João Vieira.
- 7) Quais mudanças você considera mais importante? A evolução dos fiéis, na época da Irmã Elisa os colaboradores se sentiam mais a vontade para participar da festividades e organização. Um dos motivos que estou afastado é exatamente algumas regras ideológicas da igreja, saímos daqui junto com alguns pioneiros deslocamos nas cidades próximas para buscarmos recurso para a construção da igreja, não pode ser esquecido que nossa grande guerreira foi a Irmã Elisa. Não gostei de ter retirado a participação dos colégios particulares, estaduais e municipais, antigamente era mais próximo com as pessoas.
- 8) Quais as principais fases/momentos da festa? Por quê? Dedicção da população em reunir para planejar a festa.
- 9) Qual o momento da festa que você considera mais importante? Por quê? A parte mundana, leilões, as contribuições para o santo devo padroeiro. O leiloeiro quando chega uma pessoa com renda maior o foco é grande em cima desta pessoa, a pressão em cima de quem tem poderes, posso é grande.
- 10) O que você considera que poderia ser modificado? Melhorar a organização das atividades, festeiros, patrocínios, cartazes entre outras. Parte da cozinha, fazer alimentos dentro da barraca (melhor controle)
- 11) Você considera que este evento seja importante para a cidade? Por quê? Considero o evento de grande valia por causa da tradição
- 12) Você participou ou frequentou o cruzeiro, primeiro local de prece a São Benedito? Participei do levantamento do sino da capela, tinha o coreto onde o Antônio do Mato dormia, no período do padre Teodoro Werex de Paraúna.
- 13) Você sabe explicar que motivo ou situação levou a escolha de São Benedito como padroeiro da cidade? O nome do fundador da cidade era Benedito Arystogogo de Mello, ele ganhou uma imagem de sua irmã de São Benedito, acredita-se que isso levou a escolha do nome do padroeiro.
- 14) Quem foram as pessoas que participaram dessa escolha e quais critérios usaram? Várias pessoas o Sr. Benedito nem sei se ele realmente era devoto.

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA: São Benedito Padroeiro de Acreúna: História e Tradição Cultural.

1) Dados pessoais

a) Nome: a) João Victor Alves Arantes b) Idade: 18 anos

c) Tempo de residência em Acreúna: 18 ANOS

2) Você tem ou já teve algum vínculo direto com a Igreja Católica?

a) (X) sim b) () não c) () sim, mas deixei de ter

3) Qual evento oficial da cidade de Acreúna que você mais gosta? Por quê? A festa do padroeiro, por conta da tradição que é o evento em nosso município e por participar a muitos anos

4) Você conhece e acompanha a evolução da tradição ao Santo Padroeiro de Acreúna, São Benedito? a) Sim (X) b) Não ()

5) Há quanto tempo? HÁ 15 ANOS

6) Tem percebido mudança(s) neste período? Do pouco que me lembro, o município tem ajudado menos, e por conta da crise financeira que o país se encontra nos últimos anos, a participação das pessoas tem se tornando mais difícil, e a realização para a igreja também tem encontrado maiores dificuldades nos últimos anos

7) Quais mudanças você considera mais importante? A crise financeira vivida pelo país tem ido contra o desenvolvimento da festa, mais e importante ressaltar que mesmo com as dificuldades a comunidade se empenha com todo o esforço para a realização do evento, e ajuda como pode para manter a tradição

8) Quais as principais fases/momentos da festa? Por quê? Não sei quais são, pois infelizmente não é frequentemente explicado o como é realizado a festa e suas fases. Seria interessante a disponibilização de um panfleto que em contasse toda a história não só da festa, mais do padroeiro, para aqueles que tem interesse saberem mais sobre o evento.

9) Qual o momento da festa que você considera mais importante? Por quê? Os leilões, pois é um momento em que a comunidade se une afim de não só se alimentar mais também fazer o bem, ajudando o próximo e a igreja.

10) O que você considera que poderia ser modificado? Mais ajuda do município para a realização do evento

11) Você considera que este evento seja importante para a cidade? Por quê? Sim, principalmente para a igreja católica, pois é uma época para arrecadar dinheiro pra manter a igreja em funcionamento. Para a cidade, é uma forma de agradecer pelas bênçãos e proteção que seu padroeiro lhe dá.

12) Você participou ou frequentou o cruzeiro, primeiro local de prece a São Benedito? Não.

13) Você sabe explicar que motivo ou situação levou a escolha de São Benedito como padroeiro da cidade? Não.

14) Quem foram as pessoas que participaram dessa escolha e quais critérios usaram? Não sei quais critérios e quem foram as pessoas que escolheram o santo como o padroeiro do município

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA: São Benedito Padroeiro de Acreúna: História e Tradição Cultural.

1) Dados pessoais

a) Nome: ADRIA CAMILA DUARTE BATISTA b) Idade: 21 anos

c) Tempo de residência em Acreúna: 21 ANOS

2) Você tem ou já teve algum vínculo direto com a Igreja Católica?

a) () sim b) () não c) (X) sim, mas deixei de ter

3) Qual evento oficial da cidade de Acreúna que você mais gosta? Por quê? A Festa do Padroeiro São Benedito é tradição para o município, atualmente eu frequento as barracas, gosto do leilão e de encontrar meus amigos.

4) Você conhece e acompanha a evolução da tradição ao Santo Padroeiro de Acreúna, São Benedito?

a) Sim (X) b) Não ()

5) Há quanto tempo? HÁ 18 ANOS

6) Tem percebido mudança(s) neste período? Atualmente vejo que as barracas têm sido pouco movimentada, penso que deve ser pela crise financeira que o país está atravessando, me lembro que quando estudava em Acreúna as escolas participavam com apresentações durante as novenas e isso já não acontece mais. Falta envolver mais os jovens da comunidade.

7) Quais mudanças você considera mais importante? O retorno das escolas com apresentações e leituras bíblicas.

8) Quais as principais fases/momentos da festa? Por quê? Embora deixei de ser católica acredito que os rituais da missa e procissão é muito esperado por todos os fiéis, hoje acompanho na igreja evangélica o dia da Bíblia e outros momentos oferecidos para a comunidade e percebo uma maior participação da juventude.

9) Qual o momento da festa que você considera mais importante? Por quê? Eu participo do leilão, pois nesse momento reúnem-se pessoas das mais diferentes classes sociais para celebrarem a Festa do Padroeiro é muito bom rever os amigos e compartilhar momentos agradáveis e descontraídos com músicas, brincadeiras, comidas e bebidas.

10) O que você considera que poderia ser modificado? Nada

11) Você considera que este evento seja importante para a cidade? Por quê? Por ser um momento de socialização, oração e alegria vejo com bons olhos e penso que não podem deixar de existir por ser uma tradição da cidade.

12) Você participou ou frequentou o cruzeiro, primeiro local de prece a São Benedito? Não

13) Você sabe explicar que motivo ou situação levou a escolha de São Benedito como padroeiro da cidade? Não

14) Quem foram as pessoas que participaram dessa escolha e quais critérios usaram? Não.

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA: São Benedito Padroeiro de Acreúna: História e Tradição Cultural.

1) Dados pessoais: a) Nome: Reginaldo da Silva Batista b) Idade: 58 anos
c) Tempo de residência em Acreúna: 49 ANOS

2) Você tem ou já teve algum vínculo direto com a Igreja Católica?

a) () sim b) () não c) (X) sim, mas deixei de ter

3) Qual evento oficial da cidade de Acreúna que você mais gosta? Por quê? Quando eu era católico, a festa de São Benedito era um grande evento religioso, ficávamos esperando a festa chegar para participarmos das missas, procissões e do leilão.

4) Você conhece e acompanha a evolução da tradição ao Santo Padroeiro de Acreúna, São Benedito? a) Sim (X) b) Não ()

5) Há quanto tempo? Eu conheço, mas atualmente não acompanho como antes.

6) Tem percebido mudança(s) neste período? Sim. Nas ultimas comemorações foi proibido a venda de bebidas alcoólicas, essa atitude é muito positiva, pois mantém as famílias em maior segurança e harmonia, algumas pessoas não têm controle da bebida alcoólica e extrapolam suas emoções. As prendas doadas pela comunidade também não mais são formadas de bebidas, atualmente são leiloados mais alimentos (frango assado, costelas, tortas, pernil, etc), doações de animais, cestas de chocolates e outros produtos que não prejudicam a alegria do momento festivo.

7) Quais mudanças você considera mais importante? A proibição da venda de bebidas alcoólicas e a participação dos produtores na festa.

8) Quais as principais fases/momentos da festa? Por quê? O momento da celebração e a carreata, estes são momentos de louvar e agradecer a Deus pelas bênçãos alcançadas durante o ano, a carreata passa pela cidade com carros ornamentados carregando São Benedito, o padre e algumas pessoas que preparam a celebração. Depois sempre tem o leilão onde independente de religião as pessoas participam colaboram doando ou comprando prendas, cujo valor é revertido para a igreja, antigamente eu gostava muito de cantar com meu irmão e amigos na barraca para alegrar as pessoas, muitas vezes atravessávamos a madrugada.

9) Qual o momento da festa que você considera mais importante? Por quê? A procissão e a missa do produtor

10) O que você considera que poderia ser modificado? Melhorar a forma de leiloar as prendas ofertadas, melhorar a divulgação da tradicional festa ao Padroeiro São Benedito.

11) Você considera que este evento seja importante para a cidade? Por quê? Sim. Principalmente para os católicos este é um momento de muita interação entre as famílias.

12) Você participou ou frequentou o cruzeiro, primeiro local de prece a São Benedito? Sim, na minha adolescência participava dos terços junto com minha mãe, era muito emocionante participar das rezas e ouvir os cânticos e eu gostava muito de tocar e cantar os hinos ali no coreto, e de tocar o sino que era pendurado em um poste bem alto.

13) Você sabe explicar que motivo ou situação levou a escolha de São Benedito como padroeiro da cidade? Acredito que foi pelo fundador de Acreúna se chamar Benedito e por Sr. Carmo Gramulha ser devoto de São Benedito.

14) Quem foram as pessoas que participaram dessa escolha e quais critérios usaram? Naquela época os primeiros moradores que se reuniram para louvar e agradecer a Deus, o santo deve ter sido escolhido para homenagear Benedito Arystogogo de Mello e as famílias devotas de Acreúna.

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA: São Benedito Padroeiro de Acreúna: História e Tradição Cultural.

1) Dados pessoais

a) Nome: DILZA ALVES DE OLIVEIRA COSTA

b) Idade: 58 c) Tempo de residência em Acreúna: 50 ANOS

2) Você tem ou já teve algum vínculo direto com a Igreja Católica?

a) (X) sim b) () não c) () sim, mas deixei de ter

3) Qual evento oficial da cidade de Acreúna que você mais gosta? Por quê? Como faço parte de 05 pastorais, gosto de todos, mas preferencialmente a festa em louvor à São Benedito, e a missa do produtor rural.

4) Você conhece e acompanha a evolução da tradição ao Santo Padroeiro de Acreúna, São Benedito? a) Sim (X) b) Não ()

5) Há quanto tempo? Desde que mudei pra Acreúna em 1968, quando a igreja matriz era uma palhoça, ao lado tinha um salão paroquial.

6) Tem percebido mudança(s) neste período? Sim. bastante significativa a comunidade cristã evoluiu de acordo com o que propõe a santa madre igreja.

7) Quais mudanças você considera mais importante? A participação da comunidade em todas as pastorais entendimento significativo da doutrina da igreja católica, os setores da cidade foram divididos em comunidades e estas comunidades tem suas capelas que celebram toda semana e pessoas responsáveis, a igreja também conta com um conselho pastoral efetivo, que auxilia o nosso pároco em todas as necessidades da igreja, outro ponto relevante e a consciência da devolução do dizimo, que mantém as necessidades da comunidade.

8) Quais as principais fases/momentos da festa? Por quê? Preparação, durante, depois.

9) Qual o momento da festa que você considera mais importante? Por quê? Gosto muito da parte litúrgica que são as novenas, e o final que tem um leilão de gado e um almoço comunitário que envolve todas as famílias e comunidade em geral.

10) O que você considera que poderia ser modificado? No meu ponto de vista é preciso dar abertura para outras pessoas da comissão de festa.

11) Você considera que este evento seja importante para a cidade? Por quê? Sim. já virou tradição para a cidade. é o que mais me encanta que não se vende bebida alcoólica, o clima é agradável e descontraído.

12) Você participou ou frequentou o cruzeiro, primeiro local de prece a São Benedito? Não. Porque era muito pequena, não lembro.

13) Você sabe explicar que motivo ou situação levou a escolha de São Benedito como padroeiro da cidade? O fundador da cidade senhor Benedito Arystogogo de Melo era devoto de São Benedito segundo a tradição de sua família. e como era muito católico deram o nome da paróquia em sua homenagem.

14) Quem foram as pessoas que participaram dessa escolha e quais critérios usaram? Pelo que conta os mais velhos, foram o prefeito da cidade de Paraúna da época, um dos pioneiros de Acreúna senhor Carmo Gramulha, que ainda vive, o próprio Benedito Arystogogo de Melo, o senhor José Gomes Sandim que na época tinha com filho político José Gomes Filho, alguns deputados e políticos. é uma pergunta é respondida de acordo com a fala dos mais velhos.

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA: São Benedito Padroeiro de Acreúna: História e Tradição Cultural.

1) Dados pessoais

a) Nome: CLARICE MARIA MAGALHÃES FERREIRA

b) Idade: 43 anos c) Tempo de residência em Acreúna: 23 ANOS

2) Você tem ou já teve algum vínculo direto com a Igreja Católica?

a) () sim b) () não c) (X) sim, mas deixei de ter

3) Qual evento oficial da cidade de Acreúna que você mais gosta? Por quê? FESTA EM LOUVOR A SÃO BENEDITO

4) Você conhece e acompanha a evolução da tradição ao Santo Padroeiro de Acreúna, São Benedito?

a) Sim (X) b) Não ()

5) Há quanto tempo? HÁ 23 ANOS

6) Tem percebido mudança(s) neste período? Embora a festa seja tradicional com missa e quermesse de prendas doadas pela comunidade, houve uma grande evolução, pois quando a conheci vendiam bebidas alcoólicas, hoje isto ocorre mais, tornou-se proibido, fato este que foi imposto pela igreja e bem aceito pela comunidade. E também anteriormente havia a participação de escolas estaduais e municipais durante a missa, hoje isto não ocorre mais.

7) Quais mudanças você considera mais importante? As duas citadas.

8) Quais as principais fases/momentos da festa? Por quê? A festa tem um tema, e um roteiro de preparatório que acaba por envolver toda a comunidade católica e de certa forma o comércio, pois é comum ver pessoas que nem são católicas doar prendas para que sejam leiloadas e consequentemente revertidas em renda para a igreja

9) Qual o momento da festa que você considera mais importante? Por quê? Como não sou católica, para mim o mais interessante é o leilão das prendas, pois a comunidade senta e se diverte em torno de um objetivo comum. Acaba por ocorrer uma socialização.

10) O que você considera que poderia ser modificado? Nada, a festa é tradicional, mas bonita e agradável. Na verdade ela é sempre esperada por toda a comunidade (gera alegria).

11) Você considera que este evento seja importante para a cidade? Por quê? Muito, além de ser tradicional, movimentava a cidade e promove a socialização entre seus participantes.

12) Você participou ou frequentou o cruzeiro, primeiro local de prece a São Benedito? Não, pois não morava em Acreúna.

13) Você sabe explicar que motivo ou situação levou a escolha de São Benedito como padroeiro da cidade? Não

14) Quem foram as pessoas que participaram dessa escolha e quais critérios usaram? Não.

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA: São Benedito Padroeiro de Acreúna: História e Tradição Cultural.

- 1) Dados pessoais: a) Nome: Rosângela da Silva Paiva Gomes b) Idade: 48 anos
c) Tempo de residência em Acreúna: 48 ANOS
- 2) Você tem ou já teve algum vínculo direto com a Igreja Católica?
a) () sim b) () não c) () sim, mas deixei de ter
- 3) Qual evento oficial da cidade de Acreúna que você mais gosta? Por quê? Para nós católicos é a festa do Padroeiro São Benedito. Por ser um momento agradável onde a comunidade se reúne para confraternizar.
- 4) Você conhece e acompanha a evolução da tradição ao Santo Padroeiro de Acreúna, São Benedito?
a) Sim () b) Não ()
- 5) Há quanto tempo? HÁ 20 ANOS
- 6) Tem percebido mudança(s) neste período? Sim.
- 7) Quais mudanças você considera mais importante? Percebo que as pessoas participam, mas hoje com menos compromisso, antigamente eram as famílias que preparavam toda a festa, desde as prendas até a barraca.
- 8) Quais as principais fases/momentos da festa? Por quê? Como é uma novena – temos a novena em honra a São Benedito os nove dias e também a santa missa, logo após a missa todos vão para a barraca ao lado da igreja matriz onde acontecem os leilões; as prendas doadas pela comunidade os trabalhos na barraca são todos doados pela comunidade (trabalho voluntário).
- 9) Qual o momento da festa que você considera mais importante? Por quê? O primeiro momento é a santa Missa, onde podemos agradecer as bênçãos recebidas durante todo o ano, e no dia de São Benedito 04 de abril onde o povo demonstra sua devoção através de uma bonita carreata.
- 10) O que você considera que poderia ser modificado? Na minha opinião em nada, pois se mudar mudaria a tradição popular de uma cidade.
- 13) Você considera que este evento seja importante para a cidade? Por quê? Sim. Claro é a tradição da cidade que não podemos deixar acabar. Meus pais participaram, eu participo e ensino aos meus filhos a participarem.
- 14) Você participou ou frequentou o cruzeiro, primeiro local de prece a São Benedito? Não, nasci no ano de 1971, e no ano de 1978 chegou a primeira religiosa em Acreúna, onde deu início a construção da igreja matriz, antes as celebrações eram feitas no barracão de palha ao lado da atual matriz.
- 15) Você sabe explicar que motivo ou situação levou a escolha de São Benedito como padroeiro da cidade? Acredito que foi pelo fundador de Acreúna se chamar Benedito.
- 14) Quem foram as pessoas que participaram dessa escolha e quais critérios usaram? O fundador da cidade e os primeiros moradores juntos com os responsáveis pela igreja que aqui ajudavam.

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA: São Benedito Padroeiro de Acreúna: História e Tradição Cultural.

1) Dados pessoais

a) Nome: Ilma Eugênia Martins b) Idade: 85 c) Tempo de residência em Acreúna: 49 ANOS

2) Você tem ou já teve algum vínculo direto com a Igreja Católica?

a) (X) sim b) () não c) () sim, mas deixei de ter

3) Qual evento oficial da cidade de Acreúna que você mais gosta? Por quê? FESTA EM LOUVOR A SÃO BENEDITO

4) Você conhece e acompanha a evolução da tradição ao Santo Padroeiro de Acreúna, São Benedito? a) Sim (X) b) Não ()

5) Há quanto tempo? HÁ 49 ANOS

6) Tem percebido mudança(s) neste período? Tenho, hoje tem muitas pessoas participando jovens, adultos, velhos é muito bom ver tanta gente na igreja, é muito bonito as rezas.

7) Quais mudanças você considera mais importante? Quando a fonte de água era ligada ficava uma beleza a praça, a iluminação chamava muita atenção era muito alegre ver tantas cores da fonte de água. Eu já fiz muita comida pra festa, galinhada, caldo, salgados hoje já não faço mais.

8) Quais as principais fases/momentos da festa? Por quê? As orações eram e ainda é muito lindas, gosto muito de participar da missa, eu sou filha de Maria sempre participei das orações.

9) Qual o momento da festa que você considera mais importante? Por quê? Acho tudo muito bonito às orações o louvor a São Benedito, os leilões têm muita comida e as pessoas ficam felizes e gostam de participar da alegria e conversar com os conhecidos, lembrar dos mais antigos.

10) O que você considera que poderia ser modificado? Nada,

11) Você considera que este evento seja importante para a cidade? Por quê? A festa do padroeiro é muito importante desde a irmã Elisa, quando ela foi embora deixou tudo organizado para a construção da igreja que temos hoje, todo mundo gosta de participar e ajudar.

12) Você participou ou frequentou o cruzeiro, primeiro local de prece a São Benedito? Participei das orações quando ainda era uma palhoça, era um poeirão, mas nós não deixávamos de ir fazer as orações, as quarta-feira, sábados e domingos tocava o sino e nós já estávamos prontos para ir fazer nossas orações em agradecimento a Deus. Na capela tinha a imagem de Santo Antônio, São Benedito e Nossa Senhora Aparecida, a dona Ninola e o Sr. Benedito sempre estavam presentes, o Sr. Carmo Gramulha e da dona Veronice sempre estavam nas orações, a família Paiva e Gomes também. Algumas vezes nos reuníamos na casa das pessoas para fazer as novenas, rezamos o terço e agradecíamos as bênçãos que recebíamos de Deus. A Dona Ninola e o Sr. Benedito gostava muito quando a reunião era na casa deles. Eles eram muito bons pra pessoas, eu comprei dois lotes do Sr. Benedito e paguei lavando roupa e cozinhando para eles.

13) Você sabe explicar que motivo ou situação levou a escolha de São Benedito como padroeiro da cidade? Em homenagem ao fundador da cidade o Sr. Benedito.

14) Quem foram as pessoas que participaram dessa escolha e quais critérios usaram?

Na época nós fazíamos muitas reuniões e as pessoas achavam que Sr. Benedito merecia ser homenageado, ele ajudava muitas pessoas a conseguir seu lote, pagavam como podiam e assim a cidade foi crescendo, antigamente não tinha muita coisa pra fazer em Acreúna, as mulheres convidavam as pessoas para se reunir e muitas vezes nos rezávamos, cantávamos era muita alegria louvar a Deus, hoje a cidade cresceu muito quase não se faz mais novenas nas casas das pessoas, se reuni mas nas capelas dos bairros e na igreja do centro Paróquia São Benedito, Acreúna hoje está muito bonita.

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA: São Benedito Padroeiro de Acreúna: História e Tradição Cultural.

1) Dados pessoais

a) Nome: Deisy Gonçalves de Moraes b) Idade: 49 anos

c) Tempo de residência em Acreúna: 49 ANOS

2) Você tem ou já teve algum vínculo direto com a Igreja Católica?

a) (X) sim b) () não c) () sim, mas deixei de ter

3) Qual evento oficial da cidade de Acreúna que você mais gosta? Por quê? A festa do padroeiro era o que eu mais gostava quando era criança e adolescente, pois meus pais João Vieira (Curiango) e minha saudosa mãe Hilda Gonçalves foram atuantes dentro da igreja, realizava limpeza, confecção de roupas para a Irmã Elisa, altar e outros objetos (eucarísticos) que já não sei mais o nome. O meu pai gritou as prendas do leilão por muitos anos.

4) Você conhece e acompanha a evolução da tradição ao Santo Padroeiro de Acreúna, São Benedito?

a) Sim (X) b) Não ()

5) Há quanto tempo? HÁ 30 ANOS ou mais

6) Tem percebido mudança(s) neste período? Tenho percebido varias mudanças.

7) Quais mudanças você considera mais importante? Dentre elas a proibição de bebidas alcoólicas e alguns tipos de prendas, através da bebida a pessoa pode arrematar prendas superfaturadas trazendo consequências posteriores, acredito sendo ser mudança positiva.

8) Quais as principais fases/momentos da festa? Por quê? Em minha opinião uma das etapas mais importantes da festa é a celebração da novena do padroeiro, onde as pessoas celebram a sua fé e a sua história, outro momento é a confraternização na barraca do leilão (Barraca da Amizade), gostaria que voltasse a comunidade escolar ser escalada para atuar na liturgia com os alunos, funcionários e pais onde havia uma dramatização do evangelho ou das leituras bíblicas, as escolas faziam faixas arrecadavam alimentos para doar aos necessitados, prendas para o tradicional leilão.

9) Qual o momento da festa que você considera mais importante? Por quê? A celebração da missa e o leilão.

10) O que você considera que poderia ser modificado? Retornar a participação das escolas na liturgia e arrecadação de prendas.

11) Você considera que este evento seja importante para a cidade? Por quê? Considero este evento (festa) muito importante porque movimentava a cidade e a participação da comunidade momento esse que poderá trazer algum membro da igreja que se afastou

12) Você participou ou frequentou o cruzeiro, primeiro local de prece a São Benedito? Não tenho lembrança de participar de reza ou celebrações no cruzeiro, pois ainda era muito nova.

13) Você sabe explicar que motivo ou situação levou a escolha de São Benedito como padroeiro da cidade? De acordo com relatos de pioneiros e até mesmo da dona Tereza Mello nora do Sr. Benedito foi escolhido pelo fundador da cidade Benedito Arystogogo de Mello.

14) Quem foram as pessoas que participaram dessa escolha e quais critérios usaram? Desconheço, mas de acordo com relatos o fundador do município escolheu e foi aceito o seu desejo.

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA: São Benedito Padroeiro de Acreúna: História e Tradição Cultural.

1) Dados pessoais

a) Nome: JOÃO VIEIRA DE MORAES

b) Idade: 72

c) Tempo de residência em Acreúna: 49 ANOS

2) Você tem ou já teve algum vínculo direto com a Igreja Católica?

a) (X) sim b) () não c) () sim, mas deixei de ter

3) Qual evento oficial da cidade de Acreúna que você mais gosta? Por quê? A festa em louvor a São Benedito porque é uma tradição do lugar e é onde encontramos os amigos antigos

4) Você conhece e acompanha a evolução da tradição ao Santo Padroeiro de Acreúna, São Benedito?

a) Sim (X) b) Não ()

5) Há quanto tempo? DESDE O ANO DE 1969.

6) Tem percebido mudança(s) neste período? As mudanças têm ocorrido de acordo com a igreja, cada vez que chega um padre novo na Paróquia tem ideias novas e sempre ocorrem mudanças boas na maioria das vezes. Hoje em dia não se vende mais bebidas alcoólicas nas barracas para preservar as famílias e não incentivar principalmente os jovens.

7) Quais mudanças você considera mais importante? Cada mudança tem um significado e não saberia dizer a mais importante.

8) Quais as principais fases/momentos da festa? Por quê? Sinto que todas as fases da festa são importantes, as orações (missa, novena) são de agradecimento ao padroeiro pelas conquistas do dia a dia, a procissão para mim é a renovação da Fé e os leilões são para aproximar e alegrar todas as famílias e participantes através da comida e bebida vendidas na barraca.

9) Qual o momento da festa que você considera mais importante? Por quê? Eu gosto muito dos leilões pois, atuo como leiloeiro a mais de 30 anos, através dos leilões conseguimos apresentar as pessoas que doaram as prendas e vendemos as mesmas para arrecadar um bom dinheiro para ajudar a Paróquia.

10) O que você considera que poderia ser modificado? Nada, a festa é tradicional e reúne as pessoas que muito estimamos

11) Você considera que este evento seja importante para a cidade? Por quê? Gosto muito da festa, é nossa tradição, acompanha desde o início sou atuante e fico feliz em ver acontecer todo ano.

12) Você participou ou frequentou o cruzeiro, primeiro local de prece a São Benedito? Sim, acompanhei junto com minha esposa Hilda, meus familiares e amigos.

13) Você sabe explicar que motivo ou situação levou a escolha de São Benedito como padroeiro da cidade? Penso ser para homenagear o nosso fundador.

14) Quem foram as pessoas que participaram dessa escolha e quais critérios usaram? Foi por indicação dos moradores, a homenagem ao nosso fundador.

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA: São Benedito Padroeiro de Acreúna: História e Tradição Cultural.

1) Dados pessoais

a) Nome: TEREZINHA DIAS SILVA b) Idade: 81 anos

c) Tempo de residência em Acreúna: 43 ANOS

2) Você tem ou já teve algum vínculo direto com a Igreja Católica?

a) (X) sim

b) () não

c) () sim, mas deixei de ter

3) Qual evento oficial da cidade de Acreúna que você mais gosta? Por quê?

FESTA EM LOUVOR A SÃO BENEDITO

4) Você conhece e acompanha a evolução da tradição ao Santo Padroeiro de Acreúna, São Benedito?

a) Sim (X) b) Não ()

5) Há quanto tempo? HÁ 43 ANOS

6) Tem percebido mudança(s) neste período? Tenho, hoje praticamente só vou quando tem alguém para me levar.

7) Quais mudanças você considera mais importante? Ter mais barraquinhas e também das outras cidades.

8) Quais as principais fases/momentos da festa? Por quê? Gosto muito das missas, é muito bom estar perto das pessoas em oração.

9) Qual o momento da festa que você considera mais importante? Por quê? Todas as fases são muito boas, as festas os leilões as missas.

10) O que você considera que poderia ser modificado? Nada,

11) Você considera que este evento seja importante para a cidade? Por quê? A festa do padroeiro é muito importante, nos gostamos de participar e rever os amigos

12) Você participou ou frequentou o cruzeiro, primeiro local de prece a São Benedito? Participei DO PRIMEIRO CRUZEIRO, O MEU PAI "JOSÉ GOMES SANDIM", O JOSÉ CABOCLO que conseguiu, ele reuniu juntamente com o sr. Carmo gramulha as pessoas para rezar

13) Você sabe explicar que motivo ou situação levou a escolha de São Benedito como padroeiro da cidade? Em homenagem ao seu nome: Benedito a primeira Igreja

14) Quem foram as pessoas que participaram dessa escolha e quais critérios usaram? Os fiéis da época.

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA: São Benedito Padroeiro de Acreúna: História e Tradição Cultural.

1) Dados pessoais: a) Nome: Veronice Silva b) Idade: 84 anos
c) Tempo de residência em Acreúna: 52 ANOS

2) Você tem ou já teve algum vínculo direto com a Igreja Católica?
a) (x) sim b) () não c) () sim, mas deixei de ter

3) Qual evento oficial da cidade de Acreúna que você mais gosta? Por quê? As festas da igreja, inclusive já nos fizemos uma festa de São Benedito com intuito de arrecadar dinheiro para a construção da igreja.

4) Você conhece e acompanha a evolução da tradição ao Santo Padroeiro de Acreúna, São Benedito?
a) Sim (X) b) Não ()

5) Há quanto tempo? Após um ano de moradia nossa em Acreúna no ano de 1968.

6) Tem percebido mudança(s) neste período? Muitas mudanças tem ocorrido com o passar dos tempos, a festa tem acompanhado a evolução para todas as idades participarem.

7) Quais mudanças você considera mais importante? Foram criados muitos eventos que envolvem a população, barracas de brinquedos para as crianças, comidas variadas.

8) Quais as principais fases/momentos da festa? Por quê? São nove dias de festas com as novenas e leilões, as missas são muito boas, atualmente a festa se encerra com a missa para os agricultores e tudo fica muito organizado e bonito.

9) Qual o momento da festa que você considera mais importante? Por quê? Os momentos de reza e os leilões.

10) O que você considera que poderia ser modificado? As festas em louvor a São Benedito me agradam bastante, não queria que modificasse nada.

11) Você considera que este evento seja importante para a cidade? Por quê? Sim, para o bem da cidade, o conhecimento, a União, com tudo o que é arrecadado no evento, que isso ajuda não só a igreja, mas a população também.

12) Você participou ou frequentou o cruzeiro, primeiro local de prece a São Benedito? Sim, foi eu e meu marido Carmo que colocamos a pedra fundamental da igreja.

13) Você sabe explicar que motivo ou situação levou a escolha de São Benedito como padroeiro da cidade? Porque o dono do loteamento da cidade chamava Benedito Arystogogo e ele era devoto de São Benedito, por isso colocou São Benedito como padroeiro de Acreúna.

14) Quem foram as pessoas que participaram dessa escolha e quais critérios usaram? Eu, meu marido Carmo, o senhor Roldão, Benedito Arystogogo junto com sua esposa Ana Nastre (Ninola) e o Bispo Dom Antônio de Oliveira Pereira.

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA: São Benedito Padroeiro de Acreúna: História e Tradição Cultural.

1) Dados pessoais:

a) Nome: Padre Paulo Ricardo Moreira Vivaldo

b) Idade: 32 anos

c) Tempo de residência em Acreúna: 3 anos

2) Qual seu vínculo com a Igreja Católica?

Sou Pároco da Paróquia São Benedito, posse em 05 de agosto de 2016.

1) Qual a importância da Festa de São Benedito para Acreúna e como é escolhido o Santo padroeiro da Cidade?

“A Festa do padroeiro é fundamental no processo de evangelização de uma paróquia”. Ela nos ajuda a congregar o povo de Deus, no nosso caso, em torno da Devoção a São Benedito O objetivo é integrar a comunidade, promover a paz e atender ao apelo do Papa Francisco de ser uma Igreja que vai de encontro ao fortalecimento da fé. “Não nego o benefício que isso traz para o município, para a estrutura da cidade, pelo reconhecimento do município entre os outros, e até mesmo pelo próprio envolvimento do comércio”.

2) Como é escolhido o nome do padroeiro?

Às vezes essa devoção surge por meio uma pessoa que traz uma imagem, uma Novena etc: Geralmente é algo que vem da tradição do povo. Antigamente ainda mais. Leva-se em conta a devoção que se tem no lugar.

3) A igreja tem algumas normas e critérios para fazer a escolha?

Normas específicas não que eu saiba. Quem decide de fato é o bispo que emana um decreto de criação de uma paróquia. Pede opiniões aos conselhos diocesanos e paroquiais. E procura usar de bom senso.